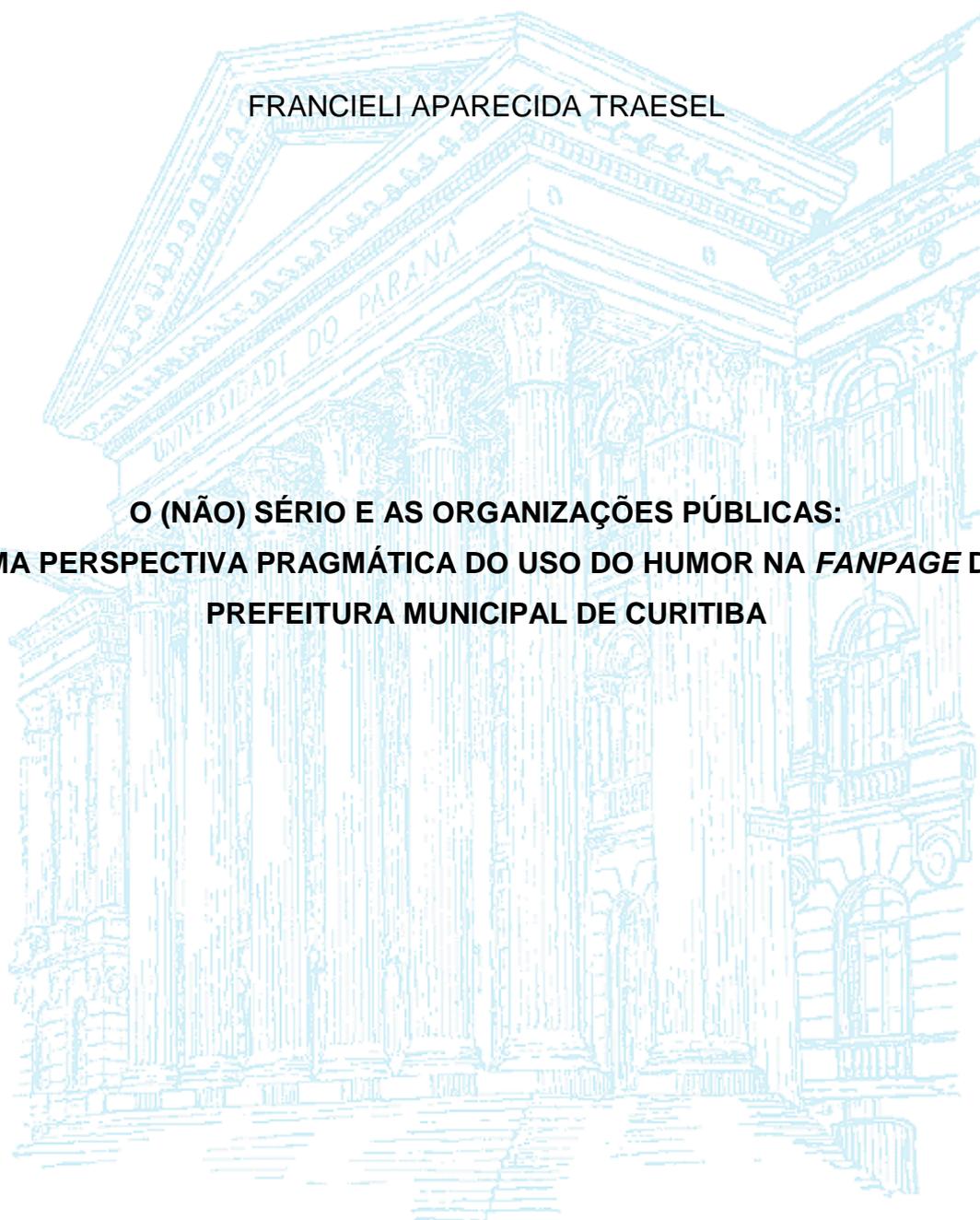


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FRANCIELI APARECIDA TRAESEL

**O (NÃO) SÉRIO E AS ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS:
UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA DO USO DO HUMOR NA *FANPAGE* DA
PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA**



CURITIBA

2016

FRANCIELI APARECIDA TRAESEL

**O (NÃO) SÉRIO E AS ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS:
UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA DO USO DO HUMOR NA *FANPAGE* DA
PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, Área de concentração Comunicação e Sociedade, Linha de Pesquisa Comunicação, Educação e Formações Socioculturais, Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Jair Antonio de Oliveira

CURITIBA

2016

Catálogo na publicação
Sistema de Bibliotecas UFPR
Biblioteca do Campus Cabral

Traesel, Francieli Aparecida

O (não) sério e as organizações públicas: uma perspectiva pragmática com uso do humor na fanpage da Prefeitura Municipal de Curitiba / Francieli Aparecida Traesel – Curitiba, 2016.

109 f.

Orientador: Prof. Dr. Jair Antonio de Oliveira

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

1. Linguagem - Comunicação. 2. Comunicação organizacional - Linguagem - Análise do discurso. 3. Administração pública - Curitiba (PR) - Comunicação de massa. I.Título.

CDD 302



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
Rua Bom Jesus, 650 – Juvevê - Fone: 3313-2025

FRANCIELI APARECIDA TRAESEL

ATA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata da Sessão Pública, de defesa de dissertação para obtenção do Título de Mestre em Comunicação. No dia 24 de fevereiro de 2016, às 09h00min, na Sala do Conselho do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, reuniu-se a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, composta pelos Professores Doutores Celsi Brønstrup Silvestrin, Luzia Schalkoski Dias (PUC) e Jair Antônio de Oliveira, orientador e presidente da Banca Examinadora, com a finalidade de julgar a dissertação da candidata **FRANCIELI APARECIDA TRAESEL**, intitulada “O (NÃO) SÉRIO E AS ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS: UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA DO USO DO HUMOR NA FANPAGE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA”, para obtenção do grau de mestre em Comunicação. O desenvolvimento dos trabalhos seguiu o roteiro de sessão de defesa estabelecido pela coordenação do curso, com abertura, condução e encerramento da sessão solene de defesa feito pelo orientador Dr. Jair Antônio de Oliveira. Após haver analisado o referido trabalho e arguido a candidata, os membros da banca examinadora deliberaram pela “*aprovação com distinção*” da acadêmica, habilitando-a ao título de Mestre em Comunicação, linha de pesquisa “Comunicação, Educação e Formações Socioculturais” da área de concentração em “Comunicação e Sociedade”, desde que apresente a versão definitiva da dissertação conforme regimento interno do programa. Curitiba, 24 de fevereiro de 2016.

Profa. Dra. Luzia Schalkoski Dias (PUC)

Profa. Dra. Celsi Brønstrup Silvestrin

Prof. Dr. Jair Antônio de Oliveira
Orientador e presidente da banca examinadora



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
Rua Bom Jesus, 650 – Juvevê - Fone: 3313-2025

FRANCIELI APARECIDA TRAESEL

PARECER

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, do Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, após arguir a candidata FRANCIELI APARECIDA TRAESEL, em relação ao seu trabalho de dissertação intitulado “O (NÃO) SÉRIO E AS ORGANIZAÇÕES PÚBLICAS: UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA DO USO DO HUMOR NA FANPAGE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA” é de parecer favorável à *aprovação com distinção* da acadêmica, habilitando-a ao título de *Mestre* em Comunicação, linha de pesquisa “Comunicação, Educação e Formações Socioculturais” da área de concentração em Comunicação e Sociedade. Curitiba, 24 de fevereiro de 2016.

Profa. Dra. Luzia Schalkoski Dias (PUC)

Profa. Dra. Celsi Brönstrup Silvestrin

Prof. Dr. Jair Antônio de Oliveira
Orientador e presidente da banca examinadora

A meus pais, Neusa e Mirton.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir essa experiência que me trouxe tantos aprendizados.

Aos meus pais - Mirton e Neusa - pelo amor, confiança e apoio incondicionais. E por serem compreensivos sobre minhas ausências estudando longe de casa. Às minhas irmãs e sobrinho - Luciana, Lucieli e Leonardo - pelas longas horas de conversa e as risadas do pequeno ao telefone que me confortaram em muitos momentos. Aos tios e tias pelas orações e motivação de sempre, em especial tio Moacir, tia Berenice, tia Josélia e tia Eliane.

Aos professores Dr. Jair Antonio de Oliveira, meu orientador, pelas orientações e pela cafeína inspiradora na discussão do trabalho, e ao Dr. Elias José Mengarda, *in memoriam*, por ter me apresentado a Pragmática e me incentivado à carreira acadêmica.

A todos os amigos do mestrado, especialmente pelo carinho da Luciane Belin, Camila Carbornar, Fernanda Cavassana, Maiara Orlandini, Maiara Carvalho, Dayana Moreira, do Otávio Ávila e do Luiz Ricardo Linch. Também à colega de orientador e amiga Naiara Longhi Maia, por todo o suporte emocional, empréstimos de livros, parceria nos artigos e amizade. Aos colegas de grupo de pesquisa - Fabiana Pelinson e Humberto de Souza - pelas conversas enriquecedoras e pelos direcionamentos.

À Renata Grunennvaldt e Luciana Klein por me receberem tão bem em Curitiba. À Annye Bastos que, ao vir morar conosco depois, me trouxe o presente de outras lições. Agradeço, meninas, pelo aprendizado do nosso convívio, pelo incentivo e compreensão nesta etapa.

À Kátia Antunes, Patrícia e Fernanda Barbosa por sempre acreditarem no meu esforço e por não me deixarem desanimar.

Aos amigos da graduação, em especial a Daniela Tondolo, Caiani Martins, Laize Turra, Aline Rechmann e Jean Prado. O carinho e a torcida de vocês continuam sendo luzes na minha vida.

RESUMO

O humor, embora consista numa prática linguística muito enraizada na nossa cultura, enfrenta uma série de restrições e críticas quando usado por uma organização governamental. Constantemente, os indivíduos se esforçam para controlar os conteúdos e formas dos discursos na sociedade, visando ora manter, ora alterar certos usos linguísticos em situações comunicativas “locais”. Por este motivo, investigar como os indivíduos praticam a linguagem nos permite compreender que concepções e funções estes atribuem à linguagem, à comunicação e ao humor, sobretudo quando envolvem uma organização governamental. Além disso, é possível intervir nessas concepções operando com os argumentos dos próprios usuários. A fim de problematizar a performance do sério/não-sério nesse contexto, desenvolvemos uma pesquisa de natureza qualitativa de cunho descritivo e interpretativo. Para cumprir com a proposta geral, escolhemos 116 comentários da seção de avaliações da *fanpage* da Prefeitura de Curitiba a fim de verificar como os critérios platônicos que excluíram o não-sério da filosofia moderna foram relocalizados nesses discursos. Depois, para intervir nesses argumentos, substituímos a operação retórica centrada em critérios de verdade/falseabilidade por uma perspectiva pragmática (MEY, 1985; 1993; RAJAGOPALAN, 2010; 2014) com foco na performatividade da linguagem. A pesquisa, portanto, fundamenta-se em teorias que defendem que a hierarquia de um discurso sério sobre um não-sério não pode ser sustentada, pois para isso teríamos que considerar que a linguagem representa o mundo, invocando uma série de “presenças” metafísicas incluindo um sentido correto/literal para os atos de fala (ARROJO, 2003). Com as reflexões da Pragmática e da Desconstrução, o uso da linguagem é tomado como ação por meio dos conceitos de iterabilidade (DERRIDA, 1991b; CULLER, 1997) e performatividade (AUSTIN, 1990; LOXLEY, 2007; OTTONI, 1998). O conceito de humor que adotamos, que é afim dessas perspectivas, é a do humor como a percepção de uma incongruência apropriada (ORING, 1992; 2003). A análise dos dados demonstrou que tanto críticas quanto elogios ao estilo adotado pela *fanpage* se pautam por uma divisão entre “sério” e “não sério”, relocalizando os critérios platônicos de real, verdadeiro e imparcial nos ideais de transparência, comunicabilidade/interatividade e relevância/interesse público. Interpretamos também uma frustração sobre aquilo que está sendo dito na página, sob a forma humorística, não refletir “a realidade” do cidadão curitibano. Além disso, o humor, quando avaliado positivamente, não é pela capacidade de exercer o mesmo papel que o “sério”, mas por atrair os indivíduos para um “lugar” onde poderão encontrar “informações úteis e verdadeiras”. Por fim, concluímos que expressões como transparência, interesse público, sério, não-sério, etc. só podem ser compreendidas enquanto metáforas, que são práticas locais de linguagem (PENNYCOOK, 2010) cujo sentido é negociado em cada uso, e não como presenças transcendentais.

Palavras-chave: Humor. Performativo. Comunicação. Desconstrução.
Prefeitura de Curitiba.

ABSTRACT

Humor, although it is a well established language practice within our culture, its practice deals with a series of restrictions and criticism while used by a governmental organization. People constantly make efforts to control the content and the discursive forms in society. Sometimes they aim to keep some language uses as well, sometimes they may change them in local communicative situations. For this reason, researching on how people practice language allows us to understand which concepts and functions they assign to language, communication and humor, mainly related to a governmental organization. Furthermore, it is possible to intervene in these concepts using users arguments themselves. On purpose to discuss serious/non-serious performance in this context, we develop a qualitative research by a descriptive and interpretative analysis. To reach the overall objective, we chose 116 comments from Curitiba's Local Authority on its Facebook assessment section to verify how Plato's criteria for non-serious discourse exclusion from modern philosophy can be a case of relocalization in those assessments. After, to intervene in those arguments, we switch from reality/non-reality judgments to a Pragmatic's perspective of language (MEY, 1985; 1993; RAJAGOPALAN, 2010; 2014) with regard to Performativity. Thus, this research is based in theories that support there's no serious discourse hierarchy over a non-serious one, because in this case we should admit language as a description of the world, calling for metaphysical presence, including a literal meaning for each speech act (ARROJO, 2003). Through Pragmatics and Deconstruction, the use of language is interpreted as action by means of iterability (DERRIDA, 1991b; CULLER, 1997) and Performativity (AUSTIN, 1990; LOXLEY, 2007; OTTONI, 1998). The concept of humor we adopted is humor as a perception of an appropriate incongruity (ORING, 1992; 2003). The data analysis shows that both criticism and compliment to the fanpage use of language are guided by a division of serious and non-serious, relocating real, truth and impartial Plato's criteria to ideals of transparency, communicability/interactivity and relevance/public interest. We also interpreted a frustration about what is being said on Facebook, under a humorous form, does not reflect Curitiba's citizen "reality". In addition, humor's positive assessments are not due to its ability to do the same role of serious discourse, but to attract people to a "place" where they can find "true and useful information". Finally, we conclude that expressions like transparency, public interest, serious, non-serious, etc. only should be understood as metaphor, as local practice of language (PENNYCOOK, 2010) which meaning is negotiated in each use, not as transcendental presence.

Keywords: Humor. Performativity. Communication. Deconstruction.
Curitiba's Local Authority.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	14
2.1 O <i>FACEBOOK</i> DA PREFEITURA DE CURITIBA	14
2.2 A ABORDAGEM PRAGMÁTICA	18
2.2.1 Procedimentos para escolha dos dados	20
3 DISCUTINDO O SÉRIO/NÃO-SÉRIO	23
3.1 PLATÃO EXPULSA A EMOÇÃO DA REPÚBLICA.....	23
3.1.1 Platão e o <i>phármakon</i>	27
3.1.2 O sujeito e o objeto em Platão	28
3.2 DESCONSTRUINDO O (NÃO) SÉRIO: DERRIDA E AUSTIN.....	29
3.2.1 Austin e o performativo: a insolubilidade do sujeito e do objeto e o desmantelamento da “intenção do falante”	31
3.2.2 Performatividade, iterabilidade e comunicação	35
3.2.3 O humor de Austin e a controvérsia sobre uma exclusão do não-sério na abordagem do performativo	40
3.3 UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA PARA O (NÃO) SÉRIO.....	45
3.3.1 Linguagem como prática local.....	48
4 O HUMOR	52
4.1 A PERCEPÇÃO DE UMA INCONGRUÊNCIA APROPRIADA.....	53
5 ANÁLISE	57
5.1 HUMOR E A (NÃO) REALIDADE	60
5.2 HUMOR E O (NÃO) TRIVIAL	68
5.3 HUMOR E SEU (NÃO) LUGAR.....	72
5.4 HUMOR E O (NÃO) SÉRIO.....	75
6 CONCLUSÃO	77
REFERÊNCIAS	81
ANEXOS	84
ANEXO 1 - SELEÇÃO DE AVALIAÇÕES 1 ESTRELA	84
ANEXO 2 - SELEÇÃO DE AVALIAÇÕES 2 ESTRELAS	95
ANEXO 3 - SELEÇÃO DE AVALIAÇÕES 3 ESTRELAS	97
ANEXO 4 - SELEÇÃO DE AVALIAÇÕES 4 ESTRELAS	101
ANEXO 5 - SELEÇÃO DE AVALIAÇÕES 5 ESTRELAS	106

1 INTRODUÇÃO

O humor não tem nada a dizer. E falar sério sobre o humor é participar de uma trivialidade, já que existe uma presunção de que o que é importante não pode emergir da contemplação do trivial. Essa hipótese de Oring (2003) sobre o “significado” do humor nas interações sociais pode ser testemunhada nas conversações do cotidiano, na filosofia e na área científica, práticas cujo envolvimento ético e político dos usuários na linguagem frequentemente se pauta por oposições como sério/não-sério, literal/figurado, verdadeiro/falso, etc. Esses critérios indicam o modo como aprendemos a lidar com o conhecimento e a linguagem desde Platão, quando este delineou o campo da filosofia moderna: o modelo racionalista acabou criando explicações para o mundo baseadas em oposições hierárquicas. Em consequência disso, a narrativa - bem como o humor, a poesia e a emoção - foi relegada a uma ordem de subordinação à prosa - a verdade, a moralidade, o sério (HAVELOCK, 1996; RAJAGOPALAN, 2010; DERRIDA, 1991a; 1991b; OLIVEIRA, 2010).

Por supormos que há "um desejo de manter o discurso sério *imaculado*, livre das marcas estilísticas geralmente aceitas apenas em práticas discursivas consideradas não sérias” (RAJAGOPALAN, 2010, p.155), o objetivo principal desta investigação é o de problematizar a performance do sério/não-sério no *Facebook* da Prefeitura Municipal de Curitiba.

Consideramos que esse estudo é importante porque as práticas de linguagem compreendem certas crenças, valores e funções atribuídas à Comunicação¹ – e também ao humor, de modo específico -, fatores que, uma vez investigados, nos permitem fazer intervenções não apenas nas teorias correntes do campo, como também no senso comum dos indivíduos sobre o tema, incluindo aqueles que respondem pelas organizações, de modo a contribuir com o movimento geral dessas práticas.

De modo a cumprir com o objetivo central da pesquisa, temos como objetivos específicos: a) confrontar os critérios a partir dos quais os seguidores da *fanpage* da Prefeitura de Curitiba recorrem à hierarquia sério/não-sério com as reflexões teóricas

¹ Explicamos a relação entre comunicação e linguagem a partir do performativo no tópico 3.2.2. Como essa abordagem se concentra numa ideia de “ação”, usamos as expressões “prática comunicativa”, “ato de fala”, “ato comunicativo” ou “de comunicação” e “prática linguística” para nos referir a “uso de linguagem”.

da Desconstrução e da Pragmática e; b) analisar como os critérios platônicos da exclusão do não-sério da filosofia moderna são relocalizados² nas avaliações sobre o uso do humor por uma organização pública governamental. Desse modo, o problema de pesquisa pode ser colocado dessa maneira: Se a dicotomia sério/não-sério não se sustenta numa visão performativa da linguagem, como e por que ela faz parte da performance dos usuários na *fanpage* da Prefeitura de Curitiba?

Por uma opção de organização do trabalho, apresentamos primeiramente as escolhas metodológicas da pesquisa, no capítulo 2, por consideramos que uma digressão ao recorte empírico entre o referencial teórico e a análise poderia prejudicar a leitura. Nesta oportunidade, descrevemos algumas características do *Facebook* da Prefeitura de Curitiba, assim como delimitamos o tratamento dado a este site de rede social nesta pesquisa. Como a nossa abordagem se fundamenta na Pragmática, explicamos brevemente como essa teoria “lida com os dados” antes de justificar os procedimentos para escolha dos comentários que analisamos.

O caminho que apresentamos na sequência, no capítulo 3, inicia com a abordagem do sério/não-sério como uma relação dicotômica e hierárquica advinda da metafísica platônica, de modo que o “sério” corresponde à verdade, à realidade, e o “não-sério” às representações enganosas (HAVELOCK, 1996). A repetição desses valores influenciou uma visão de linguagem como “espelho fidedigno” do mundo e dos pensamentos, numa relação em que o indivíduo não se confunde com a experiência (RAJAGOPALAN 2010; 2014; ARROJO, 2003; SHIBLES, 1974).

Todavia, ao analisar usos de linguagem que não podiam ser avaliados pelos critérios de verdade/falseabilidade, Austin (1990) chega à conclusão de que a linguagem não serve para descrever o mundo, mas para realizar ações nele; a linguagem é, portanto, performativa. As leituras e interpretações de seu trabalho, sobretudo de Derrida (1991b), Ottoni (1998) e Rajagopalan (2010; 2014), fizeram emergir um Austin “desconstrutor” dos pilares estabelecidos por Platão, notadamente mostrando a insolubilidade do sujeito e do objeto, o desmantelamento da intenção como presença determinante para o sentido dos enunciados e, sobretudo, a não separação do sério/não-sério quando Austin mesmo usava o humor para fazer sua filosofia. A Desconstrução propriamente dita é uma estratégia filosófica difundida por Derrida (1991a; 1991b), cuja interpretação sobre Austin e o

² Usamos relocalização em vez de recontextualização, conforme a perspectiva de Pennycook (2010) da linguagem como prática local. As razões serão apontadas no tópico 3.3.1.

performativo trouxe-nos a noção de iterabilidade e outros predicados da comunicação não centrada em princípios logocêntricos.

Na esteira das apropriações do performativo de Austin, apresentamos a perspectiva Pragmática (MEY, 1993; RAJAGOPALAN, 2010; 2014), em sua versão não-searliana ou, como Rajagopalan (2010) prefere, a Nova Pragmática. Relacionamos essa abordagem com os tópicos anteriores a fim de criar um entorno para a análise do humor. Como a noção de contexto é muito importante para a compreensão da prática linguística, buscamos aprofundá-la com a contribuição de Pennycook (2010), a partir da linguagem como prática local.

Finalmente, uma perspectiva para “o que é o humor?” que consideramos ser afim daquelas que apresentamos na pesquisa e não causa obstáculos a nossa análise do (não) sério como uma performance de linguagem, é da percepção do humor como uma incongruência apropriada (ORING, 1992; 2003), no capítulo 4.

A análise se concentra no capítulo 5, onde retomamos os critérios da exclusão do (não) sério por Platão e confrontamos com os critérios levantados a partir das avaliações da *fanpage* da Prefeitura de Curitiba. Além disso, discutimos a performance do (não) sério a partir das noções de linguagem apresentadas no referencial teórico: linguagem como ação (Austin e leituras do performativo) e como prática local (PENNYCOOK, 2010), levando em conta as expectativas dos usuários sobre a organização. Finalmente, no capítulo 6, reunimos as conclusões da pesquisa.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo apresentamos o objeto empírico analisado, as definições teórico-metodológicas que sustentam esta investigação, assim como os procedimentos para escolha dos dados analisados. Os procedimentos para análise estão especificados no capítulo 5.

2.1 O FACEBOOK DA PREFEITURA DE CURITIBA

A Prefeitura Municipal de Curitiba teve sua página no *Facebook* criada em 25 de março de 2013 pelos integrantes da Secretaria Municipal de Comunicação Social (SMCS³). Essa equipe é responsável pelas publicações na *fanpage* e pela interação com os cidadãos que a seguem⁴. Em 6 de agosto de 2014 eram pouco mais de 287 mil pessoas vinculadas à *fanpage* (VALENÇA, 2014); em torno de 570 mil em 19 de junho de 2015 (ALVIM, 2015); 606 mil em 27 de julho de 2015 (PREFEITURA DE CURITIBA, 2016); e 743.400 em 03 de janeiro de 2016 (PREFEITURA DE CURITIBA, 2016), considerando que esse número pode variar diariamente, tanto de acordo com as desistências quanto com o surgimento de novos seguidores. Muitos destes não são de (ou não moram em) Curitiba, o que descaracterizaria uma comparação entre o número de seguidores e o total de habitantes da cidade.

De modo geral, algumas notícias que repercutiram sobre o conteúdo da página, como Alvim (2015), Valença (2014) e Inácio (2014), caracterizaram-na

³ O Departamento de Mídias Sociais e Internet da SMCS, na época coordenado por Marcos Vinícius Giovanella, era responsável também pelo Twitter @Curitiba_PMC e pelo InstagramCuritiba_pmc. A equipe sofreu algumas alterações em fevereiro de 2015, quando Giovanella passou ao Departamento de Marketing e Propaganda, da mesma secretaria, e tem seu antigo cargo ocupado por Álvaro Borba, antes jornalista e analista de mídias sociais. É necessário que essa transição seja mencionada porque ela refletiu na produção de conteúdo da página. Os comentários que analisamos nesta pesquisa abrangem os dois períodos, já que o humor está presente em ambos. Apenas a transição de secretário de comunicação social foi divulgada no portal da Prefeitura, na época. As mudanças nos departamentos dessa secretaria foram percebidas ao comparar entrevistados em matérias jornalísticas e a seção da SMCS no portal da Prefeitura em períodos diferentes. Ver, por exemplo, Alvim (2015), Valença (2014) e Inácio (2014).

⁴ Seguir uma *fanpage*, em outros termos, é fazer a assinatura online das atualizações da página escolhida. O *Facebook* é um site de rede social e tem uma dinâmica própria de possibilidades de uso que incluem o compartilhamento de textos, fotos e vídeos entre pessoas ou grupos específicos, além da possibilidade de publicação de conteúdos abertos ao público sem restrições de privacidade, como acontecem com as páginas públicas. Neste último caso, basta curtir (ou dar um *like*) na página e passamos a acompanhar as postagens, comentários, com a possibilidade de avaliar, curtir, comentar, conversar com outros seguidores e com os próprios administradores da página.

como: a) criativa e bem-humorada, porque adota uma linguagem “não comum” para uma instituição pública, o humor; b) nerd, um estereótipo associado a elementos de animação, *video games* e à cultura pop, como “Os Cavaleiros do Zodíaco”, *Game of Thrones*, Iron Maden, Metallica, etc. e; c) interativa.

Entre os conteúdos que fazem parte das publicações da *fanpage* estão: notícias, geralmente reproduzidas do Portal da Prefeitura⁵; campanhas de saúde pública, direitos humanos, etc.; divulgação de pontos turísticos e da loja de *souvenir* Leve Curitiba; trabalhos artísticos, como a série de textos e ilustrações em quadrinhos que tem como tema o curitibano e a cidade de Curitiba; fotos da cidade feitas e compartilhadas pelos seguidores; eventos, como a programação das apresentações de Natal abertas ao público, atividades do mês da consciência negra ou shows da Corrente Cultural; divulgação dos atendimentos dados às solicitações de moradores feitas pelo *Facebook*, como a limpeza do parque Barigui e a sinalização no início de seu lago; homenagens a projetos realizados por moradores, como o da tatuadora que se disponibilizou a cobrir cicatrizes, gratuitamente, de mulheres que passaram por violência; respostas a questionamentos da população nas publicações sinalizadas com “Curitiba responde”; publicações do “Plantão Curitiba” para situações de risco com relação a temporais e; convites aos seguidores da página para audiências públicas.

Já o conteúdo de “referência nerd” e o uso do humor na página não estão presentes em todas as publicações, mas são frequentes. A Prefeitura apresenta, por exemplo: o Pato Donald⁶ aguardando o desembarque em um terminal de ônibus de Curitiba, a Bruxa⁷ que voa de rodo e não de vassoura porque a previsão era de chuva na capital, o Pac Man⁸ percorrendo o mapa da cidade e a reprodução do Museu Oscar Niemeyer no jogo *minecraft*⁹. Em algumas publicações também são mencionadas bandas famosas como a Metallica¹⁰ na divulgação de lâmpadas de

⁵ Em <<http://www.curitiba.pr.gov.br/>>.

⁶ Personagem de desenho animado produzido pela Walt Disney. Ver post em: <<https://goo.gl/rb3WBJ>>.

⁷ Personagem do imaginário popular retratada como uma mulher que voa sobre uma vassoura em noites de lua cheia e pratica maldades. Ver post em: <<https://goo.gl/TpqDwD>>.

⁸ Jogo eletrônico em que o jogador se assemelha a uma cabeça com a boca aberta percorrendo um labirinto cheio de pastilhas e sendo perseguido por fantasmas. O objetivo é comer todas as pastilhas sem que os fantasmas o alcancem. Ver post em: <<https://goo.gl/hn66eO>>.

⁹ *Minecraft* é um jogo eletrônico no qual o indivíduo constrói habitações e estruturas a partir de blocos de materiais diversos como madeira, vidro ou pedra, que ele mesmo tem que extrair do ambiente virtual em que se encontra. Ver post em: <<https://goo.gl/aahZYN>>.

¹⁰ Banda norte-americana de *heavy metal*. Ver post em: <<https://goo.gl/R4qP90>>.

vapor metálico usadas na iluminação pública da rodoferroviária e no “Boa Noite, Curitiba” (toda noite é compartilhado algum vídeo de alguma banda); ou ídolos do cinema, como o professor Robert Langdon¹¹, para ajudar a desvendar o mistério da garrafa com manuscritos encontrada em um monumento do centro de Curitiba.

Frequentemente, a Prefeitura explora a imagem de uma capivara em suas publicações, especialmente as de humor. O roedor é encontrado em grande número nos parques da cidade, especialmente no Barigui. Na *fanpage*, a capivara foi usada como apresentadora no show do milhão perguntando sobre a criação do Disque 156 da cidade¹²; quase foi *backing vocal* do show do Otto¹³; foi modelo *plus*¹⁴ (em alusão ao lançamento do Iphone 6 *plus*, de tela maior), e ainda; foi vidente da copa 2014¹⁵ (a reencarnação do polvo Paul¹⁶, da copa de 2010).

Outro adjetivo que vem sendo associado à Prefeitura de Curitiba no *Facebook* é “interativa”. Isto se deve, muitas vezes, ao associarmos a internet, e por tabela as redes sociais digitais, com a interatividade, sem nos perguntarmos se os usuários realmente passaram a se comunicar mais e melhor. O fato de, no *Facebook* da Prefeitura de Curitiba, por exemplo, encontrarmos a descrição “Bem-vindo à página oficial da cidade de Curitiba. Aqui você conversa, curte, informa, critica e sugere. Assim, juntos construímos uma cidade melhor”¹⁷, não assegura interações. Por isso, consideramos importante esclarecer brevemente qual é o papel que assumimos para esta ferramenta no nosso trabalho, a fim de reforçar o enfoque desta pesquisa.

Conforme explica Recuero (2009), as redes sociais são constituídas por dois elementos: os atores (pessoas, instituições e grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Isto quer dizer que as interações entre os indivíduos que ocorrem sem o uso da internet também constituem as redes ou relações sociais. Recuero (2009) ainda menciona tipos de redes conforme o vínculo que os indivíduos criam entre si; se são próximos e dialogam (redes emergentes) ou

¹¹ Personagem que investiga símbolos religiosos criado pelo escritor norte-americano Dan Brown e interpretado por Tom Hanks na adaptação para o cinema de “O código da Vinci” e “Anjos e Demônios”. Disponível em: <<https://goo.gl/Nr8FgK>>.

¹² Ver post em: <<https://goo.gl/hm3Qud>>.

¹³ Ver post em: <<https://goo.gl/0hzNNK>>.

¹⁴ Ver post em: <<https://goo.gl/syCmGr>>.

¹⁵ Ver post em: <<https://goo.gl/amYbzt>>.

¹⁶ O polvo Paul, de um aquário na Alemanha, era submetido à escolha entre duas caixas de mexilhões, dos quais se alimenta, antes dos jogos envolvendo o país no Mundial FIFA 2010. Cada caixa continha uma bandeira: uma da Alemanha, outra de seu opositor. A caixa escolhida era o palpite da vitória, tendo ele acertado todos os desfechos envolvendo a Alemanha.

¹⁷ Em <<https://www.facebook.com/PrefsCuritiba/info?tab=overview>>.

se são formadas por pessoas geralmente desconhecidas, filiadas por algum interesse em comum (redes associativas), como é o que acontece com as *fanpages* no *Facebook*, incluindo a da Prefeitura de Curitiba. Ou seja, conforme também descreve Santaella (2010, p. 174), sites como o *Facebook*, são "plataformas, ferramentas ou programas (softwares)" criados para "promover a 'visibilidade e articulação das redes sociais'". No entanto, conforme ressalta Recuero (2009, p.103-104), sites são "apenas sistemas", pois as relações sociais dependem dos indivíduos.

Desse modo, entendemos que a comunicação não se dará de forma melhor ou com menos conflitos, mal-entendidos e imprevisibilidade que aquela em que os usuários se engajam face a face. Essa constatação dificulta a ideia de que na internet as pessoas se engajam em "relações interpessoais baseadas na confiança e no compartilhamento" onde "as novas palavras de ordem são *expor-se, trocar, colaborar*" (SANTAELLA, 2010, p.172, grifos da autora). A interatividade baseada na colaboração ou, para mencionar um princípio que tem sido largamente empregado às questões da linguagem, no Princípio de Cooperação (GRICE, 1975), deve lidar com as restrições e possibilidades que constituem todas as interações (mediadas ou não por tecnologia), para não incorrerem em uma "eficácia comunicativa"¹⁸.

Algumas restrições e possibilidades são, sim, o resultado das características da plataforma online escolhida como, no caso do *Facebook*, a possibilidade de compartilhamento de *feedback* sobre um produto ou organização governamental e a restrição de acesso público a alguma informação, desde que configurada pelo usuário. Outras advêm das relações entre os indivíduos. O enfoque desta pesquisa, no entanto, não está no estudo da rede social enquanto sistema online. Tampouco defendemos que haja uma linguagem própria para este (ou deste) meio. Ao contrário, o que desenvolvemos ao longo dos próximos capítulos é que o usuário da linguagem, independente de onde esteja, está sempre provocando rupturas nas práticas comunicativas, o que as torna novas em certa medida, ao mesmo tempo em

¹⁸Grice (1975) postula que as interações humanas são regidas por um Princípio de Cooperação a partir das máximas de qualidade (não diga o que pode ser falso), quantidade (não seja mais, nem menos informativo quanto requerido), relação (seja relevante) e a máxima de modo (seja claro, breve e ordenado). Quando o falante infringe alguma dessas máximas, o interlocutor ainda pode interpretar o enunciado recorrendo ao contexto para gerar uma "implicatura". Nossa implicância com uma "cooperação" generalizada nas conversações se justifica (também) pela retórica de "eficácia comunicativa" que esse termo introduz, sobretudo nos discursos organizacionais, velando os conflitos e contradições que atrapalham o "jogo" entre as instituições e seus públicos, que atrapalham suas "negociações" - o que acontece predominantemente (OLIVEIRA, 2001).

que usa de repetições, já que não há propósito em uma prática linguística totalmente desconhecida. Portanto, devido à abordagem que escolhemos, que será apresentada no próximo tópico, nosso interesse recai sobre como os seguidores da *fanpage* da Prefeitura de Curitiba se expressam sobre o humor utilizado pelos administradores do conteúdo da página.

2.2 A ABORDAGEM PRAGMÁTICA

A partir dos objetivos propostos para a pesquisa, adotamos uma abordagem Pragmática para o estudo do humor, uma vez que esta perspectiva teórica serve para investigar como os usuários utilizam a linguagem em situações comunicativas concretas. Para Oliveira (2011, p.3), a pragmática é uma “perspectiva de uso geral da linguagem na comunicação”, pois “está interessada na imensa complexidade dos usos da linguagem cinética, visual e sonora em atos comunicativos nas diversas situações intra e interculturais”¹⁹.

A pragmática, no entanto, não aponta diretrizes metodológicas para trabalhos de pesquisa, cabendo ao pesquisador determinar todos os procedimentos e instrumentos a serem utilizados de acordo com seus objetivos. Considerando a finalidade de problematizar a maneira com que os seguidores da *fanpage* da Prefeitura de Curitiba avaliam o uso do humor por uma organização governamental, escolhemos conduzir uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo e interpretativo.

A pesquisa qualitativa lida com interpretações das realidades sociais e, em última análise, tem contribuído para uma visão menos dogmática a respeito de assuntos metodológicos, levando em conta que os dados nunca falam por si mesmos; isto é, nenhum método científico está livre de interpretação (BAUER e GASKELL, 2002). Rajagopalan (2012, p.23) explica que “a pragmática é um ramo de conhecimento altamente interpretativo e não meramente descritivo ou analítico.” Disso resulta que “não há espaço para o estabelecimento de regras estritas para a leitura dos discursos e nem os mesmos moldes de previsibilidade que a sintaxe ou semântica, por exemplo, adotam” (OLIVEIRA, 2011, p.3); e que a interpretação neste campo, “não depende do significado da sentença isolada nem das intenções

¹⁹ Neste capítulo nos limitamos a descrever como a pragmática “lida com os dados”. Adiante, no tópico 3.3, é que apresentamos outros pontos da teoria.

comunicativas do emissor, mas depende, de forma singular também das circunstâncias do ouvinte” (RAJAGOPALAN, 2012, p.14).

Portanto, ao observar um problema linguístico (ou comunicacional) a partir da prática para, como resultado, apresentar uma “explicação válida”²⁰ para o fenômeno, a pragmática usa o que Silva, Ferreira e Alencar (2014, p.31) chamam de “vigilância etnográfica” como uma “condição de possibilidade” para uma boa investigação nesse campo. Essa aproximação é feita levando em conta que o método etnográfico “é, por excelência, um método pragmático”, o que não sugere que método etnográfico e “vigilância ou atenção etnográfica” signifiquem exatamente a mesma coisa. Trata-se de uma orientação ao pesquisador, que deve dar atenção às práticas.

Além disso, como evidencia Rajagopalan (2014), a pragmática hoje é anticartesiana e antiplatônica. Antiplatônica porque não “teoriza *ab ovo*”, ignorando por completo a experiência do indivíduo, no caso, com a linguagem. Ao contrário, a teoria não é a causa, mas sim a consequência do trabalho de pesquisa. E anticartesiana porque a linguagem não pode ser observada, intuída, ou explicada sem que o pesquisador não seja influenciado pela mesma. Ou seja, uma metalinguagem diferente ou “superior” à linguagem-objeto-de-estudo não é concebível.

Considerando, portanto, que o que o pesquisador tem em mente sobre o objeto pesquisado não pode ser ignorado, o pragmatista “entende que um dado nunca é dado ou descoberto *in natura*; ele é sempre produzido. “O simples evento de colher e apresentá-lo como um ‘dado’ tem efeito sobre sua ‘dadidade” (RAJAGOPALAN, 2012, p.9). A “dadidade” de um dado, segundo o autor, é aquilo que fazemos ao torná-lo relevante a um propósito teórico. Sendo assim, o que na verdade é relevante para a pragmática é “o modo como abordamos os nossos ‘dados” (ibidem, p.12).

Essa abordagem, tal como defendida por Jacob Mey (1985, p.16), deve ter um comprometimento sociopolítico, não se detendo a descrever os fatos, mas intervindo na linguagem. A razão dessa preocupação do teórico vem da sua tese de que temos usado a linguagem para “consolidar os interesses dominantes da nossa

²⁰ Os pragmatistas consideram que explicar é pacificar a dúvida, fornecer “uma resposta capaz de satisfazer”. Eles buscam explicações/razões admissíveis, socialmente aceitáveis, mas não corretas, no sentido de totalmente inteligíveis (SHIBLES, 1974, p.69).

sociedade” e oprimir uma parte significativa dela. Em outras palavras, tal como abordamos nesta pesquisa: é pelo uso da linguagem, praticado sob simultâneas repetições e rupturas (DERRIDA, 1991b) que somos responsáveis “tanto pelos processos de manutenção de certos regimes de significação, quanto pelos processos de ressignificação” (SILVA, FERREIRA e ALENCAR, 2014, p.30).

Portanto, nesta pesquisa, lançamos uma perspectiva pragmática sobre os “regimes de significação” do humor, escolhidos da seção de avaliações da página da Prefeitura de Curitiba no *Facebook*, visando desconstruir a cisão e a hierarquia de um discurso sério sobre um não-sério.

2.2.1 Procedimentos para escolha dos dados

Antes de iniciarmos o percurso teórico que fundamenta nossa investigação, uma vez que já foram reforçados os interesses da pesquisa e a abordagem, descrevemos como foram “produzidos” os dados analisados.

Em primeiro lugar, a escolha da *fanpage* da Prefeitura de Curitiba ocorreu por esta ser a organização governamental mais comentada na internet pelo uso de linguagem que fazia no *Facebook*, do humor. A principal controvérsia que resultou em um problema de comunicação a ser investigado é a de que, na maioria das críticas dos usuários, o humor não é considerado uma linguagem adequada para um órgão público interagir com seu público, uma vez que uma Prefeitura deve ser “séria”.

A seção de avaliações de uma *fanpage* é onde as pessoas podem julgar o conteúdo da página atribuindo-lhe estrelas de uma a cinco, além de poder justificar sua nota por meio de um comentário. Os usuários podem responder aos comentários uns dos outros, concedendo discussões na mesma seção. Por meio desses comentários tivemos acesso à discussão de nosso interesse: os critérios a partir dos quais as pessoas avaliam o uso do humor pela organização governamental. Esta seção apresentava 9 mil avaliações (incluindo as não comentadas), contabilizadas pela própria plataforma, desde a criação da página até 24 de julho de 2015, quando selecionamos o *corpus*. Dessas 9 mil: 7,7 mil avaliavam

a *fanpage* com 5 estrelas, 458 com 4 estrelas, 181 com 3 estrelas, 118 com 2 estrelas e 550 com apenas uma estrela.

Para selecionar os comentários, consideramos apenas aqueles que mencionaram o conteúdo da Prefeitura na *fanpage*, especialmente o uso do humor. Entre os comentários que excluimos da análise estão avaliações da cidade enquanto lugar para se viver, avaliações da atuação do prefeito, pedidos de doações, ajuda para encontrar pessoas perdidas, ofertas ou procura de emprego e queixas ou solicitações não relacionadas ao conteúdo da página. Também não consideramos avaliações sem comentários, ou seja, que apenas receberam estrelas, pois não teríamos acesso aos critérios que ajudam a responder ao problema de pesquisa.

Importante alertar que o *Facebook* organiza as avaliações dessa seção aleatoriamente e não permite que todos os comentários já feitos sejam visualizados. Neste caso, a organização aleatória de comentários antigos e recentes permitiu que, ao menos, tivéssemos acesso a avaliações de um período que abrange desde a criação da página até o dia 24 de julho de 2015, data em que os comentários foram escolhidos. Ao total, nesta data, tivemos acesso a 360 justificativas, das quais: 5 estrelas (mostra 88 de 7,7 mil) foram selecionadas 29; 4 estrelas (mostra 76 de 458) 28 foram selecionadas; 3 estrelas (mostra 58 de 181) 16 selecionadas; 2 estrelas (mostra 51 de 118) selecionamos 10 e; 1 estrela (mostra 87 de 552) foram selecionadas 33. Assim, elegemos 116 comentários. As respostas de outros usuários às avaliações que mantiveram-se no critério de seleção foram mantidas para análise, aumentando um pouco esse escopo. Os comentários foram numerados e agrupados conforme o número de estrelas atribuídas pelo usuário. Desse modo, o Anexo 1 corresponde às avaliações de uma estrela, e assim sucessivamente.

Quanto aos procedimentos éticos para o uso do conteúdo do *Facebook* da Prefeitura de Curitiba nesta pesquisa, bem como dos comentários dos usuários ligados a ela, os termos de uso da plataforma, que devem ser aceitos pelos usuários ao se cadastrarem, nos asseguram que: “O conteúdo publicado em uma Página é público e visível para qualquer pessoa que possa ver a página” (TERMOS, 2016). Portanto, o uso dessas informações é permitido haja vista que

quando você publica conteúdos ou informações usando a opção Público, você está permitindo que todos, incluindo pessoas fora do Facebook, acessem e usem essas informações e as associem a você (isto é, ao seu nome e foto do perfil) (DECLARAÇÃO, 2016).

Ainda que não fosse necessário, tomamos a cautela de ocultar fotos e nomes de usuários que aparecem nas postagens que reproduzimos aqui, e de extrair apenas o texto das avaliações para os anexos²¹, numerando-os e identificando os participantes da discussão - quando houve resposta - por L1, L2, L3, e assim sucessivamente. No entanto, os *links* nas notas de rodapé irão direcionar para o conteúdo integral da página.

Uma vez definidos o tema epistemológico (humor), o objeto empírico (*fanpage* da Prefeitura de Curitiba), o recorte da pesquisa (116 avaliações) e a abordagem (pragmática), passamos às contribuições teóricas que embasam a análise interpretativa desta investigação. Neste caso, optamos por apresentar as teorias e as interações que provocamos entre elas nos capítulos 3 e 4 para, posteriormente, explicarmos os procedimentos para a análise, no capítulo 5.

²¹ Reproduzimos os comentários sem fazer qualquer tipo de correção, pois do contrário, tiraríamos o caráter da linguagem tal como é usada no dia a dia, isto é, da linguagem ordinária.

3 DISCUTINDO O SÉRIO/NÃO-SÉRIO

Neste capítulo problematizamos a divisão sério/não-sério a partir da elaboração das diretrizes de Platão para a filosofia moderna. Para isso, visitamos a pesquisa de Havelock (1996), que conta as motivações de Platão para uma substituição do discurso poético pelo filosófico na tradição da Grécia Antiga. A hipótese central do autor favorece a nossa discussão: de que no platonismo havia mais que uma preocupação metafísica sobre a Verdade e o Conhecimento, havia uma preocupação em criar uma linguagem e um método adequados à sua transmissão.

A realocização da proposta filosófica (e discursiva) de Platão na trajetória da ciência ocidental refletiu num conhecimento baseado em binarismos como literal x figurado, significante x significado, emissor x receptor, sujeito x objeto, etc., com reflexos também nas concepções de linguagem e de comunicação.

3.1 PLATÃO EXPULSA A EMOÇÃO DA REPÚBLICA

Na obra "República"²², Platão promove uma vigorosa crítica à poesia. Para ele, a poesia é inimiga da verdade e, por isso, os poetas deveriam ser excluídos do sistema educacional grego. É com essa reflexão que Havelock (1996) nos dá a primeira pista sobre a função da poesia na sociedade grega antiga: ela representava seu sistema educacional - que até então não era organizado como conhecemos hoje, em escolas e universidades, mas possuía seu modo de funcionamento.

Fosse apenas uma questão de declamar poesia na "escola", não compreenderíamos por que Platão a escolheu como algoz intelectual de seu tempo. Afinal, a poesia ainda é inserida em programas de disciplinas escolares e ninguém parece ter se oposto "seriamente" a isso. A motivação de Platão, portanto, é mais profunda e Havelock (1996) reúne informações para comprovar sua hipótese de que Platão não ataca a poesia simplesmente, mas a experiência poética grega como um todo, a *mimesis*, culminando na defesa de uma nova proposta de pensar e

²² PLATÃO. **A República**. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2001.

expressar o pensamento: o logocentrismo e a linguagem científica. Antes de prosseguirmos, voltemos apenas um instante àquilo em que consistia a *mimesis*.

Uma sociedade em processo de organização desenvolve suas leis, ritos, táticas de guerra; produz alimentos, bens e ferramentas de acordo com o adiantamento de suas tecnologias; cria seus princípios éticos e morais de modo a suprir suas necessidades de convivência; etc. Todas essas atividades perpassam as práticas comunicativas, e essas já foram predominantemente orais, constituindo-se até mesmo o único meio de sobrevivência das práticas de um grupo, por meio do registro na memória do povo. Na Grécia de Platão não foi diferente. Quando a escrita já havia sido inventada e haviam obras para serem lidas, a comunicação oral ainda era muito importante, pois os povos antigos não eram fluentes em leitura (pelo menos até o século V, quando escrever o próprio nome já podia ser considerado alfabetizado!)²³.

Até aqui, nada que já não tivéssemos lido sobre anciões reunidos aos descendentes contando histórias e ensinando aos jovens como viver e ter prestígio naquele grupo. Contudo, o modo de passar a tradição pela oralidade se desenvolveu de modo especial na Grécia. Havelock (1996) deixa a observação de que, diferentemente de todo o restante dos países europeus, a Grécia fez do poema épico e da tragédia sua estratégia pela sobrevivência da cultura na memória coletiva.

A experiência poética grega, ou a *mimesis*, portanto, não constituía tão somente uma experiência de divertimento, uma vez que na Grécia o poeta não era o artista - ele era o "escriba, o erudito, o jurista" (HAVELOCK, 1996, p.111) e seu poema era "funcional, magisterial, enciclopédico e aforista" (ibidem, p.112). Eis o contexto educativo a que Platão se opunha: os jovens gregos recordavam as leis, a ética, a moral e a técnica profissional por meio dos poemas épicos e da tragédia²⁴, onde os personagens humanos e deuses eram os modelos de comportamento. E seu humor era terrivelmente oscilante em narrativas "cheias de assassinatos e incestos, crueldade e traições; de paixões descontroladas; de fraquezas, covardias e maldades" (HAVELOCK, 1996, p.26).

²³ Mencionamos a relação de Platão com a oralidade e a escrita de seu tempo porque seu projeto racionalista é criado num momento de desprezo ao estilo poético que se empregava à primeira e total desconfiança sobre a utilização da segunda e, pela conclusão a que chega Havelock (1996), Platão estava profundamente preocupado com uma estética da linguagem para a filosofia.

²⁴ Mais notadamente a "Ilíada" e a "Odisséia", de Homero, e mais tarde, "Teogonia" e "Os trabalhos e os dias", de Hesíodo (HAVELOCK, 1996).

Depois do conteúdo, a forma é outra queixa de Platão - e a mais importante para nós na abordagem do (não) sério, na medida em que fomos abordando a questão do estilo. Platão não se compadece, ao menos na análise de Havelock, sobre a necessidade de memorização da cultura ser facilitada por um estilo de linguagem rítmico. Aliás, para Platão, a armadilha da imitação irrefletida dos comportamentos inseridos na narrativa é justamente esse estilo das emoções, usado perigosamente para transmitir²⁵ os modelos de comportamento. É como se Platão quisesse nos convencer de que o poeta, com seu estilo verbal próprio, controlava o que Havelock chama de "disposição mental"²⁶ grega.

A experiência da *mimesis* integrava também a recitação/apresentação do poema, feita pelo próprio poeta, ou um ator ou cantor, e ainda pelos aprendizes em seus lares privados, nas reuniões de família. É aqui que se completa a *mimesis*: com os efeitos psicológicos na plateia que, no entendimento de Platão, apresentavam um caráter emotivo, fruto de uma hipnose, e que repercutiam em uma imitação irracional (HAVELOCK, 1996).

Ao qualificar a *mimesis* de irracional (lembrando: o conteúdo, a forma e os efeitos mencionados acima), o que Platão está fazendo é excluir o mito em favor de um *logos*, este último compondo o conjunto Fala, Razão e Demiurgo (DERRIDA, 1991a). Em consequência do *logos* é que se criaram outras oposições hierárquicas na base de nossas ciências ocidentais: literal/metafórico, fala/escrita, significado/significante, sério/não-sério, sujeito/objeto, para citar algumas. Por esta razão, não seria possível mencionarmos a origem da oposição sério/não-sério sem mencionar as circunstâncias em que o *logos* foi criado. Agora podemos esclarecer a que usos linguísticos nos referimos quando falamos em não-sério na presente pesquisa:

A exclusão platônica coloca o não sério (contingente, diferente, incompleto, ambíguo, emotivo) como uma categoria oposta ao sério, ou seja, razão (intelecto), objetividade e literalidade (o significado original e

²⁵ Gostaríamos de criar um cuidado com a palavra "transmitir": considerando que a imitação irrefletida dos comportamentos dos deuses era iminente no contexto da *mimesis* para Platão, usamos o verbo sem aspas neste trecho. De outro modo, nosso ponto de vista é de que não há uma transmissão de ideias, no sentido "rigoroso" do termo.

²⁶Havelock (1996) classifica em sua pesquisa dois momentos distintos: até Platão há o que ele chama de "disposição mental homérica" (do poeta Homero) ou "oral" e, depois do filósofo, uma "disposição mental platônica".

descontextualizado), ciência (*episteme*) que são as bases do discurso da metafísica ocidental (OLIVEIRA, 2010, p.2-3, tradução nossa)²⁷.

A oposição que Platão cria entre o sério e o não-sério (a compreender razão *versus* emoção, filosofia *versus* humor, etc.) têm simultaneamente como representantes a descrição e a narrativa. Sua intervenção²⁸ consistia em levar a sociedade a romper com o discurso “dos infundáveis atos e eventos” para produzir discursos “do ser” (conceituais), que são “analíticos', livres de condicionamento temporal" (HAVELOCK, 1996, p.199). Por isso, Havelock (1996) interpretou que os filósofos gregos primitivos não estavam ocupados somente com uma metafísica ou com um misticismo, mas sim com uma invenção de ordem sintática.

Sem intenção de validar uma ou outra interpretação, mesmo porque, não fazemos mais nesta pesquisa que interpretar de novo, Rajagopalan (2010) menciona um outro ponto de vista sobre a relação da filosofia com a linguagem:

Tradicionalmente, a filosofia se preocupa com a análise conceptual. Não está primordialmente preocupada com palavras. As palavras são, no máximo, concebidas como meio de corporificar conceito. Em sua maioria, os filósofos tradicionais não confiam nas palavras, julgando-as representações enganosas dos conceitos por trás delas. Lembremo-nos da prática socrática, ilustrada em vários dos *Diálogos* de Platão, segundo a qual o interlocutor era insistentemente levado a encontrar uma definição para, por exemplo, a palavra piedade, ao invés de apontar exemplos de pessoas piedosas. A moral é que o entendimento verdadeiro vem da pura análise conceptual, que é do que as definições tratam. Na visão de Sócrates, os exemplos dão a falsa impressão de que se tomou posse dos conceitos (RAJAGOPALAN, 2010, p.24).

Se, de fato, Platão estava mais preocupado com uma abstração pura ou com um estilo adequado para transmiti-la, não é o ponto que queremos questionar. Afinal, acreditamos que ele podia estar mesmo empenhado no seu projeto metafísico como um todo - de uma abstração pura à sua corporificação na prosa. Mencionamos aqui ambas as criações platônicas, a Verdade e a prosa, para pontuar o que vêm em sequência: Platão atacava na *mimesis* o estilo poético, mas não a oralidade e, em confundindo a fala com o próprio *logos* (com os devidos ajustes para uma linguagem “séria”), relegou as “representações enganosas” à escrita. No próximo tópico, nosso interesse em falar da escrita é que ela introduz uma noção de

²⁷ Doravante, os títulos em língua estrangeira cujas traduções foram feitas por terceiros têm seus tradutores citados na respectiva obra nas referências bibliográficas. De outro modo, a tradução foi nossa. Além disso, apenas sinalizamos quando os grifos foram nossos; quando não mencionados nos parênteses, significa que os grifos são do autor.

²⁸ “Todas as intervenções são interesseiras” (RAJAGOPALAN, 2010, p.9).

ausência que desestabiliza o que chamamos de “sentido”. E se desestabilizado fica o “sentido verdadeiro” por trás dos signos, desestabilizadas também ficam as bases metafísicas que sustentam a divisão sério/não-sério.

3.1.1 Platão e o *phármakon*

Se é que a necessidade da memorização da tradição era a "desculpa" para a manutenção da estética poética que Platão considerava irracional, hipnótica e prejudicial ao ensino, com a popularização da escrita poderia ser diferente. Há uma hipótese em Havelock (1996) de que a escrita teria favorecido a transposição da "disposição mental poética" para a "platônica", do discurso poético para a prosa. Mas isso não significou um apreço pela escrita por parte de Platão, como encontramos em "A Farmácia de Platão", de Derrida (1991a).

Nesta obra, Derrida analisa o diálogo de Fedro, onde a escritura é apresentada como *phármakon*, um termo que significa tanto remédio quanto veneno, podendo apresentar-se como benéfico ou maléfico. De fato, para a hipótese de Havelock (1996) sobre as vantagens da escrita na introdução de um estilo descritivo-analítico, teríamos o *phármakon* como o remédio para a memória e instrução da cultura grega, que poderia abandonar o ritmo e a emoção. Por outro, Derrida (1991a) nos acrescenta que o malefício da escritura estava em substituir a fala, “o filho querendo assumir o lugar do pai, o mito querendo assumir o lugar do *logos*”:

A verdade da escritura, ou seja, nós o veremos, a não-verdade, não podemos descobri-la em nós mesmos, por nós mesmos. E ela não é o objeto de uma ciência, apenas de uma história recitada, de uma fábula repetida. Torna-se claro o vínculo da escritura com o mito, assim como sua oposição ao saber e especialmente o saber que se colhe em si mesmo, por si mesmo (DERRIDA, 1991a, p.18).

A filosofia, aponta Culler (1997), trata a escrita como um obstáculo ao pensamento porque sua esperança é entender corretamente, explicar como as coisas são, resolver problemas sobre as condições da verdade e, mais ainda, dar a última palavra sobre isso tudo. Por isso a escrita é considerada por Platão, como Derrida mencionou, a não-verdade: ela não é adequada à tarefa da filosofia porque tanto o destinatário está ausente (escrevemos para comunicar coisas a ausentes)

quanto o emissor (o pai abandona o filho para produzir efeitos além de sua presença e do contexto em que escreveu) (DERRIDA, 1991b). Já a fala, ao contrário da escrita, atende melhor à abstração:

Em Platão e outros, essa condenação da escrita é de considerável importância porque o 'fonocentrismo', que trata da escrita como uma representação da fala e põe a fala em uma relação direta e natural com o sentido, está inextricavelmente associado ao 'logocentrismo' da metafísica, a inclinação da filosofia em direção a uma ordem de sentido - pensamento, verdade, razão, lógica, a Palavra - concebida como existindo em si mesma, como fundamento (CULLER, 1997, p. 106-107).

A esse ponto, estamos cientes de mais uma oposição hierárquica do projeto platônico que passa pela nossa discussão da (des)construção do sério/não-sério: o sujeito e o objeto, a relação do indivíduo com a linguagem. Colocando esses termos em oposição, temos uma concepção de linguagem que representa o mundo com fidelidade e lógica, reforçando o caráter do conhecimento (ou do sentido) que se concebe por si mesmo, não pela experiência (ou pelo uso). Austin (1990), como descrevemos adiante, nos mostra o caminho inverso, da insolubilidade do sujeito e do objeto, para nos dar uma dimensão da linguagem como ação.

3.1.2 O sujeito e o objeto em Platão

Platão, como vimos, inaugura a transição de um "eu que imita" na tradição oral/poética grega para um "eu que se autogoverna" pela atividade do puro pensamento. Não se confundir, nem se envolver emotivamente com a experiência mimética era essencial ao projeto racionalista cujo objeto do conhecimento é analisado por um sujeito autônomo, separado desse objeto. Essa concepção, aborda Havelock (1996, p. 213-214), foi possível porque a partir do século V passou-se a usar o termo *psyche* para se referir ao "espírito que pensa", "capaz tanto de decisão moral quanto de conhecimento científico, e a sede da responsabilidade moral, algo infinitamente precioso, uma essência única em todo reino da natureza." A *psyche* de Platão está assegurada ela própria pela hierarquia da razão sobre a emoção (do *logos* sobre o mito), já que para ele a nossa alma está dividida entre sua capacidade racional (de aprender) e apetitiva (dos desejos), mas para alcançar a

verdadeira moral (igual à felicidade), o espírito deve aliar-se à razão que controla os instintos (ibidem).

A razão que Platão sugere, por conseguinte, é “o pensamento do sujeito que conhece”. E o método para se chegar ao conhecimento verdadeiro é o dialético²⁹, uma vez que para Platão conhecer era algo diferente de recordar e sentir (como se fazia na tradição). Sua proposta era encontrar a "lei" comum a todas as experiências, e esta deve ser isolada de tempo, lugar, contexto e ser identificada *per se* (HAVELOCK, 1996). A lei deve ser imutável e una de modo que quando trazidas para a experiência nada pode lhes acontecer. Assim, "todas as essências abstraídas engendram-se de alguma forma entre si numa relação que não é mais a da narrativa, mas a da lógica" (HAVELOCK, 1996, p.236).

Mencionamos a ruptura entre sujeito e objeto na doutrina platônica para argumentar que, ao levar essa ruptura “a sério” para as concepções sobre linguagem e comunicação, gera a presunção de que são tangíveis o sentido (ou a verdade), a intenção do falante e o próprio contexto, além da comunicação ser resumida à função de transmitir “os fatos como eles são”. A visada de Austin (1990) sobre a linguagem problematiza justamente essa oposição do verdadeiro/não-verdadeiro para nos dar a dimensão da performatividade da linguagem.

3.2 DESCONSTRUINDO O (NÃO)SÉRIO: DERRIDA E AUSTIN

A busca pelos conceitos metafísicos dos objetos científicos (como a linguagem) acabou por sacralizar verdadeiras construções, isto é, segundo Rajagopalan (2010), o trabalho dispensado sobre sistemas conceituais. Esses conceitos, desde a metafísica, obedecem a uma lógica binária de oposição de termos. Além disso, "uma oposição de conceitos metafísicos nunca é o face-a-face de dois termos, mas uma hierarquia e a ordem de uma subordinação" (DERRIDA, 1991b, p.36). Rajagopalan (2010) explica em que consiste esse procedimento:

A forma ideal de desmembrar um conceito em duas partes é concentrando-se em apenas um dos supostos conceitos resultantes, relegando o outro à

²⁹ "A função original da indagação dialética era simplesmente forçar o falante a repetir um enunciado já feito, com a suposição subjacente de que havia algo faltando no enunciado, e que seria melhor reformulá-lo" (HAVELOCK, 1996, p. 224).

categoria de 'qualquer coisa que não satisfaça à primeira definição'. Portanto, a divisão binária nunca é uma divisão de um grupo original em dois subgrupos com a mesma importância entre si. O método contamina o resultado, ou seja, o subgrupo resultante de uma definição independente e positiva é automaticamente promovido a uma categoria privilegiada, ao contrário do outro subgrupo, que é constituído, na verdade, através da exclusão, isto é, por ser o complemento do subgrupo já isolado positivamente (RAJAGOPALAN, 2010, p.163).

Quando Platão, já vimos, se concentrou na Razão como identidade de seu projeto científico, relegou toda a experiência emotiva (incluindo o humor e o riso) à exclusão, a um plano inferior (SHIBLES, 1974). O movimento de ideias que resultou na cisão do sério/não-sério, bem como noutras cisões que fundamentam o conhecimento ocidental³⁰ teve um abalo muito significativo com as análises de Jaques Derrida, a partir da década de 60, no movimento por ele cunhado de Desconstrução. Seu objetivo é romper com a “metafísica da presença” e o logocentrismo, que torna a filosofia um procedimento de descrever o que é fundamental, a origem pura dos fenômenos, sem considerar as experiências do indivíduo. Segundo Arrojo (2003, p. 9),

talvez seja mais adequado dizer o que *não é* 'desconstrução': não é um método, nem uma técnica e nem tampouco um modelo de crítica que possa ser sistematizado e regularmente aplicado a teorias, textos ou conceitos.

Culler (1997) a descreve como uma estratégia dentro da, e mesmo para lidar com a filosofia, pois opera no âmbito discursivo e até mesmo não discursivo das oposições hierárquicas que a filosofia tem construído para explicar o mundo, refletindo sobre sua base, sua estrutura. Desconstruir, pelo próprio Derrida, não é neutralizar o campo dessas forças discursivas. É a prática de "uma inversão da oposição clássica e um deslocamento geral do sistema" (DERRIDA, 1991b, p.36).

Esse procedimento não leva ao apagamento do conceito ou princípio em questão, pois para desconstruir é necessário operar com o próprio conceito e aplicá-lo em si mesmo, colocando-o em um movimento diferente: trabalhando dentro da oposição, a desconstrução abala a hierarquia por produzir um intercâmbio de propriedades (CULLER, 1997). Como nosso interesse principal é problematizar a hierarquia do sério sobre o não-sério, a desconstrução nos recomenda generalizar

³⁰ Notadamente alguns nomes fundantes do pensamento ocidental que não fogem do esquema dicotomia/hierarquia analisados por Derrida são, além de Platão, Rousseau, Kant, Hegel, Husserl, Saussure e Lévi-Strauss (ARROJO, 2003).

os predicados elegidos para o sério de modo a abranger sua contraparte, o não-sério, criando o que Derrida (1991b) chama de enxerto. O enxerto, segundo o autor, é como uma intervenção que não se propõe a destruir o conceito antigo, mas substituir sua operação retórica, aquela responsável pela exclusão.

A intervenção a que nos propusemos nos objetivos desta pesquisa, no que vem a ser o humor na *fanpage* da Prefeitura de Curitiba, é feita a partir das noções de performatividade da linguagem (AUSTIN, 1990), de iterabilidade (DERRIDA, 1991b) e da linguagem como prática local (PENNYCOOK, 2010). São esses os temas dos tópicos seguintes, mas antes é preciso lembrar, conforme nos orienta Culler (1997), que desconstruir a dicotomia sério/não-sério também é mostrar que essa distinção entre um e outro é indispensável para algum propósito - que interpretamos melhor na análise, a partir dos elementos que reunimos da *fanpage*.

Por hora, para falar da desconstrução do sério/não-sério na comunicação, abordamos o performativo de Austin (1990) e algumas leituras de seu trabalho (OTTONI, 1998; LOXLEY, 2007; DERRIDA, 1991b; RAJAGOPALAN, 2010; 2014), a fim de criar o entorno de nossa análise que deve compreender determinadas posições sobre o “papel” do contexto, da intencionalidade e do usuário da linguagem nas práticas comunicativas.

3.2.1 Austin e o performativo: a insolubilidade do sujeito e do objeto e o desmantelamento da “intenção do falante”

John Langshaw Austin foi o principal defensor da Filosofia da Linguagem Ordinária (FLO), criada na década de 30, na Universidade de Oxford, Inglaterra. Essa corrente foi uma reação ao positivismo lógico da primeira metade do século XX, segundo a qual o "negócio" da linguagem era fazer declarações a serem avaliadas em termos de verdade ou falsidade e o sentido de uma sentença podia ser alcançado pela lógica. Essa visão formalista defendia uma linguagem que servia para espelhar o mundo, retratá-lo fielmente³¹.

³¹ O caráter representacional do signo, o caráter metafísico da ideia/sentido e a preocupação com a Verdade são obviamente influências de Platão (já mencionamos alguns pontos de seu projeto) e Aristóteles. Eles foram também os pilares para a noção de arbitrariedade do signo, bem como para todo o projeto saussureano que fez da linguística uma disciplina científica e autônoma. A linguagem como “espelho” do mundo e a análise formal da língua perdem força com a “guinada pragmática”

Em 1955, Austin proferiu uma série de palestras em Harvard que resultou em sua obra póstuma *“How to do things with words”*. Sua tradição acadêmica era a filosofia analítica, totalmente fundamentada no realismo Platônico (que apresentamos no início do capítulo), o que fez de suas ideias ainda mais polêmicas e inovadoras. Retomamos que, para Platão, a ontologia é imune à epistemologia, ou seja, "o que existe de maneira alguma pode ser afetado por aquilo que porventura viermos a saber", conforme explica Rajagopalan (2010, p.11). Desse modo, Platão só poderia conceber o conhecimento a partir de um sujeito não influenciável pelo objeto. Austin, ao introduzir a noção do caráter performativo da linguagem, ressignifica essa relação a partir da desconstrução da intenção do falante codificada (presente, marcada) no signo, ou seja, negando a existência de enunciados meramente verdadeiros ou falsos.

A investigação central de Austin na obra supracitada é sobre como as sentenças produzem o significado que produzem. Para isso, o filósofo encara cada sentença como um ato de fala, que leva em conta certas normas e convenções, o contexto de uso e a intencionalidade. Partindo da diferenciação dos atos de fala em dois grupos, os constativos - sentenças que podem ser avaliadas sobre o critério da verdade/falsidade - e os performativos - as declarações que não servem para descrever, mas para realizar uma ação³²: “eu batizo” -, Austin surpreende com a conclusão de que todos os atos de fala são performativos. Loxley (2007) faz uma leitura do que constitui o performativo para Austin:

Austin aponta a maneira que nossas declarações podem ser performativas: palavras fazem algo no mundo, algo que não é apenas uma questão de gerar consequências como persuadir, divertir ou alarmar uma audiência. As promessas, afirmações, apostas, ameaças e agradecimentos que nós oferecemos uns aos outros não são esse tipo de ação; nem mesmo é a descrição linguística das ações não-linguísticas acontecendo em outro lugar: elas são ações em si mesmas, ações de um tipo linguístico distinto. Elas são "realizadas", como outras ações, ou têm lugar, como outros eventos mundanos, e assim fazem a diferença no mundo; poderia ser dito que elas produzem um mundo diferente, mesmo que apenas para um único falante e um único destinatário (LOXLEY, 2007, p.2).

influenciada por Wittgenstein e Austin em meados do século XX. A partir disso, da pragmática, “a linguagem não é transparente” e “as intenções não são dados empíricos” (MARCUSCHI, 2008, p.38).

³² “Ação, para Austin, tem um significado muito preciso pelo fato de ser um dos elementos constitutivos da performatividade. Para ele, a ação é uma atitude independente de uma forma linguística: o performativo é o próprio ato de realização da fala-ação” (OTTONI, 1998, p.36).

Ao assegurar que todo ato de fala é performativo, Austin se preocupa sobre o que poderia validá-los, já que critérios de verdade/falsidade (fruto da herança metafísica) não faziam mais sentido no uso da linguagem ordinária, que visa efeitos - “produzir o mundo”, como Loxley interpreta - e não a sua descrição. A partir do performativo, Austin nos leva às questões da participação do contexto, do usuário da linguagem e da intencionalidade nos processos de significação, elaborando os critérios de felicidade dos performativos, alertando-nos, entretanto, sobre o caráter não definitivo dessas “regras”:

QUADRO 1 - CONDIÇÕES DE FELICIDADE DO PERFORMATIVO

A1 – Deve existir um procedimento condicionalmente aceito, que apresente um determinado efeito convencional e que inclua o proferimento de certas palavras, por certas pessoas e em certas circunstâncias.

A2 – As pessoas e circunstâncias particulares, em cada caso, devem ser adequadas ao procedimento específico invocado.

B1 – O procedimento tem de ser executado por todos os participantes de modo correto e
B2 – completo.

Γ1 – Aquele que participa do procedimento e o invoca deve de fato ter tais pensamentos ou sentimentos, e os participantes devem ter a intenção de se conduzirem de maneira adequada, e, além disso,

Γ2 – devem realmente conduzir-se dessa maneira subsequentemente.

FONTE: Adaptado de Austin (1990, p.31)

A partir dessas convenções, Austin tenta refletir sobre como os performativos são felizes ou infelizes, isto é, como geram os efeitos a que se propunham e quando falham em fazê-lo. Entende, no final das contas, que para o performativo ser positivo ou feliz, necessita seguir as convenções; do contrário, está fadado ao fracasso, à infelicidade³³. Na leitura de Ottoni (1998), as infelicidades mais específicas do performativo são:

- a) a nulidade (ou sem efeito) quando o autor não está em posição de efetuar tal ato, quando não consegue, formulando seu enunciado, completar o ato pretendido; b) o abuso da fórmula (falta de sinceridade) quando se diz: *eu prometo*, por exemplo, sem ter a intenção de realizar a ação prometida;

³³ Depois ele retoma essa questão dizendo que todos os atos convencionais estão sob o risco de fracasso. Da segunda conferência: “Em primeiro lugar, embora isto possa nos ter estimulado (ou deixado de estimular) em relação a certos atos que são, no todo ou em parte, ‘atos de proferir palavras’, parece evidente que a infelicidade é um mal herdado por todos os atos cujo caráter real é ser ritual ou cerimonial, ou seja, por todos os atos convencionais” (AUSTIN, 1990, p.34).

c) a quebra de compromisso quando se diz *eu te desejo boas-vindas*, por exemplo, tratando no entanto o indivíduo como estranho (OTTONI, 1998, p.35).

Para falar da felicidade ou infelicidade do performativo, Austin menciona as condições de contexto e intencionalidade dos falantes (QUADRO 1), e quando o faz nos preocupa com um possível retrocesso ao caráter metafísico: cogitar a transmissão de um sentido que é, ao mesmo tempo, a intenção de quem fala. Derrida interpreta em Austin essa preocupação com a presença consciente da intenção do falante, de modo que a primeira consequência seria tornar a comunicação a transmissão de um sentido intencional³⁴. Além disso, analisa que Austin emprega rigor para determinar o contexto e intencionalidade dos atos felizes e infelizes, dando a impressão, às vezes, de que nenhum sentido consegue escapar ao interlocutor; de que a intenção parece ser o "centro organizador" do trabalho austiniano (DERRIDA, 1991b, p.29).

Otoni (1998) leva em conta que Derrida não tenha analisado a noção de *uptake* de Austin³⁵ e, por isso, chegou a uma visão diferente do que este pretendia no trato da intenção. Segundo o autor, o *uptake* é o próprio caminho da desconstrução de uma "intenção codificada no signo" (ou da "intenção do falante"):

com o *uptake* fica mais claro que a referência que vai estar diretamente ligada ao momento da enunciação não se dá mais no nível constativo da linguagem, mas numa concepção performativa; ou seja, no momento em que há o reconhecimento entre os interlocutores de que *algo está assegurado*, de que o 'objetivo ilocucionário' foi realizado através de sua "força" (OTTONI, 1998, p. 80).

O sentido de uma sentença, portanto, está no uso, bem no seu momento de enunciação. Wittgenstein (1985), outro filósofo da FLO, foi quem argumentou a favor dessa ideia, considerando que as palavras são usadas em vários contextos, num jogo linguístico, adquirindo vários significados, de modo que toda palavra em uso constitui uma metáfora. Para Mey (1993, p.14), "o sentido completo de uma sentença pode nem mesmo estar claro ao enunciadador até ele ou ela descobrir o que a sentença fez ao ambiente, no senso mais amplo da palavra."

³⁴ "(...) a comunicação performativa volta a ser a comunicação de um sentido intencional" (DERRIDA, 1991b, p.28).

³⁵ "A reviravolta significativa no pensamento Austiniano, a partir do *uptake*, dificulta muito precisar em Austin do HTD [*How to do things with words*] uma argumentação conclusiva e fixa sobre a intenção" (OTTONI, 1998, p.86).

Oliveira (2011) explica que perguntar pelo sentido de alguma frase equivale a perguntar como se usa aquela sentença naquele contexto; e que nesse movimento certamente aparecerão as restrições impostas coletivamente para certos usos, mas o mais interessante, porém, é que ao focar no uso da língua podemos identificar as “manobras” do indivíduo para dar conta de alterar uma situação em que se encontra ao mesmo tempo em que tenta não arruinar regras e relações sociais.

Se o sentido dos enunciados que usamos no dia a dia não está na mente de quem profere a sentença, nem nos signos que organizamos para proferi-la, surge um desconforto com relação a quem ou o que seja o detentor da ideia, da intenção, ou da Verdade que está “por trás” da sentença. Nesse sentido, encarar a linguagem como performativa é conceber uma outra relação entre o usuário e a linguagem que não é aquela entre sujeito/objeto platônicos:

O sujeito e o objeto, para Austin, o eu e o não-eu, se fundem, passando ambos a fazer parte da significação. Ou seja, na visão performativa, o sujeito falante empírico se constitui como sujeito através do *uptake*, que, sendo o lugar de deslocamento da intencionalidade, subverte o papel centralizador e consciente desse sujeito (OTTONI, 1998, p.13).

Austin nega um “eu’ *com* a linguagem” e assume um “eu’ *na* linguagem e *da* linguagem” (OTTONI, 1998, p.81). Por essa razão, “Austin é, em si, um demolidor, um ‘desconstrutor’ de uma filosofia tradicional e - por que não? - de uma linguística tradicional” (ibidem, p.25). Além disso, a noção de *uptake* de Austin, no nosso ponto de vista, é primordial por mais um motivo: inspira uma noção de comunicação a partir daquilo que fazemos no mundo com a linguagem, ou seja, no campo da ação, da prática, dos (e)feitos. Derrida (1991b) também analisou o performativo de Austin como uma contribuição para o conceito de comunicação, introduzindo a ideia de iterabilidade como um de seus atributos.

3.2.2 Performatividade, iterabilidade e comunicação

Conforme nos alerta Derrida (1991b), é a relação ideia/signo que permeia o conceito de Comunicação. A partir dessa relação surgem algumas questões que devem ser discutidas a fim de situarmos a Comunicação no aporte teórico desta

pesquisa, a Pragmática com foco no performativo e seus aprofundamentos, como a noção de iterabilidade.

A primeira delas é aquela que coloca a comunicação como função hegemônica (ou única) da linguagem, levando às falsas representações de que “linguagem é comunicação” e de que é impossível não comunicar (OLIVEIRA, 2011). Entendemos que restringir a linguagem, todos os usos possíveis, ao objetivo único de comunicar, é desconsiderar o apelo que a linguagem tem aos usuários nos contextos do dia a dia. Se alguém perguntar, por exemplo, qual é o objetivo do enunciado “Me passa o sal, por favor?”, a resposta “Comunicar” pode não ser relevante, embora aceitável. A depender das circunstâncias dos indivíduos e do ambiente, o objetivo pode ser desviar de um assunto inconveniente à mesa naquela ocasião, ou alertar o cozinheiro de que tem de prestar mais atenção ao temperar a comida. A questão é que “comunicar” necessita de um “para quê?” e não permite um referente determinado, estático, haja vista tantas possibilidades de um mesmo enunciado. Austin, neste sentido, foi astuto ao assegurar que a linguagem serve para “fazer coisas” no mundo com as palavras.

Do mesmo modo, é preciso desmistificar a ideia de que, se a linguagem não é a comunicação em si, ela é o meio, muitas vezes o único, para tal. Rajagopalan (2012) ressalta que a meta de conter ou circunscrever as possibilidades de interpretação dos enunciados é fruto dessa convicção, uma vez que alguns estudiosos ignoram a participação do contexto e dos indivíduos no processo. Ao contrário de a linguagem (simplesmente ela) ser responsável pela comunicação, o autor defende que é “a vontade ou a necessidade de se comunicar que torna possível postular a existência de uma língua comum entre elas [as pessoas]” (ibidem, p.13).

Essas reflexões asseguram que a nossa relação com a linguagem não é meramente interpretativa ou informativa, mas performativa, de modo que “não-comunicar” é possível. Conforme explica Oliveira (2011, p.7, nota acrescida):

A complexidade dos organismos individuais, com suas incontáveis redes de crenças e multiplicidade de objetivos, representa a possibilidade de “não-comunicação” como regra e não como uma exceção! Isto não quer dizer simplesmente “incomunicabilidade”, pois apesar da relativa vagueza semântica das palavras as pessoas se comunicam, embora o sucesso desse empreendimento esteja ligado à justeza do acordo interpessoal sobre

o uso e o sentido dos diversos termos empregados neste ou naquele ambiente³⁶.

Derrida (1991b, p.27) também exalta os méritos do performativo para a desconstrução do conceito de comunicação como “puramente semiótico, linguístico ou simbólico”, que são: a) todos os atos de linguagem, à exceção dos que não desejam comunicar³⁷, são performativos; b) não há a menção de transporte de sentido, mas uma ação com a produção de um efeito. "Comunicar, no caso do performativo, se alguma coisa assim existe com todo rigor e com toda a pureza (...), seria comunicar uma força pelo impulso de uma marca" (DERRIDA, 1991b, p.26); c) o referente do enunciado não está presente, mesmo nos constativos; ou seja, os enunciados não descrevem o que está fora deles, o mundo, mas transformam uma situação e; d) o performativo afasta-se da oposição verdadeiro/falso, apontando para o que Austin chamou de força (ilocucionária e/ou perlocucionária).

A segunda confusão que queremos desfazer na relação ideia/signo e comunicação é a crença de que o pensamento é anterior à experiência linguística. Oliveira (2011) explica que o universo de signos em que estamos imersos não “caiu do céu”, como na história do Adão bíblico, que nomeou as coisas e as sensações a partir de um conhecimento *a priori*. No entanto,

trata-se de um esforço deliberado e contínuo (um comportamento, uma ação) manifesto na forma de sinais gráficos, acústicos ou gestuais, criados pelos seres humanos para dar conta de suas necessidades materiais e psicológicas (OLIVEIRA, 2011, p.3).

Além disso, o pensamento requer a linguagem (SHIBLES, 1974). Isto é, não há pensamentos independentes ocorrendo em nós uma vez que a única evidência deles são as palavras. Apesar disso, os pensamentos (bem como sentidos, intenções) não são transmitidos pelas palavras (como já discutimos com o performativo), pois elas não servem para descrever, nem o mundo exterior, nem qualquer estado interior da alma. Shibles (1974), a partir dos postulados de Wittgenstein (1985), explica que “raiva” ou “inveja”, por exemplo, não tem como referência um estado interior da alma, pois elas só se revestem de significado

³⁶ A possibilidade de “não-comunicação”, segundo o autor, tem como regra a) não compreender a mesma coisa; b) não dizer a mesma coisa e; c) não se fazer compreender da mesma maneira.

³⁷ Derrida parece admitir que possa existir enunciados não performativos com essa colocação, o que contraria a tese de Austin de que todos os atos de fala, sem exceção, são performativos. Reiteramos que, para os pragmatistas, a performatividade é uma condição de todo ato de fala, enquanto “comunicar” é a função que se inscreve como uma das possibilidades.

quando empregadas em certa situação. Na verdade, conclui ele, Wittgenstein nos mostrou que as referências que vamos buscar para esse uso estão no exterior, num padrão comportamental. Por isso, o que chamamos de emoções, na verdade, "são fenômenos linguísticos, comportamentais, intersubjetivos" (SHIBLES, 1974, p.53).

O vínculo entre comunicação e linguagem, no entanto, não é passível de ser extinto, como sabemos. Mas pode ser repensado a partir da observação de Ottoni (1998, p.57) de que Derrida encara a performatividade como um "ato de comunicação" e a iteração como "fundamental para a constituição da performatividade enquanto *comunicação*".

Derrida (1991b) defende que comunicar não é dar passagem ou acesso, transportar ou transmitir algo e, como vimos na subseção anterior, atribui à Austin a felicidade de desconstruir o caráter representativo da linguagem que subjaz a ideia de transporte de um sentido *per se*. Aliás, ao apresentarmos a relação de Platão com a oralidade (*logos*) e a escrita (*pharmákon*), vimos que esta era considerada a representação daquela (que por sua vez não representava ninguém) (DERRIDA, 1991a). Na desconstrução derridiana do conjunto metafísico fala/escrita, a fala é destituída de seu caráter de verdade e presença (pois nem mesmo ela pode assegurar um mero caráter constatativo da linguagem) para assumir o "papel" de um tipo de escritura, assim como se constitui a escrita no sentido comum. Em razão disto, a fala e a escrita são "escrita".

E com o performativo - com a ideia da palavra como ação e não como a sincronia perfeita entre o pensamento ou mundo - como a comunicação pode funcionar? Como nos entendemos mutuamente? Para que a "comunicação escrita" - todos os tipos de escritura, incluindo a fonética e a pictografia - funcione, Derrida (1991b) coloca que é preciso que ela seja legível, que tenha legibilidade.

Além disso, é preciso que a "escrita" seja repetível - Derrida prefere o termo iterável, donde *iter*, oriunda do sânscrito *itara*, significa *outro*, numa lógica que liga repetição e alteridade. Em outras palavras, a iterabilidade é aquilo que estrutura a marca numa repetição e numa diferença ao mesmo tempo:

A possibilidade de repetir e, pois, de identificar as marcas está implicada em todo código, faz deste uma grade comunicável, transmissível, decifrável, iterável por um terceiro, depois para todo usuário possível em geral (DERRIDA, 1991b, p.19).

É a iterabilidade que faz com que a comunicação seja possível, portanto, de modo que a marca, ou o signo, vai “funcionar” sem a presença, numa ruptura tanto com seu emissor, assim como com seu destinatário. Mas a não-presença inclui outros itens. A não-presença de que fala Derrida (ibidem, p.20) é "a não-presença do meu querer-dizer, de minha intenção-de-significação, de meu querer-comunicar-isto, à emissão ou à produção da marca."

Além da questão da intencionalidade no performativo, cujas leituras fazem de Austin um desconstrutor da presença da intenção ou de um sentido anterior ao uso da linguagem, vimos que Austin quando fala das condições dos performativos felizes (QUADRO 1), menciona a questão da convencionalidade, ou do contexto, como uma condição que afeta *a priori* os atos de fala, pois todos os atos convencionais estão fadados ao fracasso, podem falhar. Sobre essa parte, Derrida (1991b) comenta: "O 'rito' não é uma eventualidade; é, como iterabilidade, um traço estrutural de toda marca" (DERRIDA, 1991b, p.29). O contexto, portanto, é parte constituinte do sentido, ou no termo de Austin, da ação.

A partir da leitura do performativo, Derrida (1991b) propõe alguns atributos para solucionar os percalços e as dificuldades do pensamento de Austin. Um deles é o atributo da iterabilidade que, grosso modo, é o que torna o performativo e a própria comunicação possível. Em resumo, para que a marca funcione, deve-se levar em conta os seguintes atributos do signo a partir de Derrida:

a) A(s) ausência(s): o signo é uma marca que funciona antes e depois de sua inscrição, mesmo que o sujeito que o produziu em um determinado contexto venha a faltar. Afinal, as pessoas precisam se entender sobre a língua que usam; são os acordos necessários ao uso de qualquer língua. Aqui a condição mínima para que a comunicação funcione é que haja um código e que este possa ser reconhecido e passível de repetição. Mesmo que se trate de um fonema para um grafema, estamos falando de marca de um modo geral. Essa repetição é uma condição mesmo nas ausências do referente, do significado determinado, da intenção criadora, etc. Assim Derrida (1991b, p.23) conclui que "não há experiência de *pura* presença mas somente cadeias de marcas diferenciais".

b) A força de ruptura: O signo possui também uma força de ruptura com seu contexto, com "o conjunto das presenças que organizaram o momento de sua inscrição" (DERRIDA, 1991b, p.21). Essa força de ruptura está no nível em que o emissor enxerta os signos no seu uso, inscrevendo-os no seu querer-dizer, num

contexto "real" (embora nenhum contexto possa contê-lo). Ou seja, nenhum signo constitui seu contexto em si mesmo.

c) O espaçamento (a não-ancoragem ao contexto): A força de ruptura está exposta ao espaçamento do signo. Espaçamentos são "todas as formas de referente presente (passado ou vindouro, na forma modificada do presente, passado ou por vir), objetivo ou subjetivo" (DERRIDA, 1991b, p.22).

Todo signo, linguístico ou não-linguístico, falado ou escrito (no sentido corrente dessa oposição), em pequena ou grande escala, pode ser *citado*, posto entre aspas; por isso ele pode romper com todo contexto dado, engendrar ao infinito novos contextos, de modo absolutamente não-saturável. Isso supõe não que a marca valha fora do contexto mas, ao contrário, que só existam contextos sem nenhum centro de ancoragem (DERRIDA, 1991b, p.25-26).

Disto vem a dificuldade, e mesmo a impossibilidade, de recuperarmos o "querer-dizer" de algum "escrito", quanto mais se o vivente não está mais em condições de responder as nossas dúvidas sobre sua escrita. Austin, tanto investiu sua filosofia de questionamentos sobre as condições de verdade/seriedade dos discursos, que não seguiu o *script* da escrita filosófica, dita séria e comprometida com a verdade. Com o uso do humor - ao mesmo tempo em que nos advertia sobre seu uso inapropriado em questões sérias (RAJAGOPALAN, 2010) - Austin causou controvérsias sobre seu trabalho, entre leitores que simplesmente desconsideraram seu estilo jocoso e aqueles que louvaram sua ousadia (ibidem).

3.2.3 O humor de Austin e a controvérsia sobre uma exclusão do não-sério na abordagem do performativo

Muitos críticos de Austin, incluindo Derrida, "pagaram tributos às brincadeiras, complexidade e promessa radical de sua escrita" e reconhecem que seu trabalho "tem implicações mais amplas, particularmente de um tipo ético ou político" (LOXLEY, 2007, p.4). Ao organizar o performativo em torno de uma teoria geral dos atos de fala - onde pedidos, ordens, declarações, etc., podiam ser performances de qualquer declaração -, Austin "retratou declarações fictícias ou literárias como fundamentalmente derivadas, 'parasitas' do discurso sério ou dos atos de fala substanciais que ele estava teorizando" (ibidem, p.3).

Há quem tenha levado mais adiante, a partir de Austin, a questão de uma real exclusão entre linguagem ordinária e ficcional, o sério e o não-sério, respectivamente, envolvido em uma “teoria da ficção”. Loxley aponta que para estes há uma distinção ontológica entre a realidade da sentença ordinária e a não-realidade ou ilusão da literatura: o não-sério é, neste caso, visto como "uma imitação da seriedade, que é, ela mesma, um 'realismo' ontológico" (LOXLEY, 2007, p.14). Já vimos anteriormente, com Rajagopalan (2010) que a doutrina platônica se fundamentava numa ontologia imune à epistemologia; e nas palavras de Havelock (1996), o conhecimento que se colhe *per se*, sem o envolvimento do sujeito com a experiência.

Há também quem discorde sobre o pilar da teoria de Austin estar nessa distinção do real/ficção, sério/não-sério. E Loxley mesmo é um deles, argumentando:

Embora ele [Austin] descreva sentenças literárias ou ficcionais ou teatrais como ocas [*hollow*], ou como "estiolamentos", ou como "parasitas", ele não as contrasta com algo chamado "mundo real", como se não ser sério fosse a falta de algum tipo de substância ontológica. Em vez disso, num sentido crucial, mas apenas vagamente especificadas, elas não contam como poderiam se ditas em outras circunstâncias. A questão de seriedade, então, é principalmente uma questão de felicidade ou de validade, mas de um tipo distinto. Este '*seachange* em circunstâncias especiais' significa que a infelicidade de um performativo não-sério não é o mesmo que a infelicidade de uma cerimônia de casamento incompleta. A falha em obter efeito não ocorre porque o procedimento foi inadequadamente ou incorretamente invocado. Assim, uma promessa não-séria e uma séria não envolvem o mesmo tipo de critério. É por isso que eles são nulos [*void*] de uma "maneira peculiar", uma maneira diferente às infelicidades dos *misfires* ou *abuses*³⁸(LOXLEY, 2007, p. 15, nota acrescida).

Diferentemente de Loxley, Derrida (1991b) parece ver sim uma exclusão do não-sério, da ficção, no performativo de Austin. Aliás, ele aponta dois tipos de exclusões que Austin fez ao tratar de linguagem em suas conferências: uma é a do ato vazio (na qual Derrida não se concentra nessa obra), e a outra é a da citacionalidade (a possibilidade de ser "citado") dos enunciados performativos. Esse

³⁸ Preferimos traduzir *misfires* e *abuses* em nota porque à exceção destes termos a tradução foi nossa. Na tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho da obra de Austin que consultamos, *misfires* são os desacertos, advindos de falhas das condições de felicidade dos performativos de A1 a B2 (conforme QUADRO1); já os *abuses*, traduzidos por abusos mesmo, são as falhas nas condições $\Gamma 1$ e $\Gamma 2$ (QUADRO1). Mas Austin, no fim das contas, mostrou não estar interessado em nenhuma distinção rígida das falhas. Seu interesse, pelo visto, estava mesmo em mostrar o quanto essa sistematização era infrutífera, visto que todos os atos convencionais estão sujeitos a falhas desde que se considere uma linguagem da ação e não da descrição do mundo.

segundo tipo é aquele que possibilita a interpretação de uma discriminação do sério/não-sério. O trecho a que Derrida se refere é este:

(II) Em segundo lugar, os performativos enquanto proferimentos herdam também outros tipos de males que infectam *todo* e *qualquer* proferimento. Estes, porém, embora possam ser enquadrados em uma regra mais geral, foram, no momento, deliberadamente excluídos. O que quero dizer é o seguinte: um proferimento performativo será, digamos, sempre vazio ou nulo *de uma maneira peculiar*, se dito por um ator no palco, ou se introduzido em um poema, ou falado em um solilóquio, etc. De modo similar, isto vale para todo e qualquer proferimento, pois trata-se de uma mudança de rumo em circunstâncias especiais. Compreensivelmente a linguagem, em tais circunstâncias, não é levada ou usada a sério, mas de forma parasitária em relação a seu uso normal, forma esta que se inclui na doutrina do *estiolamento*³⁹ da linguagem. Tudo isso fica excluído de nossas considerações. Nossos proferimentos performativos, felizes ou não, devem ser entendidos como ocorrendo em circunstâncias ordinárias (AUSTIN, 1990, p.36, nota adaptada do tradutor).

Sobre a questão da citacionalidade, Derrida analisa que Austin insiste que essa possibilidade, mesmo depois de assegurar que é condição de todo ato de fala, “permanece *anormal, parasitária*, constitui uma espécie de extenuação ou de agonia da linguagem que é preciso manter bem à distância ou da qual é preciso desviar-se” (DERRIDA, 1991b, p. 30).

O texto de Derrida é permeado por perguntas - e, temos que admitir, difícil de “ler” em certa medida, principalmente quando o que está por vir em seu texto é um deslocamento do que admitíamos confortavelmente! O questionamento parece ser o seguinte: se Austin diz que a possibilidade de ser citado é comum a todo ato de fala, o que impede de um ato de fala citado num palco contar como performativo sério? Para Derrida, se estamos admitindo uma citabilidade geral, não faz sentido acolher uma citabilidade do sério e excluir uma citabilidade dos palcos ou da ficção em geral.

Derrida toma a sua hipótese sobre Austin fazendo outra “jogada” agora: o sério e o não-sério (da suposta divisão austiniana) dentro da citabilidade geral, mas como que em categorias diferentes, onde o “performativo relativamente puro” se ergue contra outros tipos de citabilidade (aqueles do “estiolamento da linguagem”). Ainda por esse ângulo, Derrida mostra não ser possível sustentar a divisão sério/não-sério:

³⁹ Há uma nota do tradutor dessa obra de Austin sobre “estiolamento” que achamos pertinente reproduzir em parte aqui. O termo “estiolamento” é usado por Austin para “caracterizar o ‘enfraquecimento’ que um ato de fala sofre ao ser utilizado em um contexto não-literal, de ‘faz-de-conta’, com o teatro, a ficção, etc.” (AUSTIN, 1990, p.36).

Nessa tipologia, a categoria de **intenção** não desaparecerá, terá seu lugar, mas, a partir desse lugar, ela **não poderá mais comandar toda a cena** e todo o sistema de enunciação. Principalmente, ter-se-á de tratar, então, de diferentes tipos de marcas ou cadeias de marcas iteráveis e não de uma oposição entre enunciados-citações, e em contrapartida, enunciados eventos singulares e originais. A primeira consequência disso será a seguinte: dada essa estrutura de iteração, a intenção que anima a enunciação nunca estará presente a si mesma e a seu conteúdo, de ponta a ponta. A iteração que a estrutura *a priori* introduz aí uma deiscência e uma ruptura essenciais. O "não-sério", a *oratio obliqua* não poderão mais ser excluídos, como Austin queria, da linguagem "ordinária" (DERRIDA, 1991b, p.33, ênfase em negrito acrescida).

É essa ausência (essencial) da intenção que é responsável pela não saturação do contexto, já descrita anteriormente nos predicados da comunicação elencados por Derrida. Portanto, se a intenção não está presente num sentido metafísico, o contexto fica sujeito à mesma incerteza, de modo que o "ordinário" e o "parasita" ficam à deriva nessas questões. Com isso, Derrida não quer tirar de vista os efeitos que podem decorrer do evento discursivo. Os efeitos estão incertos para um quanto estão para o outro: "Simplesmente, esses efeitos não excluem o que em geral se opõem a eles termo a termo; pressupõem-no, ao contrário, de modo dissimétrico, como espaço geral de sua possibilidade" (DERRIDA, 1991b, p.34), que é o espaçamento, a não-ancoragem a um contexto predeterminado de que já falamos.

Se Austin estava mesmo interessado numa separação ou não do sério/não-sério, é uma intenção que não vamos conseguir recuperar fielmente, pelas próprias noções de linguagem que estamos trazendo para esta pesquisa. Por que estamos trazendo essas leituras, então? Pelo fato de que ganhamos muito em discussões sobre o caráter da linguagem com os desdobramentos de ambas as hipóteses, de uma exclusão e de uma não-exclusão do não-sério em Austin.

Sobre Platão, uma leitura não menos difícil, nos colocamos ao lado de Havelock (1996) pelo manifesto de uma exclusão, apesar de, em sua análise, o autor pontuar que o filósofo grego condenava a linguagem poética ao mesmo tempo em que fazia uso do mito e das metáforas para explicar sua doutrina (também em SHIBLES, 1974). Nosso posicionamento se deve ao projeto racionalista platônico tratar a linguagem como uma "estória verossímil", de modo geral, numa busca do "permanente, a realidade absoluta e imutável" (SHIBLES, 1974, p.26).

Quanto ao sério/não-sério em Austin, nos posicionamos ao lado de Rajagopalan (2010), acreditando que o primeiro estava menos preocupado com uma

divisão do sério/não-sério e mais engajado numa desconstrução da linguagem como “espelho” do mundo. Uma separação do (não) sério em Austin só se torna possível se ignorarmos o modo como ele falou do assunto (RAJAGOPALAN, 2010). Com o uso do humor em seus feitos filosóficos (não há meros ditos, segundo a noção de performativo), Austin perturbou e revolucionou a leitura das palavras “ao pé da letra”, confundindo os leitores ao usar aspas em “a sério”, “com seriedade” e “parasitários”.

A questão é: se ele sabia o tempo todo que a diferença entre verdade e falseabilidade é, no final das contas, um fetiche que merece ser desconstruído, será que estava falando sério ao prometer no início de suas conferências que o mérito que ele requereria para a tese a ser exposta seria “o de ser verdadeira, pelo menos em parte”?⁴⁰ (RAJAGOPALAN, 2010, p.149, nota acrescida).

Podemos assim considerar que o que Austin parecia estar fazendo o tempo todo era desconstruir o fetiche verdade/falseabilidade, que até então se fortalecia por meio de uma influência da metafísica platônica sobre o pensamento ocidental.

Até aqui nos envolvemos com a discussão do sério/não-sério da seguinte forma: primeiro dentro da perspectiva platônica, a partir de Havelock (1996), para entender como essa oposição hierárquica foi construída; segundo, a partir da desconstrução (DERRIDA, 1991a; b) e do performativo (AUSTIN, 1990) abordamos como uma concepção de comunicação estruturada em oposições metafísicas (como sério/não-sério, fala/escrita, literal/metafórico) não se sustenta depois de conceber a linguagem não como a descrição do mundo, mas como ação. Finalmente, no tópico seguinte, situamos a concepção do performativo dentro do escopo teórico da pragmática para, na sequência, apresentarmos um conceito de humor que consideramos mais próximo das ideias organizadas até aqui, o humor como a percepção de uma incongruência apropriada.

⁴⁰ O trecho é este: “O que tenho a dizer não é difícil, nem polêmico. O único mérito que gostaria de reivindicar para esta exposição é o fato de ser verdadeira pelo menos em parte” (AUSTIN, 1990, p.21).

3.3 UMA PERSPECTIVA PRAGMÁTICA PARA O (NÃO) SÉRIO

Entre o final dos anos 60 e início dos 70 houve um colapso nas teorias da linguística, em especial a de Chomsky⁴¹, a partir de ideias que só depois viriam a ser chamadas de pragmática. “A pragmática estava sendo feita embora inicialmente seus praticantes não estavam cientes disso” (MEY, 1993, p.19). Essas ideias iniciais visavam romper com as análises formais da língua, mas não tinham respaldo na ciência por não se basearem em análises sintáticas e, por este motivo, não foram os linguistas que provocaram uma mudança de paradigma nesses estudos: foram filósofos interessados na linguagem. Entre esses nomes, que fizeram do sentido algo “situado, negociado, produzido, fruto de efeitos enunciativos e não algo prévio, imanente e apenas identificável como um conteúdo” (MARCUSCHI, 2008, p.37), estão os já citados nesta discussão, Ludwig Wittgenstein e Austin (cujo principal divulgador foi John Searle com a publicação de *Speech Acts* em 1969)⁴².

Searle não apenas divulgou o performativo, como também interviu nas ideias de Austin de modo a construir uma Teoria dos Atos de Fala. Logo, ele foi tido como “herdeiro intelectual de Austin e seu intérprete *autorizado*” (RAJAGOPALAN, 2010, p.8). Apenas quando Derrida (1991b) questiona a leitura de Searle, na década de 80, é que emergiu um outro Austin: aquele que não visava aplicações teóricas e que tinha no reconhecimento de seus fracassos o seu mérito (DERRIDA, 1991b). Além, é claro, do Austin que se distancia da metafísica platônica, contrariando a sua própria tradição na filosofia analítica, para situar a compreensão da linguagem-objeto na relação indissolúvel com o sujeito (RAJAGOPALAN, 2010).

Uma perspectiva pragmática para o (não) sério significa, portanto, se desvencilhar das amarras metafísicas que sustentam o humor a partir de binarismos como verdadeiro/falso, literal/metafórico. E o performativo constitui, para nós, o

⁴¹ Chomsky era de uma vertente cognitivista dos estudos linguísticos. Ele desenvolveu a gramática gerativa cujo objetivo não era descrever o comportamento linguístico, mas os estados da mente responsáveis por ele, concebendo a linguagem como “uma faculdade mental inata e geneticamente transmitida pela espécie” (MARCUSCHI, 2008, p.32). Chomsky ilustrava isso com a dicotomia competência/desempenho, estando o último fora da alçada da ciência (ibidem). A obra de Chomsky visitada por Marcuschi é “O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso” (1994 [1986]).

⁴² Austin morreu antes de publicar suas ideias, deixando apenas seus manuscritos. Quem, até a polêmica interpretação de Derrida (1991b), detinha a “leitura oficial” dos atos de fala era Searle com a publicação de *Speech acts: na Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969. A leitura searlina do performativo, segundo Rajagopalan (2010) “domesticou” as ideias de Austin de modo a ser reintroduzida na filosofia analítica de tradição metafísica. Não mencionamos a taxonomia dos atos de fala feita por Searle porque adotamos outras leituras, a do próprio Derrida com a iterabilidade e a ênfase no *uptake* austiniano por Ottoni.

melhor caminho para essa desconstrução. Para situar a que pragmática nos referimos nesta pesquisa sem fazer uma delonga por cada vertente (são várias abordagens do “uso da linguagem”), Rajagopalan (2010) nos ajuda a simplificar com a clara divisão que há na abordagem das ideias de Austin, do performativo: a leitura de Searle e a leitura não searliana, e a esta última, Rajagopalan chama Nova Pragmática:

A Nova Pragmática nada mais é do que a fase da Pragmática que conseguiu se desvencilhar das velhas amarras herdadas de outros tempos, que impediam os pesquisadores de encarar a linguagem com todas as complexidades que ela apresenta sem lhes dar as costas ou simplesmente menosprezá-las em nome de aperfeiçoamento da teoria (RAJAGOPALAN, 2014, p.13).

Para Mey (1993), a pragmática é a ciência que estuda a linguagem a partir da sua relação com seus usuários, que agem linguisticamente pelos seus propósitos, dentro de limitações e possibilidades, não se detendo a analisar o seu produto final, a linguagem. É desse modo que a pragmática reflete a dinâmica do comportamento comunicativo do ser humano, que é notadamente social e cultural (pois cada comunidade desenvolveu seu repertório de uso). Trata-se também, conforme Oliveira (2011), de um comportamento intencional cujos motivos podemos investigar, já que nos permite sempre perguntar “com que fins?”.

Pela razão de que a língua decorre de uma experiência coletiva, os enunciados não apenas articulam vontades individuais, mas refletem também “a atmosfera social valorativa em que as pessoas estão inseridas” (OLIVEIRA, 2011, p.4-5). Por sua vez, as vontades dos indivíduos, ou as intenções, para a pragmática, não constituem “expressão de uma subjetividade pré-social”, mas sim “comportamentos responsivos às inúmeras solicitações que lhes são feitas enquanto seres sociais” (ibidem). Na interpretação de Shibles (1974, p.117):

a intenção é reconstruída *expost facto* e implica em não sabermos qual a intenção enquanto o fato não acontece - e então teremos um padrão de comportamento reconstruído e aceito por convenção ou acordo, mas não teremos a intenção.

A ação no uso da linguagem rompe com a ideia de que seguimos um roteiro rígido nas práticas comunicativas, cujas restrições contextuais seriam excessivamente ressaltadas. Ao contrário, a ação remete ao comportamento político

inerente ao uso da linguagem. O comportamento político se refere às “mudanças que o usuário da linguagem impõe às circunstâncias e aos interlocutores” (OLIVEIRA, 2011, p.6), mesmo em locais que exigem comportamentos solenes e rígidos, como uma formatura ou julgamento, “os aspectos da experiência individual do usuário podem ser usados para ‘transgredir’ as restrições normativas institucionais ou para singularizar o discurso no sentido de autorar” (ibidem).

No escopo teórico da pragmática as noções de ambiguidade e de sentido literal ou metafórico ficam sob suspeita pelo mesmo motivo. No uso corriqueiro da linguagem não determinamos se um sentido é conotativo ou denotativo para compreender um enunciado. Mey (1993) coloca que não é desse modo que encaramos a linguagem no cotidiano. Mas é claro, há uma ressalva do autor para as ocasiões especiais em que a motivação é justamente enganar e embaraçar o companheiro. Ainda assim, não há ambiguidade, estritamente falando. A ambiguidade e a vagueza só estão presentes "quando as sentenças são focalizadas isoladas de seus contextos" (RAJAGOPALAN, 2010, p.41). Assim, o falante sabe o que está fazendo e, se o ouvinte está confuso sobre uma conversa ele pode especular em seguida.

Alguns linguistas tradicionais diriam que solucionamos a ambiguidade por causa do contexto. E, visto de outro modo, não é por causa do contexto que conseguimos nem mesmo cogitar qualquer segundo ou terceiro sentido para uma frase? Sobre o contexto, Mey (1993, p.10) explica:

Um contexto é *dinâmico*, para se dizer, é um ambiente que está em desenvolvimento estável [*steady development*], solicitado pela interação contínua das pessoas envolvidas no uso da linguagem, os usuários da linguagem.

Portanto, o contexto, para Mey, compreende as circunstâncias de interação social no sentido mais amplo e permite que os participantes se compreendam mutuamente, apesar das reformulações e negociações constantemente exigidas pela interação. Para dar conta da relação entre o performativo e o contexto, aprofundamos a noção de contexto com a da linguagem como prática local.

3.3.1 Linguagem como prática local

Pennycook (2010) aborda a linguagem como uma forma de ação em tempo e lugar específico, ou seja, da linguagem como uma prática local. A sua proposta converge com a perspectiva que adotamos nesta pesquisa em vários pontos. O principal deles é a proposta de desvencilhamento do entendimento da língua como um sistema em prol da linguagem como um “fazer”. É partir do performativo, portanto, que seremos capazes de conceber que o "uso da linguagem é parte de uma ação recíproca multifacetada entre humanos e o mundo" (PENNYCOOK, 2010, p.2).

Para entender a relação da linguagem como prática local em Pennycook (2010) com o performativo em Austin (1990), retomamos a pergunta a que este último se dedicou a responder nas suas conferências em Harvard: “Como fazemos coisas com as palavras?”. A pergunta de Pennycook, que não nega o trabalho de Austin, é uma inversão bem apropriada: “Como as coisas que fazemos com as palavras produzem linguagem?”.

Pennycook responde a essa pergunta articulando três termos em conjunto: linguagem, local e prática - em que “prática” é o conjunto de atividades que constroem, reforçam ou mudam a relação entre o local e a linguagem. Dissemos que a inversão da pergunta é proveitosa porque coloca a ação em um movimento ininterrupto de, grosso modo, “fazer coisas no mundo com a linguagem que fazemos quando fazemos coisas no mundo”. Por isso, o mérito de toda noção de prática, assinala Pennycook (2010), é que ela se centra no dia a dia, evitando a metafísica e teorias universais - o que tentamos evitar nesta pesquisa também desde que estamos interessados no que a prática de relocalizar critérios para o sério/não-sério na *fanpage* de Curitiba implica.

A noção de “uso da linguagem” é aprofundada para uma noção de “prática da linguagem”. Falar em “uso”, indica Pennycook, pode nos dar a ideia equivocada de que a língua é um sistema de comunicação pronto, uma ferramenta que “pegamos” para usar em contextos determinados. O autor desafia essa ideia com a noção de prática, onde inclusive a linguagem é construída a partir de “atividades profundamente sociais e culturais nas quais as pessoas se envolvem”:

O que nós fazemos com a linguagem em um lugar específico é o resultado da nossa interpretação daquele lugar; e as práticas de linguagem em que nos envolvemos reforçam a leitura desse lugar. O que nós fazemos com linguagem dentro de diferentes instituições - igrejas, escolas, hospitais - por exemplo, depende da nossa leitura desses lugares físicos, institucionais, sociais e culturais (PENNYCOOK, 2010, p. 2).

É pelo conhecimento que temos sobre o local, o “aqui e agora”, que direcionamos nossas práticas linguísticas, assim como sabemos que em determinados lugares temos que ajoelhar, rezar, cantar, escrever num livro, dar ordens, etc. Contudo, as práticas - que já não implicam o simples uso de um sistema linguístico pronto, mas a construção desse uso no social - também não admitem que tenhamos em mente locais prontos; locais como palcos onde a linguagem acontece e apenas sofre sua influência. Dito de outro modo, Pennycook (2010) argumenta que “fazer” as coisas localmente não significa fazê-lo numa noção dada previamente do que é local, mas, ao invés disso, que as práticas locais constroem, também, a localidade. A língua, por esse viés, fica conectada ao tempo e ao espaço.

Tanto linguagem quanto localidade emergem das práticas nas quais nos engajamos. E o que organiza todas as outras práticas do social (jurídicas, políticas, educacionais, religiosas, recreativas, bancárias, etc.) é a prática da linguagem (ibidem) ou, sem dar prejuízo ao termo usado pelo autor, a prática comunicativa. A argumentação de Pennycook sobre o caráter local delas, sem, contudo, opor localidade à globalidade⁴³, é categórica: todas as práticas linguísticas são locais e pensar sobre essa relação “não pode mais estar contido na noção de linguagem em contexto” (PENNYCOOK, 2010, p.2).

Além disso, na relação entre prática, linguagem e localidade, a prática não está em oposição à Teoria. Também não é mero comportamento ou atividade; é uma combinação de pensamento e ação que se torna hábito, costume, “conduta social sedimentada e regulada” e ainda, o princípio organizador e meso-político por trás da conduta. Ou seja: “As práticas preenchem a lacuna entre o comportamento individual e a estrutura cultural e social, enquanto também chama a atenção para a importância da atividade repetida” (PENNYCOOK, 2010, p.28).

O caráter de repetição que as práticas comunicativas (sempre locais) têm é outro ponto que interessa a nossa análise. Se as práticas se repetem, como surgem práticas novas? E, se elas mudam, como podem ser sedimentadas? O caráter de

⁴³ Para Pennycook (2010), falar em global ou práticas globais nada mais é que referir-se às aparentes ocorrências simultâneas de práticas locais.

repetição das práticas locais em Pennycook (2010) se aproxima da noção de iterabilidade de Derrida (1991b), mas com uma ressalva importante⁴⁴, de substituir a ideia de contexto por localidade e, de recontextualização por relocalização.

Os fenômenos linguísticos, conforme explica Pinto (2000, p. 48), “não são puramente convencionais, mas sim compostos também por elementos criativos, inovadores, que se alteram e interagem durante o processo de uso da linguagem”. Desse modo, como podemos criar linguagem ao mesmo tempo em que nos fazemos entender? A estabilidade das regras é fruto das atividades (apenas aparentemente) repetidas socialmente, enquanto a mudança é que elas estão, ao mesmo tempo, sendo reescritas. Não se trata de uma diferença que se afasta da norma, mas a diferença como (sendo) a norma (PENNYCOOK, 2010). Essa diferença acontece de duas maneiras:

humanos são, é claro, capazes de mudar coisas, embora frequentemente muito menos do que nós gostamos de pensar. De um modo geral, nós seguimos fazendo mais ou menos a mesma coisa de novo e de novo. Mas nós podemos fazer mudanças intencionais naquilo que fazemos, e essas mudanças podem se tornar sedimentadas através do tempo. Há também pequenas escorregadas sem intenção, mudanças nos modos que fazemos e dizemos as coisas, e essas também podem começar a ser repetidas e transformar-se em práticas sedimentadas (PENNYCOOK, 2010, p.49).

Repetição, portanto, não é repetir a mesma coisa, de modo que o mesmo e o diferente não podem ser divididos: “é um problemático mesmo-mas-diferente” (ibidem). E de fato há uma repetição que fornece a ilusão de uma sistematicidade rígida, uma gramática da língua. Mas temos que perceber que a criatividade é a coisa mais comum nas nossas práticas de linguagem porque é com ela que recontextualizamos as “expressões dos outros” (ibidem). Embora a criatividade seja uma recontextualização, Pennycook prefere argumentar que se trata de uma relocalização das expressões dos outros. Ele muda o termo porque quer ir além da

⁴⁴Pennycook situa sua noção de práticas entre o *habitus* de Bourdieu e a iterabilidade de Derrida, ficando mais próximo da abordagem de Butler do performativo, de quem também acolhe as seguintes críticas: Bourdieu traria um contexto social que sobredetermina a prática, negando, portanto, qualquer nível de criatividade. Derrida, na análise de Butler (a qual Pennycook acolhe), enfatiza a não-ancoragem da marca a um contexto determinado, podendo resultar na ideia de que a marca possa ser descontextualizada em algum momento. Butler interpreta o performativo como uma prática que nunca pode estar fora de um contexto e nem ser determinada por ele. Pennycook fez essas reflexões por meio das obras: BOURDIEU, P. *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977; e BUTLER, J. *Excitable speech: A politics of the performativity*. London: Routledge, 1997. Na nossa “leitura”, entretanto, Derrida (1991b, p.25-26) enfatizou justamente que nenhuma marca funciona fora de um contexto, tal como Butler e, finalmente, Pennycook.

noção de contexto, preferindo uma noção de localidade, que inclui noções de espaço e tempo, o “aqui e agora”.

Entendemos que Pennycook preferiu substituir os termos - contexto por local, recontextualização por relocalização e uso por prática - tentando evitar qualquer “presença” metafísica, isto é, qualquer entidade que existe *per se*, que não é fruto da construção social através de negociações, comportamentos repetidos e criatividade. Consideramos que o autor, por esse motivo, supera noções de uso e contexto ainda presos ao racionalismo. Na abordagem do performativo neste capítulo, no entanto, usamos sem ressalvas as expressões uso, prática e contexto, sem que contrariássemos as reflexões apontadas por Pennycook. Isso porque o uso da linguagem de que fala Austin, apesar de não mencionar que “fazer coisas no mundo com as palavras” inclui “fazer linguagem”, não apresenta empecilho para essa possibilidade. E a questão da língua enquanto sistema acabado é justamente colocada em xeque pelo performativo, já que descrever o mundo não é sua função, mas alterar situações pela sua prática, de modo que necessita de criatividade. Além disso, o contexto é tratado pela pragmática como “um ambiente em desenvolvimento estável” (MEY, 1993, p.10), conforme já mencionamos, anulando a ideia de um “sentido fora do uso”, ou seja, de um “aqui e agora” e, finalmente, ficando mais próximo da noção de iterabilidade de Derrida (1991b) - condição que favorece a recontextualização/relocalização.

O ponto de vista de Pennycook elabora como o performativo e a iterabilidade explicam práticas comunicativas como atividades locais. De modo a considerar todas essas reflexões, uma concepção de humor não pode estar atrelada à definição daquilo que é cômico, não sério, ambíguo, e outras exclusões já discutidas anteriormente. Esta deve se pautar pelo modo que os indivíduos usam a linguagem no cotidiano e se comunicam sob uma série de ausências (da intenção, do sentido, de um contexto determinável), amparadas, no entanto, por um conjunto de acordos, crenças e convenções aparentemente estáveis.

4 O HUMOR

Já mostramos que a oposição sério/não-sério não consegue se firmar fora da concepção de uma linguagem que serve para representar o mundo. Essa oposição, portanto, não concebe uma linguagem que é ação no mundo, que é aquela que defendemos aqui. Por negarmos uma divisão do sério/não-sério em condições como verdade, realidade, racionalidade, literalidade (difundidos pela tradição logocêntrica da filosofia), apresentamos uma concepção de humor capaz de lidar com a não-presença da intenção do falante e com efeitos que incluem o riso como uma das possibilidades. Desse modo, se a proposta que apresentamos não é analisar o humor com critérios de seriedade ou não-seriedade, como iremos tratá-lo?

Oring (2003), em sua análise de 20 sites que veiculavam piadas sobre o escândalo de Bill Clinton⁴⁵, se perguntou por que as pessoas atribuíam nota alta para uma piada e nota baixa para outra. Ele notou que na maioria dos comentários, as pessoas associaram humor à frivolidade. Em outros termos, como já discutimos até aqui, humor como a negação, o acidente, o não adequado à verdade, à realidade. Houve também, na sua pesquisa, quem falasse do humor como a realidade, sem tensão nem ambiguidades; quem tratasse o humor como contrário à realidade, isso tanto entre quem queria o *impeachment* de Clinton quanto aqueles que não; e grande parte tratou o humor como brincadeira, como algo que não deve ser levado em consideração, pois serve apenas para entreter, ser cômico.

Mencionamos os resultados de Oring, mesmo que relativos a uma situação e interpretação bem peculiares, para dar uma ideia do que seria nossa relação com o humor ainda presos à herança ocidental dos conceitos metafísicos da Verdade, do *logos*. No caminho contrário desse fetiche de verdade/falseabilidade, a noção de humor que Oring assinala a partir de suas análises - inclusive contrapondo outras teorias sobre o humor - tem o mérito de não tornar o cômico uma “presença”:

O ponto crucial de sua tese é que o humor não é uma propriedade inalienável de um texto, uma característica que o texto possui independentemente das circunstâncias de sua produção. Isso significa que nenhum trecho de um determinado texto é intrinsecamente cômico, ou seja, o que o torna engraçado é certa relação que ele mantém com as demais partes do texto (RAJAGOPALAN, 2010, p.159).

⁴⁵ O ex-presidente dos Estados Unidos teve um caso com a então estagiária da Casa Branca, Monica Lewinsky, entre 1995 e 1997.

Essa relação entre as partes do texto que resulta no cômico (ou qualquer outra reação) depende de uma percepção de um tipo peculiar: a percepção de uma incongruência apropriada.

4.1 A PERCEPÇÃO DE UMA INCONGRUÊNCIA APROPRIADA

Oring (1992; 2003) traz uma abordagem para análise e interpretação do humor que nos chama atenção por ir contra suas duas principais vertentes de análise. Primeiro, o autor discute as análises psicológicas freudianas, centradas numa teoria das motivações do humor que não escapam à agressividade e/ou sexualidade - não que o humor não possa servir aos objetivos de agressão, frequentemente racista ou sexual. Segundo, Oring questiona as teorias que tem por base a incongruência, como a teoria da resolução de uma incongruência apropriada.

Embora o termo "incongruência apropriada" seja recente e proposto por Oring, ele nos lembra de que o conceito não é recente e, já no século XVIII, James Beattie propôs "*the incongruity-resolution theory of humor*". No entanto, a formulação de Oring difere desta em dois pontos: a) o termo incongruência apropriada não sugere que uma incongruência seja *resolvida*, pois a incongruência se mantém mesmo depois de os pontos de conexão entre as categorias incongruentes terem sido descobertos. Oring, em vez disso, reconhece uma adequação entre os domínios justapostos (a incongruência), mas essa adequação é caracterizada por uma relação psicológica válida em vez de uma relação lógica; b) a teoria de Beattie implica uma ordem temporal: primeiro a incongruência é reconhecida, segundo, sua "resolução" ou adequação acontece. Ora, e o contrário não pode acontecer? O autor questiona se devemos instituir uma sequência para as percepções quando o que pode ser percebido primeiro são as conexões para depois uma percepção de que houve uma incongruência.

A partir desses questionamentos, Oring (2003) defende que o humor depende da apreensão de uma estrutura particular de ideias, e isso é o que ele prefere chamar de incongruência apropriada. Isto é, "a percepção de uma inter-relação apropriada de elementos vindos de domínios que são considerados incongruentes" (ORING, 1992, p.2).

A incongruência foi delegada como propriedade do humor há mais de 200 anos, segundo o autor. A apreensão dessa incongruência, no entanto, é que não foi tratada da mesma forma pelas teorias que surgiram de lá para cá. A incongruência tem servido, por exemplo, como parâmetro para identificar qual expressão ou unidades sintáticas são responsáveis por provocar o riso. Uma vez centrados na estrutura, Oring (2003) considera que a incongruência é resolvida fora de um “uso”, de um contexto, fazendo cessar a análise por aí, quando, de fato, nada se resolveu.

Em sua teoria, Oring está preocupado com três eixos do humor: a estrutura, as motivações e o sentido. A estrutura, nesta abordagem, nos interessa porque é mais "solta", fazendo dessa apreensão uma verdadeira - e virtuosa - imprecisão. Essa imprecisão faz com que o humor não seja resolvido, de fato. "Em humor, apropriação é sempre parcial" (ORING, 2003, p.142) porque não se trata de uma incongruência formulada em nível linguístico, mas conceitual. Quanto ao sentido, por admitir que a estrutura não pode tornar uma incongruência resolvida, é algo sempre suspenso: as categorias incôngruas e os aspectos da apropriação permanecem ativos. O que fazemos, segundo o autor, é que em vez de resolver a incongruência geramos um sentido espúrio, uma “apropriação espúria”.

Ao considerarmos para o humor todas as implicações do que abordamos nos capítulos anteriores sobre intenção, contexto, usuários, e ainda, sem perder de vista a ideia de localidade ou contexto, aproximamos o conceito de “apropriação espúria” de Oring ao “papel” do “*uptake*” de Austin, de modo que as duas noções podem ser estendidas a todo ato de fala, ou seja, humorístico ou não.

A consequência de tomar a ideia de que a apreensão de uma incongruência é espúria, é a de que o riso não é uma regra para o humor. Oring (2003), toma como exemplo um enigma - considerado uma forma de humor na nossa cultura, embora possa ter preferência entre as crianças. Muitas respostas a esses enigmas são consideradas *nonsense*, mas ele lembra que, quando crianças podemos achar graça de certas coisas que, quando adultos, passamos a julgar *nonsense*. Ademais, há piadas que crianças não são capazes de compreender. Outro exemplo do autor para questionar por que nem todas as percepções de incongruências apropriadas são engraçadas são as metáforas. A metáfora, em sentido estrito, envolve a comparação entre duas categorias conceituais “que colidem”, portanto, uma incongruência (geralmente absurda). Para superar esse absurdo, a pessoa descobre conexões

apropriadas entre as categorias, de modo que as metáforas podem ser comparadas a piadas. A conclusão do autor é esta:

Me parece que a razão pela qual enigmas e piadas são engraçadas enquanto que definições e metáforas não, é que nas piadas o encadeamento da incongruência e a procura por sua apropriação é espúria em vez de genuína (ORING, 2003, p.5)⁴⁶.

Por último, sobre as motivações, Oring se mostra ainda mais desapontado com a maneira com que o humor vem sendo tratado nesse aspecto. "Eu acredito que as motivações para o humor são variadas e que o humor não é produto de um único motivo - não importa quão poderoso ou prevalente esse motivo possa ser" (ORING, 2003, p.143). É muito frequente, ele exemplifica, por influência das teorias de Freud, o humor ser associado como forma de agressão. Segundo o autor, apenas quando o humor tiver seu "casamento" com a agressão anulado é que seremos livres para explorar outros motivos, como por exemplo, mudar de assunto, preencher silêncios embaraçosos, uma pessoa produzir uma imagem de si mesmo - até mesmo identidades de nações são investidas de humor -, mostrar as preocupações de uma comunidade, etc. Lembramos que essas possibilidades, já defendemos aqui, não podem emergir se ainda tomarmos a linguagem por representação do mundo.

Se as incongruências não podem ser resolvidas, como vamos perceber essas estruturas, sentidos e motivações do humor? Oring então aponta para o contexto:

Estes contextos incluem as experiências que um indivíduo traz para o humor que ele ou ela ouve ou performatiza; a interação social na qual as performances humorísticas estão incorporadas; as condições históricas e sociais sobre as quais as piadas surgiram, se proliferaram e desapareceram; o conhecimento cultural de que o humor depende e com que joga; e o leque de expressões dentro e além das fronteiras da sociedade, com as quais performances de humor localizadas podem ser comparadas e contrastadas. Quando o contexto é ignorado, analistas são

⁴⁶Oring parece neste momento se trair com a ideia de uma dicotomia entre o genuíno e o espúrio - e alimentar uma dicotomia como essa na nossa proposta de análise é tudo o que tentamos evitar desde o começo com a discussão do (não) sério pela desconstrução e pela pragmática. Felizmente, esta falha pode ser atenuada quando sujeitamos o genuíno/espúrio ao que ele mesmo construiu sobre "incongruência apropriada", nos permitindo ficar com o mérito de sua intervenção. Rajagopalan nos mostra como isso pode ser feito: "Oring não percebeu que a relação, ou melhor dizendo, a oposição entre algo genuíno e espúrio é, pela lógica que sua própria tese produz, estrutural e, portanto, sujeita ao mesmo princípio de 'incongruência apropriada'. Isso significa que aquilo que está sendo descartado como espúrio, inevitavelmente, já foi genuíno, ou, pelo menos pertenceu a uma categoria maior que um dia já acomodou tanto o genuíno quanto o espúrio sem que houvesse o desconforto que hoje há" (RAJAGOPALAN, 2010, p.165). De todo modo, as noções tanto de "apropriação espúria" quanto de "uptake" desafiam qualquer "efeito certo" que se possa visar nos atos de fala.

levados a tanto considerar o humor como uma forma de agressão, quanto rejeitá-lo como mera diversão sem importância (ORING, 2003, p.145).

O modo como Oring fala do contexto nos permite falar de uma afinidade com a perspectiva de Pennycook, da linguagem como prática local: o conjunto das experiências e performances do humor estão tanto no âmbito coletivo quanto no individual da experiência linguística: o intercâmbio entre um e outro ocorre pela repetição da performance, uma repetição que deve ser do mesmo-mas-diferente, pois do contrário não poderia surgir, se proliferar e desaparecer.

Além disso, abordar o humor sob a noção do performativo e da iterabilidade nos permite interpretar como ressignificamos termos cujo uso seria improvável em certa situação; também como conectamos conceitos incongruentes - como verdade e literalidade, falseabilidade e ambiguidade - criando adequações totalmente espúrias que, sob o efeito das repetições, causam a impressão de serem verdades transcendentais. E para isto a desconstrução se faz necessária. A partir de todas essas discussões empreendidas nesta pesquisa, analisamos, no próximo capítulo, o tratamento dado ao humor pelos seguidores da *fanpage* da Prefeitura de Curitiba.

5 ANÁLISE

Antes de passarmos à discussão das avaliações, retomamos brevemente os objetivos da nossa proposta, bem como os principais direcionamentos que tomamos para análise. A descrição do objeto empírico e dos procedimentos para a escolha dos dados já foi descrita no capítulo 2.

Nosso intuito principal é, então, problematizar a performance do sério/não-sério no *Facebook* da Prefeitura Municipal de Curitiba, porque o caráter dessa distinção afeta profundamente a nossa relação com a linguagem, bem como a nossa concepção de comunicação e de humor. De todo modo, nosso trabalho de pesquisa se destina a explicar como e por que uma oposição entre sério/não-sério faz parte das avaliações do humor na *fanpage* analisada, uma vez que defendemos uma visão contrária a essa divisão: a performatividade da linguagem e a comunicação como o resultado daquilo⁴⁷ que fica assegurado pelos usuários no momento da interação.

Para dar conta disso, os procedimentos para a análise se resumem em reunir os julgamentos em torno do uso do humor a partir da seção das avaliações da *fanpage* da Prefeitura de Curitiba⁴⁸, para então confrontá-los, de um lado, com os critérios platônicos em torno dos “discursos emotivos” e “racionais” - que culminaram na defesa de uma linguagem que representa o mundo e as ideias, e que podem ser verificadas em critérios de verdade ou falseabilidade - e, por outro, com a teoria pragmática e a desconstrução, cujas abordagens para o performativo rompem com esses critérios para defender uma linguagem como ação e a comunicação não como transmissão, mas como (e)feitos sob várias possibilidades. Ao operar com os conceitos expressados pelos próprios seguidores da *fanpage* de Curitiba para o sério e para o não-sério, provocamos um intercâmbio dessas propriedades a fim de substituir a operação retórica de origem platônica pela performatividade da linguagem. Por isso, a seguir, criamos tópicos intitulados a partir dos principais (não) valores atribuídos ao humor, a fim de organizar a discussão.

⁴⁷ Novamente, algo que não pode ser determinado simplesmente pela intenção do falante, ou pelo signo/marca detentor de uma ideia, um pensamento, ou ainda pela limitação de um contexto.

⁴⁸ Algumas opiniões são parecidas. Por isso, optamos por não transcrever todos os comentários escolhidos, passando a exemplificar os critérios expressados pelos avaliadores com trechos que consideramos pertinentes. Todas as avaliações consideradas nesta pesquisa se encontram na íntegra nos anexos.

Antes de tudo, porém, é interessante notar que, com a pragmática, são os conceitos que devem se sujeitar às práticas, e não ao contrário, de modo que o humor, tão desinteressado pela literalidade, nos distancia da percepção do significado como aquilo “que é” para aquilo “que se torna”, no momento em que o usuário cria uma conexão (espúria) a partir dos elementos que reúne do ambiente no instante da interação e dos acordos de suas experiências anteriores, conforme discutimos no referencial teórico.

Além disso, tanto o trabalho de Wittgenstein - de “o sentido está no uso” - quanto o de Austin - de “as palavras não descrevem o mundo, mas realizam coisas nele”⁴⁹ -, visam demonstrar que todas as palavras têm sentido vago até que coloquemos a serviço daquilo que aprendemos a fazer com elas. Isto é, os sentidos das palavras também assentam-se no aprendizado dos jogos linguísticos. Para isso, as reflexões de Pennycook se mostraram bem oportunas. Lembramos que sua discussão se situa na condição que a iterabilidade impõe aos “significados” ao longo do tempo e em diversos contextos de modo a ressignificar ou manter certos “regimes de significado”, isto é, criando padrões de comportamento um tanto duradouros, mesmo que sujeitos à alteridade. E, como vimos com Rajagopalan, há um esforço para que as regras estilísticas que elegemos para o “sério” não sejam afetadas por aquelas que restaram ao “não-sério”.

O padrão de conceituação racionalista, por exemplo, criou para o “sério” aquele discurso que é verdadeiro e não sofre modificações com as experiências, porque está fundamentado na descrição daquilo “que é”, o real e moral (que, no platonismo, significava o domínio sobre as emoções). Ao não-sério, pelo contrário, atribuiu-se o discurso discriminado, inadequado, porque é ambíguo, emotivo e incompleto.

Da Grécia antiga para cá, no entanto, nós relocalizamos esses conceitos a partir de outros usos, da criação de novos discursos para as necessidades comunicacionais que se modificaram ao longo do tempo. Isto é, o entorno de Platão, dos poemas épicos, e as motivações para a criação de sua doutrina filosófica às custas da expulsão dos poetas de um sistema educacional precário para os padrões posteriores, certamente não é o mesmo entorno que vivenciamos hoje, de modo que, uma divisão entre o que é e o que não é sério teria que se pautar de outra

⁴⁹ Austin também nos apresenta como o sentido se dá no uso quando ele introduz a noção de *uptake* no seu trabalho, como vimos no capítulo 3.

forma. O que nos faz remontar a Platão, no entanto, é que, para nós, essa oposição não se verifica hoje sob critérios tão diferentes, tratando-se de uma realocização daqueles.

Platão estava preocupado com a verdade e a delegou à filosofia. Hoje, porém, a “verdade” também é designada a outros discursos, como o jornalístico e o jurídico. Consideramos que a notícia, apesar de ser uma narrativa (Platão achava incompatíveis a narrativa e a verdade), realociza a expectativa por “aquilo que é” real, verdadeiro e imparcial. Trata-se, portanto, de um mesmo-mas-diferente, porque levamos em conta que o uso das palavras tem um histórico (ou um repertório de usos) e, embora a repetição seja importante para que os usos tenham o mínimo de estabilidade e permitam o seu aprendizado, eles são, ao mesmo tempo, uma nova criação - que, com a repetição, passam a fazer parte do histórico, sucessivamente, e que servem ora a mudanças, ora a manutenções na linguagem.

Mencionamos acima a notícia porque ela tomou lugar nos discursos das organizações, tanto públicas quanto privadas, tornando-se um gênero textual predominante mesmo quando essas organizações não são mencionadas na imprensa ou em programas audiovisuais, mas se autonoticiam nas redes sociais digitais, como o *Facebook*, onde também podem dialogar com seu público.

Nesse contexto, o que passou a ocorrer, no entanto, é que algumas organizações públicas de governo, como a Prefeitura de Curitiba, passaram a fazer uso também de um discurso que não corresponde às expectativas de um grande número de usuários para o estabelecimento da (idealizada) transparência entre poder público e cidadãos: o humor. Apesar dos numerosos elogios, como bem humorada⁵⁰, a melhor página de órgão governamental⁵¹, divertida⁵², sensacional⁵³, excelente⁵⁴, que tem um bom *feeling*⁵⁵, “diva”⁵⁶, simpática⁵⁷, serviço eficiente de informação⁵⁸, didática e interativa⁵⁹, boa parte deles é mencionado junto à atividade

⁵⁰ Nos comentários 9 (Anexo 2), 14 (Anexo 4), 16 e 24 (Anexo 5).

⁵¹ Nos comentários 17, 21 e 23 (Anexo 5).

⁵² Comentários 5 e 20 (Anexo 4).

⁵³ Comentário 12 (Anexo 5).

⁵⁴ Comentário 15 (Anexo 5).

⁵⁵ Comentário 25 (Anexo 5).

⁵⁶ Comentário 19 (Anexo 4).

⁵⁷ Comentário 6 (Anexo 5).

⁵⁸ Comentários 6 (Anexo 4), 11, 13 e 27 (Anexo 5).

⁵⁹ Comentários 27 e 28 (Anexo 4).

do social media⁶⁰, o que nos levou a interpretar que o humor, quando seu uso por um órgão governamental é visto positivamente pelos usuários, é bem-vindo com a ressalva de que fique restrito às redes sociais digitais e de que este não seja o único canal de informação disponível à população. As implicações dessas questões discutimos a seguir.

5.1 HUMOR E A (NÃO) REALIDADE

A maioria das avaliações sobre o uso do humor pela Prefeitura de Curitiba apresenta uma preocupação em comum: aquilo que está sendo dito na página, sob a forma humorística, não reflete o que o cidadão curitibano experiencia no dia a dia, principalmente “os problemas”. Dizer que o humor é uma linguagem que não dá conta de representar a realidade é supor que haja uma que possa fazer isso, sustentando uma dicotomia entre o sério/não-sério.

Observamos que o que os usuários chamam de “sério” na página em questão, são as publicações em forma de notícias, anúncio de investimentos, esclarecimento de dúvidas, atendimento às solicitações de fiscalização, denúncias ou reparos de locais públicos e divulgação de projetos da organização pública e dos moradores. Interessante notar também que “o sério”, neste caso, passa a ser qualidade do discurso em que se discutem os problemas e as soluções que envolvem a administração de Curitiba: o diálogo em torno das críticas do cidadão e os deveres da organização. O “sério”, portanto, é baseado em valores de transparência, comunicabilidade e relevância ou interesse público. Mas, sobretudo, continua se tratando de um discurso que deve ser pautado pela Verdade. Como as atribuições do humor preenchem a negação desses requisitos, as piadas, o uso de personagens de ficção, os enigmas, os trocadilhos, são parte do repertório “não sério” da Prefeitura.

Em uma das avaliações, um usuário relata que vinha tentando fazer uma denúncia sobre maus tratos de animais na rua, por telefone e *Facebook*, sem sucesso. Sua conclusão é a seguinte: “A página é boa, mas é meio fora da

⁶⁰ Social media é o profissional responsável pela produção e divulgação de conteúdo nas páginas oficiais de empresas, órgãos públicos, etc., nas redes sociais digitais.

realidade. A imagem que vocês passam aqui não é o que vocês são [...]” (Comentário 2, Anexo 3). A ideia de passar uma imagem do que se “é” está totalmente calcada na possibilidade dos signos transportarem um sentido e de a linguagem espelhar uma condição identitária. Questionamos essa sustentação com o seguinte intercâmbio: uma vez que o indivíduo mesmo percebe que há uma performance diferente daquela que ele considera adequada, o que o impede de colocar esta última na mesma condição de possibilidade que a “verdadeira”? Isto é, a possibilidade de algo ser percebido como “fora da realidade” já denuncia que aquilo que está sendo dito não é resultado de um transporte de sentido, do mesmo modo que, “transmitir a imagem que se é” não pode passar de uma tentativa, de uma performance como outras. Vejamos outro trecho:

L5: Eu entendi o vies do L1, [de que bobagens não informam] mas sou solidário a construção de uma identidade cultural própria.

L1: E o que esse perfil faz está longe de construir uma identidade cultural, ainda mais própria (L5 e L1, Comentário 27, Anexo 1).

A questão levantada por L5 é a de que o humor da *fanpage* de Curitiba serve à construção da identidade do município, ao passo que L1 discorda. A perspectiva da identidade como uma performance de linguagem, um padrão de comportamento, é a que os pragmatistas defendem em oposição àquela racionalista - da identidade como uma essência, uma presença. A dificuldade está, no ponto de vista apresentado na pesquisa, em como acessar essas informações sem o concurso da linguagem, que está no nível da experiência do indivíduo e que não representa nem o mundo, nem as ideias. Desse modo, tudo o que a *fanpage* de Curitiba nos oferece sobre sua identidade é aquilo que ela faz (levando em conta que dizer é fazer), inclusive com relação ao humor.

Sobre a condição do humor negar “os problemas” e/ou a realidade, alguns usuários lamentam que não há como ter bom humor pegando ônibus atrasado e lotado todo dia (Comentários 1 e 3, Anexo 2), que “podiam levar a administração pública mais a sério e parar de fazer tanta piadinha enquanto a cidade tá caindo aos pedaços” (L1, Comentário 3, Anexo 1), e um outro não atribui à página a nota máxima (5 estrelas) visto que não tem conhecimento se aquilo que está exposto na internet corresponde à vida real:

L1: “Só não vou dar 5 estrelas por que não moro em Curitiba, então não sei se a vida real no lugar é tão interessante quanto no facebook. Mas parece ser a página governamental mais irreverente que já vi.

L2: “Não não é não perca seu tempo, aqui jata igual ou pior que o rio de janeiro na criminalidade e não temos praia, só umas capivaras retardadas que o povo daqui idolatra enquanto o povo das areas mais humildes vive se fodendo, um exemplo enorme é os posto de saude que não tem médicos e pessoas chegam as 5 da manhã pra tentar uma consulta e muitas vezes não consegue (Comentário 1, Anexo 4).

Ao responder a avaliação de L1, L2 cria uma oposição entre humor e interesse público, ou seja, os problemas locais é que são relevantes e deveriam ser tratados com mais seriedade que “capivaras retardadas”. O conceito de relevância também não deixa de ser uma herança metafísica, pois na prática, o relevante tem sido julgado ao encontro daquilo que é literal, verdadeiro - no caso, a abordagem dos problemas na relação poder público - cidadãos. Enquanto isso, o humor é acomodado junto à banalidade. Uma vez que a literalidade é suplantada pela prática ininterrupta de metáforas (no sentido mais amplo), nos resta analisar caso a caso e tratar o relevante/banal como juízo de valor propenso a cada uso linguístico em particular.

Além disso, a partir desse diálogo, podemos interpretar que o humor, ou o não-sério, é considerado aquilo que foge à norma. Como a norma é a aparente sedimentação das práticas repetidas, um padrão de comportamento, tomou-se por regra uma organização governamental usar um formato estilístico “sério” ao dialogar com seu público, expondo o que a organização tem feito para cumprir sua tarefa⁶¹ (embora isso, na prática, não envolva tocar nas falhas!), sem ambiguidades, incongruências, nem personagens fictícios. Isso leva ao conhecimento que usamos para definir se uma página é oficial ou não. Uma vez que já estamos acostumados com o estilo sério dos sites de órgãos do governo, algumas reações sobre o uso do humor na *fanpage* de Curitiba resultaram nos seguintes comentários: “Indução, infantilidades e muita máscara, não aceito uma página de HUMOR se passando por oficial da Prefeitura. Capivaras uma óva” (Comentário 31, Anexo 1); “Essa pagina e muito boa, nem parece que é de uma prefeitura...” (Comentário 20, Anexo 5); e ainda este:

⁶¹“Uma prefeitura não devia ser apegada tanto a humor e sim a questões sérias, morais e sociais” (Comentário 14, Anexo 1).

Textos ruins e mal escritos; **levam na brincadeira assuntos sérios**; fazem muita piadinha em um veículo de **comunicação oficial onde o foco não deve ser humorístico**; atuam em **propaganda do atual prefeito ao invés de atuar em prol da cidade e dos moradores em geral**. Por fim, parece um bando de crianças se comunicando no recreio da escola. Muito **baixo o nível** dessa página. Não está à altura do que Curitiba **representa** em termos de desenvolvimento (Comentário 16, Anexo 1, grifos nossos).

Também se manifestam aqueles que, ainda pautados pela lógica da linguagem-espelho, consideram que Curitiba está bem representada no *Facebook* da Prefeitura: “Sou apaixonada pela cidade, e vê-la sendo tão bem representada na internet me deixa tão feliz! Prefs arrasa!” (Comentário 18, Anexo 5). E ainda aqueles que hesitam sobre essa representação ser fiel, mas dando a possibilidade de entendermos que há uma expectativa, por parte de alguns usuários, de que a Cidade seja aquilo que a página apresenta: “Melhor página de prefeitura que já vi!! Eu não moro em curitiba mas espero que o governo daí seja tão inovador e irreverente como é no facebook, se for curitiba é um paraíso” (Comentário 10, Anexo 5). E ainda, “(...)Curitiba tem que continuar sendo referência como cidade, e essa página mostra que pelo menos no facebook estamos sendo!” (Comentário 19, Anexo 5).

A inovação e a irreverência na prática linguística são mencionadas como uma exceção, algo incomum⁶². No entanto, fugir à norma, ao sentido literal, é tudo que fazemos no modo como lidamos com a linguagem. Isto é, o que chamamos de metáfora não é uma construção esporádica e circunscrita a certos contextos. Ao contrário, constitui nossa prática rotineira de usar as palavras que aprendemos em contextos diferentes (SHIBLES, 1974), relocando-as (PENNYCOOK, 2010), ressignificando-as. Desse ponto de vista, a inovação e a irreverência são a norma para todos os atos de fala, não apenas para o humor.

Além disso, ao abordar o humor pela perspectiva de Oring nesta pesquisa, entendemos que o cômico também não é algo que está intrínseco ao texto, pois ele depende de uma percepção de um tipo peculiar, das relações entre suas partes incongruentes. Por isso, para ser humorístico, um texto deve apresentar uma justaposição de ideias incongruentes (o que não implica uma oposição), ao passo que o interlocutor pode percebê-la criando uma conexão espúria e válida para a situação comunicativa em que se encontra. Os (e)feitos desse uso, do mesmo modo, não estão restritos ao riso, uma vez que não há transmissão de um sentido,

⁶² Também mencionado no comentário 10 (Anexo 3).

fazendo emergir outras possibilidades. Em última análise, não há uma percepção literal de algo que é genuíno ou que seja acessado pela lógica. O ouvinte é responsável pela adequação do sentido no uso, onde a resposta para “com que fins?” será mais relevante que “é verdadeiro, ou é falso?”, tal como Austin percebeu.

Para interpretar como essas questões podem ser abordadas a partir do humor de uma página governamental, consideremos a seguinte imagem usada pela Prefeitura de Curitiba:

FIGURA 1 - KING KONG NA TORRE PANORÂMICA



FONTE: Prefeitura de Curitiba (2015)⁶³

O texto acima foi uma resposta à Prefeitura de Araucária, município da região metropolitana de Curitiba, em referência a um texto anterior a este, também do dia 24 de julho de 2015, que consistia apenas na parte superior da imagem - um gorila sobre uma torre -, acompanhada de “Visite Curitiba. Ao vivo, a cidade é ainda mais incrível que nas fotos”⁶⁴.

A Prefeitura de Curitiba é conhecida por relocalizar personagens do cinema, da música, dos *video games* e dos desenhos animados em pontos da cidade e assuntos relacionados a ela. E no caso da imagem acima, a justaposição de ideias pode ser interpretada da seguinte forma: King Kong é um gorila gigante,

⁶³ Em: <<https://goo.gl/6u5uYK>>.

⁶⁴ Em: <<https://goo.gl/K8JIDn>>.

personagem de um filme de 1933, que é levado da Ilha da Caveira para Nova Iorque por uma atriz que quer explorá-lo na *Broadway*. O gorila acaba se apaixonando pela atriz e foge para tentar encontrá-la. No final do filme, ele sobe num arranha-céu chamado *Empire State Building*, de onde acaba caindo, depois de ser atingido por aviões.

Antes de passarmos aos outros elementos, lembramos que não só uma apropriação **entre** as ideias incôngruas do texto tem a participação do ouvinte, pois nem mesmo essas ideias **estão** presentes no texto, conforme já abordamos no capítulo 3. A melhor justificativa de que não há similaridade entre dizer e significar é que, para compreender os enunciados, temos que recorrer aos conhecimentos que temos sobre os elementos usados - que gorila é esse? que torre é essa? isso é uma torre?, etc. - e, nos faltando conhecimentos sobre o King Kong podemos, por exemplo, atribuir a esse gorila da imagem o personagem do *video game Gorilla*⁶⁵, que também fica num cenário urbano, andando sobre edifícios; ou ainda a qualquer outro gorila que nos venha à mente para satisfazer a necessidade de dar um sentido ao enunciado. E ainda, não criar conexão alguma também é uma possibilidade⁶⁶.

A torre da imagem pode ser atribuída à Panorâmica de Curitiba - um mirante de 109,5 metros de altura, de onde os turistas podem ter uma vista de 360° da cidade - por ser um ponto turístico e pela imagem estar acompanhada de um "Visite Curitiba". E a capivara, como já descrevemos no segundo capítulo, é frequentemente usada como um personagem local, já que é encontrada nos parques da cidade.

A partir dessas sugestões, as incongruências, que são as marcas ou conceitos que estão sendo usados em contextos não habituais, podem estar na associação da cidade ou do governo a elementos de fantasia: na improbabilidade de um gorila gigante, ou o próprio King Kong, subir na torre Panorâmica e, muito menos, de uma capivara com asas soltar *laser* pelos olhos e atacar o gorila, tal como fizeram os aviões no filme, minutos antes do personagem cair. A questão é que a incongruência, assim como o sentido e a intenção, também não **está**

⁶⁵*Gorilla* é um jogo eletrônico para dois jogadores em que cada um controla um gorila localizado sobre edifícios. O objetivo é de um jogador acertar bananas no outro.

⁶⁶ Como nas seguintes avaliações: "é mais uma página de humor sem graça" (L1, Comentário 5, Anexo 1); "Ainda não fez nada de mais!" (Comentário 8, Anexo 2) e; "Eu sou carioca, tenho noção dos elementos constituintes de minha cultura, mas sou solidário aos redatores do site de Curitiba, manero as sacadas de vcs, apesar de eu não entender as vezes, mas continuem nessa força!" (Comentário 8, Anexo 4).

presente no humor como uma entidade ou presença. O que Oring propõe é justamente que ela depende de uma percepção, de modo que se nenhuma incongruência é percebida, não há humor. Além disso, com a pragmática e a desconstrução, vimos que essa percepção não é de caráter intuitivo, racional ou lógico. Ela está calcada na experiência dos indivíduos com a linguagem, envolvidos em repetir (aprender) e alterar, permitindo que elementos que usamos em contextos diferentes sejam relocados para um outro propósito, sob novas apropriações ou adequações aos contextos pelos usuários.

O que queremos discutir a partir desta imagem, e de uma perspectiva pragmática para o humor, é que quando os usuários da *fanpage* se preocupam com critérios de verdade/falseabilidade dos textos de qualquer espécie, é que eles não estão de fato se perguntando sobre com que fins aquele enunciado foi dito daquela forma e que alterações ele provocou no ambiente. Isto é, determinar que “uma capivara não pode ter asas, portanto o texto é falso”, não resolve as necessidades comunicativas dos usuários.

De fato, quando os usuários tomam a função da linguagem desse modo, como espelho da realidade, aquele enunciado que não se enquadrar nas formas estilísticas elegidas para isto (porque elas são escolhidas e repetidas até que se tenha a impressão de que são inerentes), acaba imbuído das funções de enganar, falsear, distrair, desviar da verdade (e, no caso analisado, também do “interesse público”):

- a) “Infelizmente a política do pão e circo anda funcionando com muitos por aqui” (L1, Comentário 3, Anexo 1).
- b) “Eu já vi muitos assuntos sérios serem abafados com as brincadeiras. Ai que tá o problema” (L1, Comentário 3, Anexo 1).
- c) “[...] Seria muito mais interessante se a página não fosse tão colorida, irritante e mestre em iludir as pessoas (Comentário 18, Anexo 1)⁶⁷.
- d) Pagina muito divertida porém falta nos passar algumas doses de realidade muita coisa importante acontecendo que esta sendo mascarada por brincadeiras bom humor como se nada fosse... Penso que não só de humor vive uma cidade, onde estão as matérias sobre oq acontece por ai e é de nosso interesse?? (Comentário 5, Anexo 2).

⁶⁷ Ver também os comentários 4, 5, 9, 10, 12, 13, 17, 23 e 25 (Anexo 1) e os comentários 6 e 14 (Anexo 3).

Nestes exemplos, o humor é tratado como entretenimento para apaziguar as cobranças dos deveres públicos pelos cidadãos, desviando sua atenção dos problemas sociais, tomados como a realidade (relevante). Além disso, faz com que os usuários levem em conta que a administração pública não está sendo levada “a sério” e ainda, que a página é “despolitizadora” (Comentário 13, Anexo 1). Lembramos que a metafísica relegou ao humor as representações enganosas, a falseabilidade e, além disso, nos alertou sobre seu poder hipnótico e sua propensão para uma percepção ou imitação irracional, que se afasta da Verdade. Assim, a preocupação levada adiante é sobre os usuários que não vivem em Curitiba acreditarem que a Prefeitura é eficiente e que, por conta da administração de seu *Facebook*, Curitiba é um ótimo lugar para se viver⁶⁸:

O mal disso é usarem essas gracinhas pra desviar o olhar das pessoas dos problemas. O mal disso é um monte de gente achando lindo essa palhaçada e defendendo a prefeitura de Curitiba nunca tendo nem colocado os pés na cidade (porque sim, tem muitos - uma boa parte das avaliações inclusive é de gente que NEM MORA AQUI, falando que "a prefs é máximo". Até pq a grande maioria que fica ovacionando essa página nem tá nem aí pros problemas da cidade. Quer é ver mais bobagens engraçadinhas (L1, Comentário 3, Anexo 1).

Dois aspectos são importantes nessa problemática da representação ideal da Prefeitura de Curitiba. O primeiro é uma preocupação dos usuários sobre a página não falar sobre os pontos negativos e dificultosos da administração, utilizando o humor como estratégia para mascarar esses quesitos. O segundo aspecto observado é uma inversão disso, sobre a cidade, infelizmente, não refletir o que é publicado na *fanpage*⁶⁹:

Impressionante o quão bom são os posts na página de vocês! Sacadas inteligentes e um ótimo gosto musical!! Pena a prefeitura em sua gestão não seguir o bom exemplo que se vê por aqui! (Comentário 12, Anexo 3).

Discutimos, no início do capítulo, que a expectativa por uma representação do real foi relocada nos discursos “sérios”, como o jornalismo. E, embora o humor também seja usado nessa atividade, seu espaço é bastante restrito (a charges, por exemplo). Acontece que, com mais frequência vemos o humor associado às

⁶⁸ Ver também: Comentário 16 (Anexo 4) e Comentário 29 (Anexo 5).

⁶⁹ Ver também Comentários 22, 26 e 33 (Anexo 1).

atividades de marketing, publicidade e propaganda⁷⁰ o que, no senso comum, como tudo que se quer vender, envolve argumentos sem preocupação com a verdade. Ou seja, os juízos de valor que apontamos para o humor hoje, em grande parte, também não passam de uma realocização daqueles critérios platônicos, em que o humor é “aquele de que se deve desconfiar”. No caso da Prefeitura de Curitiba, o uso do humor é compreendido na função de transmitir uma boa imagem, o que não implica em esta imagem ser “verdadeira”:

- a) “Faz um marketing falso e não mostra a verdadeira Curitiba! Fruet contratou meia dúzia de estagiários esquerdistas para enganar e omitir a realidade curitibana” (Comentário 21, Anexo1, grifos nossos).
- b) “Traz uma boa imagem, funciona” (L2, Comentário 4, Anexo 1)⁷¹.
- c) “Acho que tem uma chamada bacana...Porém não posso avalia-la politicamente. As 3 estrelas são pelas ações de marketing” (Comentário 8, Anexo 3).

O humor, ao ser tratado como a negação da realidade ou da verdade, é relegado a outras exclusões, a outras valorações negativas em consequência desta primeira. Procuramos abordá-las nos próximos tópicos.

5.2 HUMOR E O (NÃO) TRIVIAL

Oring (2003) em seus estudos sobre o humor, as teorias vigentes para explicá-lo e as reações de internautas a piadas de características diversas em *sites*, já nos alertou sobre a predominância de um olhar ora de desdém, considerando que o humor não é algo para ser levado em conta e de que trata apenas de divertimento, ora defensivo, entre aqueles que veem no humor o assédio e a agressão. No caso da Prefeitura de Curitiba vimos que o desdém se dá principalmente pela justificativa de que o humor serve apenas para transmitir uma boa imagem da organização e que temos que levar em conta que, para este fim, ela pode contar mentiras. Já o

⁷⁰ Abordar as distinções conceituais de cada um desses termos não é proveitoso nesta abordagem porque, no uso ordinário da linguagem, esses termos são usados como sinônimos para se referir às ações que envolvem vender um produto, uma imagem ou uma ideia.

⁷¹ Também nos comentários 24 (Anexo 1) e 7 (Anexo 2).

olhar defensivo vem daqueles que veem no humor uma forma de despolitização, de empecilho ou deboche no trato da opinião e interesse públicos.

Frente a estas questões, retomamos que toda interação é pautada pelas expectativas e a “rede de crenças” dos usuários envolvidos e que, no caso da *fanpage* analisada, a principal expectativa é a de que a Prefeitura aborde os problemas do município. Todavia, uma das avaliações nos alerta para o que acontece na prática:

mesmo se fosse uma página super séria, como é que a página de uma prefeitura só ia falar dos problemas da própria prefeitura, entende? [...] e o papel de uma página de prefeitura não é listar seus problemas, é divulgar os trabalhos da mesma e eventos (L3, Comentário 3, Anexo 1).

Se quisermos entender a linguagem, devemos olhar para como essa língua é usada (pragmática) e para o conhecimento que os indivíduos têm sobre como essa língua é usada (metapragmática). Isso quer dizer que adquirimos alguns hábitos na prática comunicativa que nos servem de orientação tanto para organizar nossos enunciados segundo nossas intenções comunicativas e o contexto em que nos encontramos, quanto tentar prever a reação dos outros. Esse comentário nos remete que é de conhecimento dos usuários da língua que um órgão governamental, como a Prefeitura de Curitiba, evita focar nos “problemas”, mesmo quando não usa humor, a fim de que possa ser apreciada pelos trabalhos que divulga⁷². E embora este seja um hábito nas organizações, a condição da iterabilidade nas práticas comunicativas permite que, pelas rupturas constantes nos contextos, sejam promovidos novos usos e valores até que se tornem novos hábitos:

Acho uma miopia da gestão não assumir os problemas e as críticas. Faz parte do jogo democrático e precisamos vencer esse medo. Isso só trará a população para perto da gestão. Torçamos pra que os administradores da página ampliem a transparência (L1, Comentário 3, Anexo 3).

Apesar de que, para alguns cidadãos, seja uma questão de transparência a Prefeitura apontar “problemas”, e que o humor a atrapalha⁷³, essa valoração nos traz

⁷² Houve reclamações de censura a comentários que citavam problemas de algum bairro (Comentário 4, Anexo 2) e um outro em que a própria Prefeitura se posicionou a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo, apagando depois sua publicação por pressões da bancada evangélica da Câmara de Vereadores de Curitiba (Comentários 2 e 10, Anexo 4).

⁷³ “[...] sei que do outro lado da tela tem muitas outras pessoas que assim como eu não estamos aqui para ver capivaras. (L2, Comentário 3, Anexo 3).

alguns problemas no tocante ao sentido dos enunciados. Uma vez que não há uma transmissão de sentidos, não pode haver uma transparência de fato nas práticas comunicativas. A exigência por transparência, no entanto, pode ser entendida no seu uso comum não como uma entidade presente, mas como uma metáfora, cujo sentido é negociado em cada uso.

De todo modo, as avaliações que mencionam a relação do humor com a informação (em tese, pré-requisito para a “transparência”) divergem bastante a ponto de criar uma gradação bem interessante: o “sério” é o discurso que, pelo compromisso que tem com a verdade, informa e é útil de qualquer maneira; já o humor admite uma divisão entre aquele que informa e aquele que “é só bobagem”, que é inútil. Vejamos os seguintes comentários:

- a) “Página idiota! Sobra humor besta e falta competência. É a prefs fodendo a vida do curitibano (Comentário 7, Anexo 1)⁷⁴.
- b) “Através da página pude conhecer e tirar dúvidas antes mesmo de chegar a cidade. Informações úteis e verdadeiras” (Comentário 11, Anexo 4)⁷⁵.
- c) “Mas gente, desde quando capivara e bicho soltando laser tá informando alguém?” (L1, Comentário 3, Anexo 1).
- d) Eu achei muito interessante a página da prefeitura de Curitiba, talvez alguns posts sejam só de humor, mas os que transmitem mensagens úteis através do humor são geniais, e provavelmente atingem mais pessoas no facebook do que posts tradicionais (Comentário 23, Anexo 4).
- e) L1: O problema principal com a linha adotada por esse perfil **não é ele ser humorístico, mas sim inundar a rede com bobagens ao invés de informar**. Várias pautas de consulta à população somem com a quantidade de bobagens publicadas. [...]
L4: Siga a do RJ então. A linha adotada pelo perfil do RJ é realmente informar, porém, consegue ser **somente humorístico** e ainda inunda a rede com bobagens (Já que é a realidade desse Estado) [...] (L1 e L4, Comentário 27, Anexo 1, grifos nossos)⁷⁶.

Lembramos que a poesia tinha uma função muito importante na conservação da tradição da Grécia antiga e que sua forma rítmica e seu conteúdo emotivo eram motivo de preocupação para Platão porque eram atrativos e facilitavam a repetição. De certo modo, podemos dizer que a poesia era um método mais “didático”, dada sua função de instruir e educar. Retomamos essa ideia porque, na *fanpage* que analisamos, enquanto algumas avaliações julgam a página como “despolitizadora”

⁷⁴ Ver também Comentários 8 e 11 (Anexo 1).

⁷⁵ Ver também Comentário 24 (Anexo 4) e Comentário 8 (Anexo 5).

⁷⁶ Ver também Comentários 1, 3, 18 e 28 (Anexo 1) e Comentário 2 (Anexo 2).

por conta do uso do humor, outros pensam o contrário: que justamente por causa do humor os usuários se interessam em participar das discussões sobre o município, principalmente os jovens, pois o humor é associado ao atrativo, moderno e criativo:

- a) L6: Sempre tem gente querendo avacalhar as coisas kkkk queria tanto que o perfil do face da minha cidade fosse assim.
L7: Nos dias de **hoje** o humor não é usado **apenas para avacalhar para entreter**. Alguns professores, por exemplo, usam essa associação da informação com o humor para **fixar na mente** dos alunos o que lhe é passado. O cérebro procura entretenimento, **associar informação à humor** não é descaso, é inteligência! (L6 e L7, Comentário 27, Anexo 1, grifos nossos).
- b) “[...] acho mais bacana assumir que essa seriedade absurda é outro jeito de afastar as pessoas da política do que se prender a ela ad infinitum sem nunca realmente promover uma mudança, que seja através da adaptação das velhas normas e costumes (L3, Comentário 3, Anexo 1).

Além disso, a partir desses comentários, interpretamos que o humor, quando é admitido e/ou elogiado pelos usuários, não é porque ele pode assumir o lugar do “sério”. Isto é, o humor até pode ser utilizado por uma organização governamental, desde que sirva para atrair os indivíduos para um “lugar” onde vão encontrar informações “sérias” e úteis. O humor, desse modo é apenas um coadjuvante:

- a) “(...)só acho realmente inovador eles conseguirem fazer tanta gente acompanhar a página e irem colocando temas mais sérios mesclados com menos sérios de um jeito leve” (L3, Comentário 3, Anexo 1).
- b) “mas esse é o caso, não tem só isso [capivaras e bicho soltando laser]. por isso que eu falei que é um mesclar de tópicos inúteis com úteis. e se os inúteis mantêm as pessoas lá e elas acabam tendo contato com as coisas mais sérias que não teriam, qual o mal disso?” (L3, Comentário 3, Anexo 1)⁷⁷.

Na direção da desconstrução da ideia de que o humor serve às representações enganosas da realidade enquanto que o “sério” restabelece o sentido literal das coisas, alguns usuários percebem que questionar se há ou não uma representação do município não é muito produtivo:

⁷⁷ Ver também os comentários 3 e 32 (Anexo 1), 1 e 4 (Anexo 3), 3, 9, 12, 15 e 24 (Anexo 4) e 1 (Anexo 5).

- a) “Eu posso lhe afirmar que minha cidade está tão ruim quanto a sua, talvez pior, agora me diga em que a falta de humor irá melhorar em sua cidade, aqui a prefeitura é bem séria kkkkkkkkk” (L6, Comentário 3, Anexo 1)⁷⁸.
- b) Salve para as Capis. Página que demonstra sua seriedade e responsabilidade com os curitibanos e com toda a piazada do djanho, através dos trabalhos realizados pela querida e amada prefs. Mostra que aqui a gente paga sapo mesmo, pois a nossa prefeitura debulha no serviço. Obrigado piazada! ♥ (Comentário 4, Anexo 5).
- c) “[...] Será todos nós somos "burros", e nunca vemos defeitos? Não, sabemos que nossa cidade tem problemas, mas utilizamos tbm outras formas de contatos com a prefeitura pra tentar resolvermos eles. Mas caso tenha preguiça, deixo aqui uma grande ferramenta, <http://www.curitiba.pr.gov.br/>” (L5, Comentário 3, Anexo 1).

5.3 HUMOR E SEU (NÃO) LUGAR

Até aqui falamos sobre como as avaliações da página da Prefeitura de Curitiba são pautadas de modo a sustentar uma oposição entre o sério e o não-sério. Ao se pautarem por ideais de transparência, comunicabilidade e relevância ou interesse público, interpretamos que os indivíduos estão relocalizando os critérios platônicos da verdade, realidade e moralidade, elegendo os discursos ou performances que devem dar conta dessas expectativas (como a notícia) e excluindo outros (propaganda, música, humor).

No entanto, os usuários não elegem apenas padrões estilísticos, eles escolhem também o “lugar” que esses discursos podem ocupar. No tópico anterior abordamos que, mesmo para os indivíduos que admitem o uso do humor por uma organização governamental, essa abertura não dá margem para uma desconstrução da oposição hierárquica sério/não-sério porque o humor pode ser, no máximo, mesclado a textos mais sérios para tornar uma página oficial mais interessante, mas ele dificilmente vai assumir outra função que não a do entretenimento: “[...] A página é um bom exemplo de como o setor de comunicação de uma prefeitura deve se portar. Quer algo sério, vá para o LinkedIn ou o site oficial” (L8, Comentário 3, Anexo 1)⁷⁹.

⁷⁸ Ver também L11 (Comentário 3, Anexo1).

⁷⁹ Comentários que também tratam da *fanpage* como um exemplo a ser seguido em 17 (Anexo 4) e 14 (Anexo 5).

O *Facebook* é um “lugar” onde a prática do humor, pela repetição já se tornou habitual. Mesmo assim, alguns usuários acreditam que esse uso não pode ser feito por qualquer organização:

- a) Um absurdo um meio oficial de comunicação da Prefeitura se prestar ao papel de ficar postando imagens imaturas como girafas com lasers. Isso eh coisa de adolescente, essa página deveria ter a **utilidade pública** como sua prioridade. Por mais que a iniciativa de dar notícias importantes com descontração seja ótima, falta entender que essa página eh uma forma de bem público e tem que ser administrada com **seriedade**. **Aqui não eh lugar para palhaçadas** (Comentário 6, Anexo 1, grifos nossos).
- b) “Na vdd eu entendi o a L8 quis dizer e eu concordo em partes, quanto a maneira que a prefeitura trabalha aq acho ótima, mas realmente acho algumas coisas desnecessárias como a pagina tem levado o titulo, "prefeitura da zoeira" EPA pera lá, soa feio de mais isso, acho interessante a linguagem que adotaram, mas pra chegar nesse titulo é melhor repensar um pouco...[...]" (L9, Comentário 3, Anexo 1).
- c) É pão e circo, é pizza, é o que o povo gosta mesmo... "a gente sabe dos problemas"... Mas prefere ficar rindo deles com as piadinhas. Adoro humor, adoro rir, mas acredito que a técnica "pula o post" não deveria se aplicar em página de prefeitura [...]" (L12, Comentário 3, Anexo 1).

Outros usuários rebatem essas críticas afirmando que não há motivo para se preocupar sobre o humor no *Facebook*, já que ele é administrado pela equipe de comunicação social, e não pelas secretarias ou o próprio prefeito:

- a) “e definitivamente quem cuida da página da prefeitura não é quem cuida da administração da cidade, então não acho que seja não levar a administração a sério ter uma página super leve no facebook. é só um meio de divulgar de verdade pras pessoas o que é feito. é até levar mais a sério se você pensar que eles dão importância para mostrar pra população o que é feito” (L3, Comentário 3, Anexo 1).
- b) L1: Sensacional, uma ferramenta tão importante como esta sendo usada de maneira bem-humorada e de fácil entendimento, sem burocracia e formalidades hipócritas. Parabéns
L2: Sonao podemos fechar os olhos para os problemas ae fora!!!!
L1: Pros problemas a gente usa o 156 e o vereador da nossa região. Pelo Facebook não se resolve nada (Comentário 22, Anexo 4).
- c) Acho a página excelente e o responsável por ela realmente muito criativo. **Acho que mídia social tem que ser informativa, mas tem que ser social e o bom humor e as brincadeiras são excelentes. Ao contrário da avaliação de alguns que me parecem descuidados, o canal informa, com muita informação séria e importante, mas também descontraí.** Basta, de fato, acessar o canal para perceber. O que acontece é que as "piadas" acabam sendo muito mais divulgadas exatamente pela popularidade que alcançam. Acho sim, que a Prefeitura tem um dos melhores, se não, o melhor canal do país. **A crítica fica por conta da questão da comunicação seletiva mesmo, quando as pessoas reclamam de problemas um pouco mais graves, o canal se abstém,**

acho que isso não pode acontecer. Mesmo que não esteja relacionado com a Prefeitura, acho que vale a orientação para o canal correto a ser utilizado, inclusive com links ou telefone de contato (Comentário 4, Anexo 4, grifos nossos).

A página da Prefeitura que analisamos é a do *Facebook*, mas a organização possui um portal, um outro tipo de site em que apenas veicula notícias, conteúdo “sério”. A expectativa daqueles que criticam o *Facebook* como um “lugar” de diálogo entre poder público e cidadãos é de que os administradores da *fanpage* não deixem de responder às solicitações e críticas dos usuários⁸⁰, o que, no entanto, acontece com frequência⁸¹. Enquanto alguns usuários associam positivamente o uso do humor a uma rede social digital e ao trabalho do social media (desde que canais “sérios” sejam indicados para solução dos problemas), outros criticam essa atividade uma vez que não veem utilidade no conteúdo da página:

- a) “E, não, L10, óbvio que não é o prefeito [quem administra a *fanpage*]. O que torna tudo pior, porque nossos IMPOSTOS (meus e de quem MORA AQUI) estão sendo usados pra pagar o salário das pessoas que trabalham na social media da prefeitura e recebem um salário pra ficar postando piadinha” (L1, Comentário 3, Anexo 1).
- b) “Com o salário das 3, 4 pessoas (porque não é uma só) que ficam postando foto de capivara, dava pra pagar 3, 4 professores, ou médicos, ou material pra alguma UPA, porque nunca tem, etc.” (L1, Comentário 3, Anexo 1).
- c) “Pagina feita por estagiários, cheia de piadas..nda pra levar a serio” (Comentário 19, Anexo 1).

Outra questão que fica desestabilizada com todas essas críticas é a ideia de comunicabilidade ou interatividade, que vem reforçar o que já abordamos no capítulo 2. Entretanto, apesar de alguns usuários se darem conta de que o *Facebook*, e até mesmo o humor, não são interativos *per se*, são numerosas avaliações como esta: “Excelente forma de abordagem. Comunica bem com o público [...]” (L1, Comentário 3, Anexo 3); e esta: “(...) Acho o site iterativo no Facebook uma excelente sacada!! Parabéns!!” (Comentário 25, Anexo 4).

⁸⁰“Muito interessante, mas o importante é ver se funciona” (Comentário 18, Anexo 4).

⁸¹ “Página com humor tétrico. Não contribui como canal de comunicação com a população, pois não aceita críticas. Tudo é lindo e maravilhoso na 44ª cidade mais violenta do mundo” (Comentário 30, Anexo 1). Ver também Comentário 16 (Anexo 3).

5.4 HUMOR E O (NÃO) SÉRIO

"Para certos propósitos, parece claro que mostarda e garças não se coloquem na mesma categoria. Não são pássaros. Mas, sob outros prismas, podem ser colocadas na mesma classe. Ambas picam, o pássaro com seu bico, a mostarda com seu sabor picante" (SHIBLES, 1974, p.62-63).

Assim como garças e mostarda, é possível que coloquemos o sério e o não-sério numa mesma categoria, uma vez que, por meio da desconstrução, chegamos à conclusão de que essa divisão não se sustenta? Quando apresentamos a desconstrução derridiana, nos preocupamos em enfatizar que essa operação não se trata de uma “destruição” da oposição, mas de uma substituição do discurso ou das justificativas que opõem conceitos termo a termo. A distinção, portanto, serve a algum propósito que, similar a nossa definição de intenção nos capítulos anteriores, não se trata de um reflexo de algo interior ou metafísico: é pragmático.

Desse modo, não podemos argumentar que, por exemplo, tudo é sério, pois o que significaria, na prática, “ser sério” quando todos os discursos o são? A questão é que, embora as avaliações da página da Prefeitura se firmem numa concepção de linguagem que não dá conta da complexidade das práticas linguísticas, não quer dizer que essa distinção não tenha um “para que” prático. Austin determinou que todo ato de fala não serve para descrever, mas para realizar uma ação. Assim, uma distinção entre sério/não-sério pode ser (re)pensada a partir dos usos que fazemos das palavras sério e não-sério, e não do conceito metafísico de verdade/falseabilidade atribuído a elas. O que acontece, na verdade, é que, o fato de dizer que algo é sério ou não é, não faz com que eles sejam, mas com que eles pareçam, de modo que devemos “acreditar nas aparências e não na realidade!” (SHIBLES, 1974, p. 64). Então a pergunta se modifica para: com que fins um indivíduo diz que isso ou aquilo é sério? O que ele visa alterar ou reforçar no ambiente com essa valoração?

Mudando a pergunta, o sério deixa de ser a verdade *per se*, para ser uma “verdade vivida”⁸². Nem mesmo é necessário que o “sério” seja alguma coisa, apenas que ele cumpra algum papel. Trata-se, nesse sentido, de que ele signifique

⁸² Nietzsche foi também um desconstrutor do racionalismo, que colocou o homem no papel de “descobridor” de verdades. Para ele, no entanto, tudo que chamamos de “literal” constitui uma primeira metáfora que é um estímulo nervoso transformado em percepção. Portanto, a verdade e o literal são criações, e não descobertas. A obra é “Uber Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne” (1873) citada por Arrojo (2003).

alguma coisa e não uma coisa. Lembramos que esse significado depende do uso que lhe dermos. E por esse motivo “sério” não pode ser colocado em nível superior a “não-sério”: ambos dependem da situação em que são enunciadas. O fato de chamarmos de “sério”, por exemplo, aquilo que deve ser levado em consideração, se deve a termos aprendido a fazer esse tipo de referência em certas situações. Por isso, para diferenciarmos o que é do que não é sério, basta nos limitarmos a verificar como essas palavras são usadas. Não vamos olhar para o sério ou não-sério procurando sua referência. Nem sério, nem não sério se refere a, ou descreve, qualquer coisa que esteja em nós. Antes são, como já abordamos, fenômenos comportamentais.

Desta análise resulta que: o que alguém chama de sério, é sério porque lhe convém e pode não convir a outro julgar de outro modo (o mesmo vale para o não-sério). O que não podemos admitir é uma métrica justa e imparcial sobre esses dois comportamentos que venham, de modo determinado e hegemônico, estabelecer uma categorização final, verdadeira ou inteligível de seriedade e não seriedade nos atos de fala. Isso porque o que é colocado na forma estilística do humor poderia ser colocado em forma de notícia. Não queremos, de modo algum, colocar esses discursos numa relação de equivalência, pois, novamente, o que determina o sentido dos enunciados é o uso, e não a forma. O que queremos indagar, no entanto, é que, se um texto pode ser escrito dentro de uma estética ou outra, por que uma escrita séria nos faria mais tranquilos com relação à realidade? No uso da língua não podemos assegurar “o que as coisas são”, por causa da condição que a iterabilidade provoca nas práticas linguísticas, de repetição e alteridade, de modo que a performance está tanto para o sério quanto para o não sério: “é, não vi muito disso [sobre abafar assuntos sérios com humor]. vi assuntos sérios tratados de um jeito diferente pra ficarem mais leves (...) (L3, Comentário 3, Anexo 1).

Por fim, recuperando uma das oposições fundamentais do platonismo, se o significado tanto de razão como de emoção, assim como de sério e não sério, é o uso, então não podemos sustentar a possibilidade de usos oporem-se. O que podemos argumentar é que cada termo particular tem uma “família” de modos de emprego (WITTGENSTEIN, 1985), ou de possíveis realocalizações (PENNYCOOK, 2010).

6 CONCLUSÃO

A Prefeitura de Curitiba, ao fazer uso do humor em seu *Facebook*, levantou comentários tanto positivos quanto negativos dos seguidores da página. O modo como os usuários avaliam o humor nesses comentários inspirou esta pesquisa porque nos permitiu investigar o que esses indivíduos tomam por comunicação e que função atribuem à linguagem nas práticas que envolvem uma organização governamental.

Por observar que tanto críticas quanto elogios ao estilo adotado pela *fanpage* se pautam por uma divisão entre “sério e “não sério”, o objetivo central desta abordagem foi problematizar a sustentação dessa dicotomia, verificando como os critérios platônicos que excluíram o não-sério da filosofia moderna foram realocados nas avaliações sobre o uso do humor por esta organização pública. Com a finalidade de intervir nesses argumentos, substituímos a operação retórica centrada em critérios de verdade/falseabilidade por uma perspectiva pragmática com foco na performatividade da linguagem.

Há duas questões que consideramos centrais na filosofia de Platão que tiveram efeitos sobre os usos e atribuições dos discursos, sobretudo na cisão hierárquica do “discurso “sério” sobre o “não-sério”: a realidade ou a Verdade (não vivida, mas intuída, raciocinada) e a moralidade (controle das paixões, das emoções). Esses preceitos fizeram da poesia - que na Grécia antiga consistia na narrativa trágica e épica - uma inimiga da filosofia, da gênese do discurso científico que conceitua o permanente, aquilo que “é”.

Retomamos esses conceitos porque a preocupação de Platão sobre os efeitos psicológicos na plateia (de hipnose, distração e ilusão), que serviram de argumento para a instituição da Razão e da prosa no ocidente, continuam se repetindo com relação ao humor, pelo que observamos nas avaliações da *fanpage* da Prefeitura de Curitiba. Essa repetição, no entanto, inclui algumas alterações, o que nos permite falar em uma realocação, conforme abordado por Pennycook (2010), a partir das noções de performativo (AUSTIN, 1990) e iterabilidade (DERRIDA, 1991b).

Ao operar com os conceitos expressados pelos próprios seguidores da *fanpage* de Curitiba para o sério e para o não-sério, chegamos à conclusão de que as notícias, comunicados, esclarecimentos de dúvidas e atendimentos às

solicitações de todos os tipos, relocalizam a expectativa por aquilo que é real, verdadeiro e imparcial, de modo que o discurso “sério”, na *fanpage* em questão, é associado aos ideais de transparência, comunicabilidade e relevância ou interesse público. A estética deste discurso toma a forma do que, na linguagem comum, chamamos de texto formal, literal ou denotativo; e este se tornou, ao longo do tempo, o discurso elegido como regra para uma organização governamental dialogar com seu público.

Ao usar o humor, no entanto, a Prefeitura de Curitiba provoca uma queixa comum na maior parte das avaliações: aquilo que está sendo dito da página, sob a forma humorística, não reflete “a realidade” do cidadão curitibano, embora seja de conhecimento dos usuários da língua que um órgão governamental, como a Prefeitura de Curitiba, evita o enfoque nas suas dificuldades e falhas em qualquer formato de texto, a fim de tentar gerar simpatia.

Subordinado à crítica da não-representação, o humor também é tratado na *fanpage* como: a) entretenimento para amenizar as cobranças dos deveres públicos pelos cidadãos, desviando sua atenção das falhas do poder público municipal; b) marketing/publicidade/propaganda, o que, no senso comum (e nos argumentos dos seguidores) é “aquele de que se deve desconfiar”, pois visa transmitir uma boa imagem, ainda que “falsa”; c) empecilho ou deboche no trato da opinião e interesse públicos. Já as avaliações que mencionam a relação do humor com a informação admitem uma divisão entre o humor que informa e aquele que é inútil, indicando pequenas ressalvas dentro do quadro geral de sua exclusão. Portanto, o humor, ou o não-sério, por todas essas valorações construídas na cultura, provoca um desconforto quase generalizado sobre a quebra dos ideais mencionados acima. É problemático para os usuários admitirem que a linguagem ou uma estética linguística qualquer, nem sob os melhores argumentos, não pode dar conta daqueles.

Interpretamos também uma exclusão do humor inclusive entre os comentários que demonstram apreço pela abordagem humorística. Isto porque a maior parte destes condiciona os elogios à atividade do social media e ao “lugar” das redes sociais digitais, com a ressalva de que sejam disponibilizados outros canais (“sérios”) de informação à população. Neste caso, o humor é admitido não pela sua capacidade de ser “sério”, mas por ser um atrativo, um “coadjuvante”, por três razões: a primeira é que o humor dificilmente vai assumir outra função que não a do

entretenimento. Então ele pode ser, no máximo, mesclado a textos “mais sérios” para tornar uma página oficial mais interessante; a segunda é porque o *Facebook* é um “lugar” administrado pela equipe de comunicação, que não administra a Cidade, não gerando, portanto, maiores preocupações e; a terceira, porque há outros canais disponíveis que, diferentemente do *Facebook*, compensam a expectativa por textos “sérios”.

A falha de todos esses argumentos está, no ponto de vista apresentado na pesquisa, na crença de que a Verdade ou a Realidade sejam acessíveis sem o envolvimento do indivíduo com linguagem que, entretanto, está no nível de sua experiência. Isto é, as avaliações pautadas por um sujeito e uma linguagem autossuficientes sustentam uma concepção de linguagem que tem como papel representar o mundo e as ideias. Além disso, a única concepção de comunicação compatível com essa função, é a que defende uma “transmissão de sentidos”, e ignora a participação do ouvinte e do contexto no processo (questões que abordamos ao longo do capítulo 3).

Na contramão desses argumentos, apresentamos, a partir da Pragmática, da Desconstrução e do humor como a percepção de uma incongruência apropriada, que não há um transporte de sentido naquilo que chamamos Comunicação e que, do mesmo modo, não há uma percepção literal de algo que é genuíno ou que seja acessado pela lógica na nossa relação com a linguagem. Em vez disso, as reflexões de Pennycook apontam como, de fato, criamos linguagem, de modo que a metáfora pode ser compreendida num senso mais amplo que a justaposição de ideias absurdas: ela constitui a prática rotineira de usar, em contextos diferentes, as palavras que aprendemos, realocalizando-as, ressignificando-as. E o ouvinte/interlocutor, para participar desse processo, igualmente recorre aos conhecimentos que possui sobre os elementos usados, não importa se frente a uma piada ou uma notícia, pois a citabilidade é uma condição geral de todos os signos.

Em última análise, a performatividade torna o sentido algo negociado no uso da linguagem, na ação que realizamos com as palavras em situações comunicativas concretas. Do mesmo modo, as incongruências de que o humor depende não são presenças que podem ser intuídas com o exercício da lógica. O humor, como toda prática linguística, também depende da adequação/apropriação de conceitos em usos concretos de linguagem, onde a experiência dos indivíduos, suas crenças e acordos ou convenções ajudam a compor o “sentido” dos enunciados.

Concluimos também que uma perspectiva pragmática para o humor deve considerar que: a) sério e não-sério, no fim das contas, não são termos que visam a verdade ou falseabilidade nos usos linguísticos, mas tratam-se de um uso que criamos para alcançar certos propósitos comunicativos, como por exemplo, na *fanpage* em questão, alertar a Prefeitura de Curitiba de que postar piadas no *Facebook* não diminui a exigência do cidadão sobre as responsabilidades do poder público; b) quando os usuários da *fanpage* se preocupam com critérios de verdade/falseabilidade dos textos de qualquer espécie, não se sobressaem questões como a finalidade e os efeitos daquele enunciado no ambiente; c) expressões como transparência, interesse público, sério, não-sério, etc. só podem ser compreendidas no seu uso comum, como metáforas cujo sentido é negociado em cada uso, e não como entidades transcendentais presentes e; d) interatividade ou comunicabilidade não são características intrínsecas ao humor ou qualquer outro formato de texto, nem às redes sociais digitais ou internet de modo geral. Comunicar ou interagir é sempre uma condição de possibilidade.

Esta pesquisa, sem pretensão de reclamar para si uma interpretação definitiva e correta do fenômeno estudado, tem sua contribuição assinalada pela intervenção nas concepções de uso corrente de comunicação, humor e linguagem. Por meio da desconstrução do (não) sério no discurso das avaliações do *Facebook* da Prefeitura de Curitiba, reafirmamos, a partir de todas as discussões apresentadas, que o que determina o sentido dos enunciados é o uso, com todas as implicações culturais e sociais que resultam das convenções já estabelecidas e das mudanças que os indivíduos queiram promover com pequenas alterações nesses usos.

REFERÊNCIAS

ALVIM, M. Prefeitura de Curitiba faz sucesso nas redes com página que equilibra humor e prestação de serviço. **O Globo**. Publicação online: 19 jun. 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/IMj0sj>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

ARROJO, Rosimary (org.). **O signo desconstruído: implicações para a tradução a leitura e o ensino**. 2ª ed. São Paulo: Pontes, 2003.

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Tradução de: SOUZA FILHO, D. M. de. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. 136p.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de: GUARESCHI, P. A. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CULLER, Jonathan D. **Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo**. Tradução de: BURROWES, P. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. 348p.

DECLARAÇÃO de direitos e responsabilidades. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/legal/terms/update>>. Acesso em: 04 jan. 2016.

DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. Tradução de: COSTA, R. da. São Paulo: Iluminuras, 1991a. 126p. Título original: La pharmacie de Platon (1972)

_____. **Limited Inc**. Tradução de: CESAR, C. M. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991b. 212p. Título original em francês.

GRICE, P. H. Logic and conversation. In: COLE, P.; MORGAN, J. **Syntax and semantics**. v.3. Academic Press, 1975. p.41-58.

HAVELOCK, E. **Prefácio a Platão**. Tradução de: DOBRÁNZSKY, E. A. São Paulo: Papyrus, 1996. 340 p.

INÁCIO, L. Saiba quem está por trás do Facebook da Prefs de Curitiba. **Gazeta do Povo**: 30 nov. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/0IL4XF>>. Acesso em: 27 jul. 2015

LOXLEY, J. **Performativity**. New York: Routledge, 2007.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MEY, J. **Whose Language: a Study in Linguistic Pragmatics**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

MEY, J. **Pragmatics**. Cambridge: Blackwell, 1993.

OLIVEIRA, J. A. de. (Não) cooperação na comunicação organizacional. In: INTERCOM: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação,

24., set. 2001, Campo Grande /MS. **Anais...** Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP5OLIVEIRA1.PDF>>.
Acesso em: 10 ago. 2015.

_____. **The (Non) Place of Humor in Political Journalistic Discourse.**
BOCC - Biblioteca online de Ciências da Comunicação. Publicação online: 2010.
Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-jair-the-non-place-of-humor.pdf>>.
Acesso em: 16 jul. 2015.

_____. **Pragmática e Comunicação.** BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Publicação online: 2011. Disponível em:
<[://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-jair-pragmatica-e-comunicacao.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-jair-pragmatica-e-comunicacao.pdf)>. Acesso em: 15 jul. 2015.

ORING, E. **Engaging Humor.** Urbana and Chicago: University of Illinois, 2003.

_____. **Jokes and their relations.** Lexington, EUA: The University Press of Kentucky, 1992.

OTTONI, P. R. **Visão Performativa da Linguagem.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998. 144p.

PENNYCOOK, A. **Language as a local practice.** 1ª ed. New York: Routledge, 2010.

PINTO, J. P. Pragmática. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras.** v 2. São Paulo: Cortez Editora, 2000. p. 47-68.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA (portal). Secretaria Municipal de Comunicação Social. (SMCS). Disponível em:
<<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/equipe-smcs/47>>. Acesso em: 27 jul. 2015.

PREFEITURA DE CURITIBA (*fanpage*). Disponível em:
<<https://www.facebook.com/PrefsCuritiba/>>. Acesso em 07 jan. 2016.

RAJAGOPALAN, K. **Nova Pragmática: faces e feições de um fazer.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 296 p.

_____. A “dadidade” dos ditos dados na/da pragmática. In: GONÇALVES, A. V.; GOIS, M. L. S. (org.). **Ciências da linguagem: o fazer científico?** Campinas: Mercado das Letras, 2012.

_____. Da arrogância cartesiana à “nova pragmática”. In: SILVA, D. M.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N (orgs.). **Nova Pragmática: modos de fazer.** São Paulo: Cortez, 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, L. A relevância das comunidades virtuais na cultura organizacional. In: MARCHIORI, M.(org.). **Faces da cultura e da comunicação organizacional.** v. 2. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2010. p. 167-182.

SHIBLES, W. **Wittgenstein, linguagem e filosofia**. Tradução de: HEGENBERG, L.; MOTA, O. S. da. São Paulo: Cultrix Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

SILVA, D; FERREIRA, D.; ALENCAR, C. (orgs). **Nova Pragmática: modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014.

TERMOS de páginas do Facebook. 2016. Disponível em:
<https://www.facebook.com/page_guidelines.php>. Acesso em: 04 jan. 2016.

VALENÇA, Suzana. Como a prefeitura de Curitiba mantém a melhor página do *Facebook*. **DIGÁI**. Publicação online: 06 ago. 2014. Disponível em:<<http://goo.gl/FWIRBb>>. Acesso em: 12 mar. 2015.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

ANEXOS

ANEXO 1 - SELEÇÃO DE AVALIAÇÕES 1 ESTRELA

Comentário 1

L1: A página da prefeitura é muito divertida, o humor é ótimo, as tiradas são ótimas, as notícias idem... Sempre gostei muito e dava orgulho de ver os elogios de pessoas de fora à nossa cidade por causa dessa página, mas ontem foi a segunda vez que tentei entrar em contato com a página por um motivo sério. Na primeira era um cachorro que precisava de socorro urgentemente e a melhor forma de divulgar seria aqui, e fui ignorado 3 vezes. E agora, o pequeno J., é de família do RJ (com quem a prefeitura sempre troca elogios) e está em Curitiba para uma cirurgia, correndo sério risco de morte, e precisa de doação de tipo sanguíneo O negativo. Pensei que a Prefeitura poderia divulgar, mas no primeiro post que fiz, em algumas horas não tive retorno. Tentei mensagem inbox e nenhum retorno. Comentei dentro de um comentário da própria prefeitura e nenhum retorno. E mesmo tendo outros amigos fazendo a mesma coisa, fomos ignorados, sendo que a mesma página estava online, conversando com pessoas que estavam comentando a musiquinha do boa noite Curitiba do dia. Acho isso uma falta de respeito sem tamanho! A página é útil sim pra certas coisas, mas poderia ter sido mais dessa vez, por se tratar de uma coisa tão séria. É como eu disse: quem sabe se na foto tivessem o Goku e uma capivara, vocês dariam atenção. Que falta de senso.

L2: GENTE, o FB de uma Prefeitura é administrado pelo Depto de COMUNICAÇÃO. Em casos de saúde, vigilância sanitária, meio ambiente, etc, tentem entrar em contato pelo telefone da secretaria competente. Simples assim. Não confundam as coisas.

L1: A página foi acionada no intuito de gerar grande divulgação pelos inúmeros motivos descritos do caso. Se nem a pagina a ajudou, imagine as secretarias...

L2: Só estou tentando ajudar, para que a informação chegue no lugar certo e em quem realmente possa fazer alguma coisa... provavelmente quem administra a página não conseguirá sozinho resolver cada problema, entende?

L1: Claro, isso sim, a página tem muita atividade, deve ser complicado administrar tudo. O que a gente questionou aqui é que a página respondia comentários beeeem bobinhos no próprio post de música do dia ao mesmo tempo em que não dava nenhuma satisfação pra gente que pedia o compartilhamento. Fora isso não tenho nem o que reclamar :).

L3: L2 entendo, mas o FB é livre inclusive para quem quiser pedir auxílio. Existem tantos casos bem sucedidos de campanhas feitas pelo facebook e que se dependessem dos "órgãos responsáveis" não daria em nada. Esta questão do J. foi postada aqui por ser uma página de grande visibilidade. Só queríamos que o social

media divulgasse o caso para que as pessoas pudessem tomar conhecimento do mesmo e doar o sangue q ele estava precisando. Não era p a página resolver o caso. De qualquer forma, o J. já operou e ocorreu tudo bem.

Comentário 2

L1: Uma porcaria, acho absurdo quantas pessoas pagam pau pra tanta bobeira!

L2: Larga de ser otário! Acho muito legal o contato com a população, por meio de uma linguagem divertida e jovem, larga de ser velho...

L3: Concordo

L4: Concordo, só para conseguir votos, pior que tem uns animais que gostam.

Comentário 3

L1: Podiam levar a administração pública mais a sério e parar de fazer tanta piadinha enquanto a cidade tá caindo aos pedaços.

L2: As vezes é bom lembrar o lado bom das coisas, pois veja, enquanto a aquelas páginas de prefeitura que vivem reclamando da sua cidade, não fazem nada, nada mesmo a respeito para ajuda-la, só citam e apontam o dedo.

L1: Mas não é uma questão de lembrar o lado bom das coisas. É uma questão de ficarem postando piadinha aqui e IGNORANDO que a cidade precisa de uma administração decente. Enquanto tá cheio de capivarinha aqui, a social media da prefeitura simplesmente IGNORA quaisquer comentários de reclamações e faz todo mundo de idiota. E o povo ainda bate palminha.

L2: Como disse 'As vezes';

L1: Pois é, mas nessa página é SEMPRE. Ninguém é respondido ao perguntar algo sério. Só respondem se for a respeito de capivara.

L2: Triste início de fim de uma república que tem tudo pra ser uma das primeiras potências mundias.

L3: Já vi muita gente ser respondida e encaminhada com seriedade nesta página. Como não vejo o Facebook como a melhor ferramenta para responder críticas, acho que a página tem a função de aproximar o cidadão do que está acontecendo na cidade. E pra isso servem bem as brincadeiras, porque faz com que as pessoas acompanhem a página. E como já disse, já vi eles recomendando que a pessoa entrasse em contato de outra forma ou mandasse uma mensagem para maiores informações. Acho a função muito bem cumprida.

L1: Infelizmente a política do pão e circo anda funcionando com muitos por aqui.

L3: poxa cara, você entende tudo errado... querer aproximar as pessoas do que está acontecendo na cidade através do humor não é alienar elas através da diversão. é tipo o contrário da política do pão e circo. e fico muito feliz que você vá atrás de saber das coisas sem precisar disso, mas acho muito prepotente assumir que todo mundo tem que pensar que nem você. acho mais bacana assumir que essa

seriedade absurda é outro jeito de afastar as pessoas da política do que se prender a ela ad infinitum sem nunca realmente promover uma mudança, que seja através da adaptação das velhas normas e costumes. que seja não, até melhor se for assim. mas cada um pensa do seu jeito também, só acho realmente inovador eles conseguirem fazer tanta gente acompanhar a página e irem colocando temas mais sérios mesclados com menos sérios de um jeito leve.

L1: Mas gente, desde quando capivara e bicho soltando laser tá informando alguém?

L3: mas esse é o caso, não tem só isso. por isso que eu falei que é um mesclar de tópicos inúteis com úteis. e se os inúteis mantêm as pessoas lá e elas acabam tendo contato com as coisas mais sérias que não teriam, qual o mal disso?

L3: daí consegue falar do combate ao machismo no ônibus, do novo projeto de limpeza do parque tal, coisas desse tipo. cria um senso de comunidade que faz as pessoas se aproximarem da cidade. ironicamente, mesmo as que não são da cidade.

L1: O mal disso é usarem essas gracinhas pra desviar o olhar das pessoas dos problemas. O mal disso é um monte de gente achando lindo essa palhaçada e defendendo a prefeitura de Curitiba nunca tendo nem colocado os pés na cidade (porque sim, tem muitos - uma boa parte das avaliações inclusive é de gente que NEM MORA AQUI, falando que "a prefs é máximo". Até pq a grande maioria que fica ovacionando essa página nem tá nem aí pros problemas da cidade. Quer é ver mais bobagens engraçadinhas.

L1: (Embora o projeto sobre o abuso nos ônibus tenha sido ótimo - não sou xiita, o que é bom eu reconheço sim).

L3: mesmo se fosse uma página super séria, como é que a página de uma prefeitura só ia falar dos problemas da própria prefeitura, entende? a da prefeitura de sp divulga altos eventos e tal. e o número de pessoas que passaram a acompanhar mais do que dobrou quando a página da prefeitura de curitibabombou na internet, ate aproximando um pouco o tipo de redação das outras prefeituras porque elas viram como um jeito de ter voz. claro que não é perfeito, mas eu acho verdadeiramente uma jogada genial, porque é um começo. e o papel de uma página de prefeitura não é listar seus problemas, é divulgar os trabalhos da mesma e eventos.

L1: Mas também deveria ser ouvir a população. E eu já vi muitos assuntos sérios serem abafados com as brincadeiras. Ai que tá o problema.

L3: as pessoas já não estão de olho nos problemas. pelo menos agora elas tem mais contato com a cidade. pelo menos é assim que eu entendo, mais ou menos.

L3: é, não vi muito disso. vi assuntos sérios tratados de um jeito diferente pra ficarem mais leves, mas não vi nenhuma resposta da página que afastasse a pessoa. mas vai ver fui eu que não vi também. tem suas falhas, com certeza, mas eu realmente achei inovador.

L3: até porque a política tava muito velha. ter o haddad mostrando pras pessoas que a rua é delas com o negócio das ciclofaixas (que não são super bem planejadas, diga-se de passagem) e fazendo grafite de brincadeira pra divulgar um lugar que foi

reservado pra isso aproxima as pessoas da cidade em si, e permite que elas notem os problemas, que elas cobrem, que elas sejam realmente cidadãs.

L3: (isso em sp, só fazendo um paralelo)

L3: e definitivamente quem cuida da página da prefeitura não é quem cuida da administração da cidade, então não acho que seja não levar a administração a sério ter uma página super leve no facebook. é só um meio de divulgar de verdade pras pessoas o que é feito. é até levar mais a sério se você pensar que eles dão importância para mostrar pra população o que é feito.

L4: Essa Pagehotima!

L5: A pessoa tem preguiça de entrar no site da prefeitura, tem preguiça de enviar um e-mail, telefonar, ou ir pessoalmente. A única coisa que a pessoa consegue fazer é reclamar no Facebook. É fácil escrever meia dúzia de palavras denegrindo a imagem da nossa cidade. Porque será que gostamos dela? Será todos nós somos "burros", e nunca vemos defeitos? Não, sabemos que nossa cidade tem problemas, mas utilizamos tbm outras formas de contatos com a prefeitura pra tentar resolvermos eles. Mas caso tenha preguiça, deixo aqui uma grande ferramenta, <http://www.curitiba.pr.gov.br/>.

L6: Eu nem sou de Curita e curti.

L6: Pq essa página é fodaaa.

L7: Concordo com você!

L1: Pois é, gente que nem é daqui se metendo. É exatamente aí que começa o problema e é o que eu tanto critico. Só prova o meu ponto.

L6: Eu posso lhe afirmar que minha cidade está tão ruim quanto a sua, talvez pior, agora me diga em que a falta de humor irá melhorar em sua cidade, aqui a prefeitura é bem séria kkkkkkkkk.

L8: Nasci em Curitiba, atualmente moro fora e não acho que estou me metendo ao opinar coisas da página ou acompanhar... Além do mais, a Internet é livre e a página pública, se fosse pra ter somente moradores da cidade, era mais fácil criar um grupo. Outra coisa que MUITOS cidadãos não sabem, mas para a página do Facebook cumprir a função dela é preciso ter relevância PARA TODA A COMUNIDADE, se não nem bofeed de notícia das pessoas ela irá aparecer. Outro ponto, devemos compartilhar problemas e soluções, acompanhar outras cidades e ver como as coisas funcionam em outros lugares pode inspirar pessoas a muitas coisas. Quanto mais pessoas na Internet inteira ovacionarem a página, mais relevância (em questão de publicidade) a página terá, com isso mais pessoas serão alcançadas e não somente mais pessoas saberão dos problemas, como também aumentarão as chances de que soluções apareçam ou que as discussões acerca deles aumentem. A página é um bom exemplo de como o setor de comunicação de uma prefeitura deve se portar. Quer algo sério, vá para o LinkedIn ou o site oficial. Parabéns a (minha) cidade de Curitiba, seguindo padrões de cidades desenvolvidas pelo mundo e mais uma vez sendo exemplo para as demais cidades de nosso país. Ah propósitos, isso não é direta, nem indireta e nem resposta pra ninguém, mas somente minha opinião, portanto não é necessário argumentar, concordar, discordar etc ok?

L9: Na vdd eu entendi o a L8 quis dizer e eu concordo em partes, quanto a maneira que a prefeitura trabalha aq acho ótima, mas realmente acho algumas coisas desnecessárias como a pagina tem levado o titulo, "prefeitura da zoeira" EPA pera lá, soa feio de mais isso, acho interessante a linguagem que adotaram, mas pra chegar nesse titulo é melhor repensar um pouco... E outra coisa pessoas que não são daqui não sabem dos problemas, e não deveriam opinar mesmo! Pois pelo simples motivo de logica, que a opinião dos que estão de fora não vai fazer diferença pra eles... E sim pra nós! Esses dias a prefs fez aquela pesquisa sobre a circulação de carros no centro, e a maioria dizia aprovar a proibição da circulação no local... Daivc vai ver os comentários de quem aprova, a MAIORIA não é de Curitiba... A prefeitura tem que trabalhar pra agradar a população curitibana, não paulistanos, cariocas, gaúchos...

L10: Que menina retardada do caralho... tu acha que é o prefeito que tá administrando a conta do facebook? Taquipariu!

L1: Maravilha, hein? Você lê o que uma pessoa escreve, não concorda e sai chamando de retardada. Muito educado você, hein?

L1: Dai eu vou ver e o cara mora no CEARÁ. Entendem o que eu falo? Vem gente aqui defender com unhas e dentes a "prefs", só porque a página é engraçadinha. Maioria não sabe de NADA que acontece aqui, não sabe da história, dos problemas, DE NADA.

L1: E, não, L10, óbvio que não é o prefeito. O que torna tudo pior, porque nossos IMPOSTOS (meus e de quem MORA AQUI) estão sendo usados pra pagar o salário das pessoas que trabalham na social media da prefeitura e recebem um salário pra ficar postando piadinha.

L1: Com o salário das 3, 4 pessoas (porque não é uma só) que ficam postando foto de capivara, dava pra pagar 3, 4 professores, ou médicos, ou material pra alguma UPA, porque nunca tem, etc.

L8: L1, não moro em Curitiba, mas meu IPVA vai para Curitiba, assim como os impostos de minha empresa que emprega funcionários da cidade. Então acredito que só ver onde a pessoa mora não diz tanto, pois existem outras formas de contribuição com a cidade.

L1: Mas eu não to falando só de você. Serio, pega 10 minutos do seu tempo e vai ler as avaliações dessa página. O que tem de gente falando que "nunca veio pra cá, mas ama e sabe que é a melhor cidade do Brasil pq tem a prefs" não é pouco não.

L9: L8 tu tens negócios em Curitiba, é bem diferente do que esse L10 por exemplo, que é lá de fortaleza, vir xingar os outros por opiniões diferentes... O cara no minimo nunca veio pra cá, e ta achando ruim como nos/alguns Curitibanos estão achando da pagina da prefeitura.

L7: L1 sou sua fã, seria bom se curitiba tivesse mais L1 para o bem dos curitibanos que precisam de médicos e de professores e não podem pagar, dependendo assim da prefeitura.

L1: L7 Obrigada.

L11: É... A gestão da Prefeitura em SP não ta lá essas maravilhas, mas no facebook a prefeitura sempre responde qdoehserio.

L12: É pão e circo, é pizza, é o que o povo gosta mesmo... "a gente sabe dos problemas"... Mas prefere ficar rindo deles com as piadinhas. Adoro humor, adoro rir, mas acredito que a técnica "pula o post" não deveria se aplicar em página de prefeitura. A ignorância começa quando o outro chama uma pessoa que nem conhece de preguiçosa, levando em conta apenas a sua realidade, exemplo(não digo a L1) mas muita gente não sabe que existem outras formas de entrar em contato assim como o cara aí sabe, e a aproximação que a página promove faz com que as pessoas acreditem que seus pedidos ou denúncias foram mesmo efetuados com sucesso, aí não são atendidos nem na pág do face nem em vias formais e tudo continua como está, mas o que importa é não perder o humor...

L13: Ok, concordo que às vezes eles pegam pesado nas brincadeiras... porém, a maior parte das postagens são sérias L1, descobri isso após ativar "seguir feeds" da Prefeitura, porque antes só apareciam as piadinhas... quando tiver um tempinho sobrando dá uma olhada na página, eles respondem sim as reclamações, porém como não são curtidas como as outras, acabam não aparecendo. Acho que a forma como eles abordam os assuntos é super válida, pois antes, confesso que não sabia nem da metade das coisas que a cidade oferece. Mas enfim, essa é minha opinião e respeito a sua. Cada um pensa de uma forma.

Comentário 4

L1: Um dos piores sites, pseudo-moderninho para enganar otários. Mídia social vergonhosa que vive realidade faz de conta.

L2: Traz uma boa imagem, funciona.

Comentário 5

L1: Uma porcaria de pagina, postei sobre o protesto da escola do meu filho questionando a verba da prefeitura e deletaram o meu post..por mim eram 10 estrelas negativas.. Pagina manipulada por interesses pessoais.

L2: é mais uma página de humor sem graça

Comentário 6

Um absurdo um meio oficial de comunicação da Prefeitura se prestar ao papel de ficar postando imagens imaturas como girafas com lasers. Isso eh coisa de adolescente, essa página deveria ter a utilidade pública como sua prioridade. Por mais que a iniciativa de dar notícias importantes com descontração seja ótima, falta entender que essa página eh uma forma de bem público e tem que ser administrada com seriedade. Aqui não eh lugar para palhaçadas.

Comentário 7

Página idiota! Sobra humor besta e falta competência. É a prefs fodendo a vida do curitibano

Comentário 8

Que inutilidade a página! Só modinha e confete. A prefeitura não tem obras à mostrar? Só maquiar a página e destruir o sossego da rua São Francisco? Que vergonha senhor prefeito.

Comentário 9

Fachada, hoje e sempre. ByFruet

Comentário 10

L1: Baboseira inútil e fútil... Não reflete a real situação da cidade.

L2: porque? O povo a elogia tanto

L1: O mesmo povo que elegeu inúmeros deputados que estão sendo investigados pela lava jato, inclusive, o povo não é parâmetro... Assim como a página também não.

Comentário 11

Página cheia de mentiras e bobagens, feita para angariar votos. Já virou página de humor, onde poderia ser um espaço produtivo para a população.

Comentário 12

Que venham os turistas procurando por essa Curitiba cheia de capivaras dançantes, solidária e humana que eu NUNCA vi.

Comentário 13

Despolitizadora. A página camufla problemas sociais com trendingtopics e produz discursos que vêm questões sociais de somente um lado do muro.

Comentário 14

Uma prefeitura não devia ser apegada tanto a humor e sim a questões sérias, morais e sociais.

Comentário 15

Enquanto essa página faz milhões de gracinhas pessoas morrem em UPAS.

Comentário 16

Textos ruins e mal escritos; levam na brincadeira assuntos sérios; fazem muita piadinha em um veículo de comunicação oficial onde o foco não deve ser humorístico; atuam em propaganda do atual prefeito ao invés de atuar em prol da cidade e dos moradores em geral. Por fim, parece um bando de crianças se comunicando no recreio da escola. Muito baixo o nível dessa página. Não está à altura do que Curitiba representa em termos de desenvolvimento.

Comentário 17

Vivendo no mundo dos sonhos, cheios de capivaras, pessoas boas, um mundo que não passa de uma ilusão enquanto várias pessoas sofrem pra uma página fazer seu marketing de boa vizinhança.

Comentário 18

Gasta tempo demais sendo fofa e tempo de menos sendo útil. Seria muito mais interessante se a página não fosse tão colorida, irritante e mestre em iludir as pessoas.

Comentário 19

Página feita por estagiários, cheia de piadas..nda pra levar a sério.

Comentário 20

Uma página que aproxima governo e população, desde que seja pra "zoar"...

Comentário 21

Faz um marketing falso e não mostra a verdadeira Curitiba! Fruet contratou meia dúzia de estagiários esquerdistas para enganar e omitir a realidade curitibana.

Comentário 22

A Página é da hora mas a administração pública em si é meio bosta!

Comentário 23

Cada dia pior, enfim. Viva a capital das capivaras felizes...

Comentário 24

apenas enganando a população com publicidade e marketing barato, enquanto a cidade em si está um lixo... quanta demagogia!

Comentário 25

Lixo gramscista.

Comentário 26

Postar coisas legais é fácil. Quero ver fazer um mandato decente.

Comentário 27

L1: O problema principal com a linha adotada por esse perfil não é ele ser humorístico, mas sim inundar a rede com bobagens ao invés de informar. Várias pautas de consulta à população somem com a quantidade de bobagens publicadas. Somado a isso tem a forma arrogante que alguns dos comissionados, que operam esse perfil, se comportam. Alguém tem que avisar que são funcionários públicos.

L2: Deixe de seguir então.

L3: eu gostaria que na minha cidade o face fosse tratado deste modo

L4: Siga a do RJ então. A linha adotada pelo perfil do RJ é realmente informar, porém, consegue ser somente humorístico e ainda inunda a rede com bobagens (Já que é a realidade desse Estado).

L5: Eu entendi o vies do L1, mas sou solidário a construção de uma identidade cultural própria.

L1: E o que esse perfil faz está longe de construir uma identidade cultural, ainda mais própria.

L6: Sempre tem gente querendo avacalhar as coisas kkkk queria tanto que o perfil do face da minha cidade fosse assim.

L7: Nos dias de hoje o humor não é usado apenas para avacalhar ou para entreter. Alguns professores, por exemplo, usam essa associação da informação com o humor para fixar na mente dos alunos o que lhe é passado. O cérebro procura entretenimento, associar informação à humor não é descaso, é inteligência!

L8: Hahaha, queria que na minha cidade fosse assim também! Adoro esse perfil! Estão de parabéns!

L9: Como ja disseram ali em cima, segue o rj! Tem essa pauta burocrática, insossa e criminosa tao querida.

Comentário 28

Prefeitura mais perdida que cego em tiroteio. E quem sai perdendo é o trabalhador porque nossos queridos gestores vão muito bem, obrigado. Mas o que importa mesmo são as piadinhas da fanpagePrefs, não?

Comentário 29

Prefeitura de Curitiba é uma piada!!!! Pior gestão de todas!!!

Comentário 30

Página com humor tétrico. Não contribui como canal de comunicação com a população, pois não aceita críticas. Tudo é lindo e maravilhoso na 44ª cidade mais violenta do mundo.

Comentário 31

Indução, infantilidades e muita máscara, não aceito uma página de HUMOR se passando por oficial da Prefeitura. Capivaras uma óva.

Comentário 32

L1: Página lixo de uma cidade que já foi boa. São pagos pra pintar o mundo de cor de rosa.

L2: E você? É pago pra ser chato gratuitamente?A página Revoltados Online deve ser um ótimo espaço pra você, já que se incomoda tanto com a tentativa de unir informação e entretenimento. Que saco.

Comentário 33

Pena que a prefeitura não funciona bem. Cheio de erros, promessas não cumpridas, atrasos, etc. Ao contrário do facebook, que é um sucesso!

ANEXO 2 - SELEÇÃO DE AVALIAÇÕES 2 ESTRELAS

Comentário 1

Muita gente diz que Curitiba tem um transporte público exemplar. Uma piada, pode o menos pior do Brasil, mas longe de ser bom! Ficar trinta minutos esperando ônibus, das 8h às 8h30 da manhã, por conta dos horários previstos não serem respeitados. Isso não acontece uma vez, acontece todos os dias. Complicado ser pontual, saber administrar os horários de forma correta, né? Enquanto isso as filas se formam, pessoas chegam atrasadas nos seus compromissos e a prefeitura continua a enfeitar sua página com publicações felizes. Ótima forma de começar o dia!

Comentário 2

L1: Assunto dengue, já liguei no 156 fazendo reclamação faz algum tempo, mas agora a piscina na casa ao lado do meu prédio continua abandonada! o que fazer?

L2: Isso eles não respondem... Se fosse piadinha de capivara já tinham te respondido.

Comentário 3

Pego ônibus lotado todo dia. Um caos! Ônibus atrasa e vem lotado. No domingo os ônibus somem. Não dá pra ter bom humor assim.

Comentário 4

Ô Tiuzinho,

Pq meu post de ontem não aparece na timeline?

Vc ocultou? Não é interessante? Não é oficial?

Não podemos usar o canal pra falar dos problemas de nosso bairro? Tão pouco elogiar?

Desde que não seja ofensivo (com xingamentos e palavras de baixo calão), ocultar um post de um órgão público, como esse, não é censura?

Me prove que não!

Comentário 5

Página muito divertida porém falta nos passar algumas doses de realidade muita coisa importante acontecendo que está sendo mascarada por brincadeiras bom

humor como se nada fosse... Penso que não só de humor vive uma cidade, onde estão as matérias sobre oq acontece por ai e é de nosso interesse??

Comentário 6

Gostaria de agradecer a Prefs pela sua dedicação na mídia, esquecendo de suas obrigações básicas. Essa noite sofri um acidente na Rua Mto Carlos Frank esq com a Cezinando Dias Paredes. Cai com a moto em uma velocidade muito baixa, ja conheço a rua que é mal sinalizada e mal iluminada. Devido a ser "muito bem projetada" ela acumulou detritos, e minha moto acabou deslizando, que me resultou em DUAS COSTELAS FRATURADAS e agora na parte da manhã consulta com cirurgião para ver o tamanho do estrago. Gostaria de ver maior dedicação de vcs em cuidar principalmente das ruas que são usadas como caminho alternativo.

Comentário 7

Só propaganda.

Comentário 8

Ainda não fez nada de mais!

Comentário 9

Ficou perfeito a página. Bem humorada.

Comentário 10

Cade a Capivara?

ANEXO 3 - SELEÇÃO DE AVALIAÇÕES 3 ESTRELAS

Comentário 1

Gosto muito do humor da página, como veículo de comunicação atinge bem o público geral e promove a interação do povo com o poder público o que é excelente para uma gestão. No entanto, acho que falta alguém que dialogue diretamente com os movimentos, principalmente com a juventude curitibana aquém 'classe média', porque o diagnóstico que todos fazem é o de que a página fala esta língua. Acho que falta publicar o que o povo curitibano faz, não só o que a prefeitura faz, entendem? Tipo; dar boa noite com autores da cidade e não com Radiohead, já que temos um incrível leque de artistas locais super competentes e com trabalhos autorais! Enfim, daria muito mais dicas, mas sempre sou tida como chata, então fico por aqui. De qualquer forma parabéns por conseguir unir, mesmo que com alguns pontos que poderiam ser mais fortes, humor, diálogo e cidadania!

Comentário 2

A página é boa, mas é meio fora da realidade. A imagem que vocês passam aqui não é o que vocês são. Eu já liguei várias vezes tanto para vocês quanto para a proteção animal para tentar alertar maus tratos de VÁRIOS cachorros em uma empresa abandonada na frente da minha casa. Vocês já desligaram na minha cara e a única vez que me responderam no facebook, disseram que encaminharam meu caso para análise. Que análise? Vocês não se preocupam de verdade porque não é vocês que são mau tratados, que apanham, passam fome, e se aqueles cachorros tem água hoje, é por conta da chuva da noite passada. Não são vocês que vivem amarrados, né? E não adianta falar que isso não é com vocês e sim com a Proteção Animal, porque eles falaram a mesma coisa. Vocês podem ajudar, por favor? #PorUmMundoMelhor.

Comentário 3

L1: Excelente forma de abordagem. Comunica bem com o público. Senti falta de um panorama mais geral, que não mostrasse apenas as conquistas, mas os desafios a serem enfrentados.

L2: L1, gostei da sua avaliação, faço minhas suas palavras e digo que ja tomei alguns blocks dos administradores por tentar mostrar alguns problemas que nossa cidade tem, dificilmente recebo uma resposta e quando posto incessantemente a mesma coisa sou bloqueado pq posto a mesma coisa varias vezes, encaro com bom humor, "meu bom humor". Mas não desisto,, sei que do outro lado da tela tem muitas outras pessoas que assim como eu não estamos aqui para ver capivaras.

L1: Acho uma miopia da gestão não assumir os problemas e as críticas . Faz parte do jogo democrático e precisamos vencer esse medo. Isso só trará a população para perto da gestão. Torçamos pra que os administradores da página ampliem a transparência.

Comentário 4

Tinha informação com bom humor na medida certa e ótimas sacadas. Agora tá ficando muito nerd... :/ Mas continua a melhor pag. de uma instituição pública...

Comentário 5

Se eu escrever o que eu realmente penso é capaz de eu ser processada por vocês.

Comentário 6

L1: A prefs manda muito bem quando o assunto e brincadeira... melhor ainda quando se passa uma imagem positiva para outros estados, nisso vocês estão de parabéns! Porém nem tudo é rosas e poderiam postar mais sobre alguns problemas que enfrentamos no dia a dia... Por exemplo hoje houve manifestação significativa sem nenhum movimento político aparente e a prefs postando outros assuntos como se não houvesse nada em Curitiba...Talvez não seja este seu objetivo, então é apenas uma sugestão para melhorar esta página que fez sucesso por ae.

L2: Bem isso L1, na verdade acho mto divertido sim só que foge muito da nossa realidade diária, Curitiba não é esse mar de rosas que esta sendo mostrado aqui... Entre esse bom humor todo acho que precisamos de umas doses de realidade.

Comentário 7

Tendenciosa e burocrática. Mas faz parte do processo. Esperando sempre postagens de coerência e conteúdo muitas vezes não é o que encontramos por aqui. Mas Curitiba assim como nossa prefeitura também tem qualidades e terríveis falhas. Fazer o que né? Resolvemos isso na próxima eleição. Viva Curitiba que eu amo.

Comentário 8

Acho que tem uma chamada bacana...Porém não posso avalia-la politicamente. As 3 estrelas são pelas ações de marketing.

Comentário 9

Tem um defeito: faz propaganda de eventos de interesse comercial (com fins lucrativos).

Comentário 10

Site com muita criatividade e irreverência e com muito respeito a cidade! Queria q Prefeitura de São Paulo tivesse essa iniciativa! Parabéns!

Comentário 11

Muito Boa essa página. Só ã muito segura na rua, tudo isso, porque pode chover. Ñ esqueça o guarda-chuva.

Comentário 12

Impressionante o quão bom são os posts na página de vocês! Sacadas inteligentes e um ótimo gosto musical!! Pena a prefeitura em sua gestão não seguir o bom exemplo que se vê por aqui!

Comentário 13

Poxa nem uma notinha sobre o dia Nacional anti manicomial... 18/05..Tivemos uma caminhada da Boca maldita até o Memorial de Curitiba...

Comentário 14

Pão e circo, ópio do povo.

Comentário 15

Acredito que estão se esforçando porque pegaram os problemas da administração anterior e até deixar em ordem demora um pouco,eu acho que falta algumas coisas como uma maior integração da prefeitura e a população. Mas estão no caminho certo.

Comentário 16

Na hora do humor são excelentes porém na hora das críticas se escondem ou só mandam links para tentar fugir do assunto.

ANEXO 4 - SELEÇÃO DE AVALIAÇÕES 4 ESTRELAS

Comentário 1

L1: Só não vou dar 5 estrelas por que não moro em Curitiba, então não sei se a vida real no lugar é tão interessante quanto no facebook. Mas parece ser a página governamental mais irreverente que já vi.

L2: Não não é não perca seu tempo , aqui jata igual ou pior que o rio de janeiro na criminalidade e não temos praia, só umas capivaras retardadas que o povo daqui idolatra enquanto o povo das areas mais humildes vive se fodendo, um exemplo enorme é os posto de saude que não tem médicos e pessoas chegam as 5 da manhã pra tentar uma consulta e muitas vezes não consegue.

Comentário 2

Adoro a página, mas achei um absurdo retirar do ar um post por fanatismo religioso. Somos um estado laico! Recolocar a imagem foi bacana... Mas quem sede um vez cederá outras...Feio, mas fazer o que??? Sabemos como a comunidade Lgbt é discriminada pelo poder público.

Comentário 3

Uma das melhores páginas institucionais do Brasil. Informa sem ser pedante! Tem até momentos engraçados! Parabéns!!!

Comentário 4

Acho a página excelente e o responsável por ela realmente muito criativo. Acho que mídia social tem que ser informativa, mas tem que ser social e o bom humor e as brincadeiras são excelentes. Ao contrário da avaliação de alguns que me parecem descuidados, o canal informa, com muita informação séria e importante, mas também descontraí. Basta, de fato, acessar o canal para perceber. O que acontece é que as "piadas" acabam sendo muito mais divulgadas exatamente pela popularidade que alcançam. Acho sim, que a Prefeitura tem um dos melhores, se não, o melhor canal do país. A crítica fica por conta da questão da comunicação seletiva mesmo, quando as pessoas reclamam de problemas um pouco mais graves, o canal se abstém, acho que isso não pode acontecer. Mesmo que não esteja relacionado com a Prefeitura, acho que vale a orientação para o canal correto a ser utilizado, inclusive com links ou telefone de contato.

Comentário 5

Parabéns aos administradores dessa página. A abordagem descontraída de vocês torna a página famosa em todo o Brasil.

Continuem assim...

Comentário 6

Com excelentes profissionais por trás de um serviço eficiente de informação, merece a menção.

Comentário 7

Muito bacana, mas sinto que perdem a seriedade em alguns quesitos!

Comentário 8

Eu sou carioca, tenho noção dos elementos constituintes de minha cultura, mas sou solidário aos redatores do site de Curitiba, manero as sacadas de vcs, apesar de eu não entender as vezes, mas continuem nessa força!

Comentário 9

Um exemplo de estratégia e inovação. Tornou popular um assunto chato e que não é atrativo para muitos jovens, além mudar aquele texto padrão de política, em uma linguagem atrativa à população. Não é perfeita? - Críticas construtivas e sugestões são bem vindas. Bem, não sou uma expert no assunto, mas garanto que é um começo, que sofrerá alterações, porém é um recomeço na arte de comunicar e é legítimo valorizar a equipe que faz esse trabalho. Parabéns!

Comentário 10

Só espero que não cedam de novo a pressões homofóbicas, como cederam anteriormente. Pela primeira vez, desde que eu curto a página, odeie essa prefeitura. Mas, como todos que pedem perdão, será perdoada desta vez. Acredito que o mrktg desta pag. já deve está consciente dos atos e prejuízo que causaram. Agora, vem cá, seja perfeita novamente e não faz mais isso ♥.

Comentário 11

Através da página pude conhecer e tirar dúvidas antes mesmo de chegar a cidade. Informações úteis e verdadeiras.

Comentário 12

Curitiba cresceu muito e com isso os desafios se tornaram maiores. Aproximar os Curitibanos das coisas boas que a Pref faz só impulsiona mais ações positivas. Também sou a favor dos cuidados aos animais de rua, conscientização da população e da busca por uma solução para esse problema.

Comentário 13

Gostei da idéia, acho que poderia também conter outros tópicos: pontos turísticos, vagas de emprego, ongs... dentre outros! Todavia a administração da page está de parabéns!

Comentário 14

Posso dizer que não é a cidade perfeita, mas moro em Curitiba a 11 anos e já conheci outras cidades, portanto posso sim dizer que Curitiba é boa em vários aspectos. Particularmente o que mais me chateia é o clima (que nos deixa mt doentes) e as pessoas arrogantes (que não são todas), que existem em outros lugares tmb. Se ainda não conhece Curitiba, venha pelo menos a passeio, pois não vai se arrepender! Sobre a página do Facebook, eu adorei! Continuem nesta linha, estão superbem humorados! (não deve ser um Curitibano que cuida da página! Kkkkkk♥).

Comentário 15

Mais que informar. Divertir, contestar, participar. Amo Prefs. Amo CWB. Linda!!

Comentário 16

Me amarro nas postagem, devem ser um ótimo lugar para se viver.

Comentário 17

Parabéns aos administradores da página. Muito legal a forma que adotaram para comunicação.

Comentário 18

Muito interessante, mas o importante é ver se funciona.”

Comentário 19

A Prefs é diva... Melhor Social Media :3 ♥

Comentário 20

Divertido

Comentário 21

Um canal a mais pra que qq um possa sugerir, reclamar ou elogiar as ações (ou não) da prefeitura; Sem falar na aproximação maior com a população com as postagens humorísticas! Uma extensão da Ouvidoria...

Comentário 22

L1: Sensacional, uma ferramenta tão importante como esta sendo usada de maneira bem-humorada e de fácil entendimento, sem burocracia e formalidades hipócritas. Parabéns

L2: Sonao podemos fechar os olhos para os problemas ae fora!!!!

L1: Pros problemas a gente usa o 156 e o vereador da nossa região. Pelo Facebook não se resolve nada.

Comentário 23

Eu achei muito interessante a página da prefeitura de Curitiba, talvez alguns posts sejam só de humor, mas os que transmitem mensagens úteis através do humor são geniais, e provavelmente atingem mais pessoas no facebook do que posts tradicionais.

Comentário 24

Sempre com pastagens úteis ao público. Claro que estou falando da page e não do governo. Deixo isso bem claro.

Comentário 25

Gosto de nossa cidade e da PMC. Estou contente com a atuação de nosso prefeito. Acho o site iterativo no Facebook uma excelente sacada!! Parabéns!!

Comentário 26

A página tem um senso de humor que vem a calhar!

Comentário 27

Muito didático e interativo !!! Estão de Parabéns !!!!

Comentário 28

Como tudo nessa vida pode melhorar, a busca continua sempre, mas a Prefs está de parabéns pelo conteúdo e pela interatividade com o cidadão online até então.

ANEXO 5 - SELEÇÃO DE AVALIAÇÕES 5 ESTRELAS

Comentário 1

Uma página que reúne informação sobre a cidade de uma forma jovem, criativa, moderna e genial! Não moro na cidade e sigo a página. Por mais prefeituras e administrações dessa forma. O BR precisa!

Comentário 2

A melhor, de longe. Usa a fanpage para promover o bem de diversas maneiras, inclusive sugerindo sempre bandas de boa qualidade para a galeraaa.

Comentário 3

Prefeitura de Curitiba meu mais profundo agradecimento por essa maravilhosa posição com relação aos animais de rua !! Meus parabéns!! Eu moro fora do país a muitos anos e tenho orgulho de ser brasileira por encontrar aqui no face posts como esse da prefeitura!! Isso é ser civilizado tiro meu chapéu para os funcionários da prefeitura de Curitiba!!

Comentário 4

Salve para as Capis. Página que demonstra sua seriedade e responsabilidade com os curitibanos e com toda a piaçada do djanho, através dos trabalhos realizados pela querida e amada prefs. Mostra qur aqui a gentE paga sapo mesmo, pois a nossa prefeitura debulha no serviço. Obrigado piaçada! ♥.

Comentário 5

Responsabilidade social e jornalismo com humor. Muito bom, porque seriedade é só no Congresso... O pessoal do Jornal Hoje trabalha com vocês?

Comentário 6

A melhor página institucional ever! Melhor e mais simpática equipe de social media. Valeu Jana e amigos!

Comentário 7

Facebook da Prefeitura ajudando a salvar vidas! Arrasaram na campanha para achar a doadora de sangue!

Comentário 8

O perfil da prefeitura sempre me responde e disponibiliza as informações que eu preciso :).

Comentário 9

E foi pela criatividade desta página que publica de forma Clara informações de cunho público que escrevi um artigo abordando as redes sociais como fonte de disseminação de informações públicas.

Comentário 10

Melhor página de prefeitura que já vi!! Eu não moro em Curitiba mas espero que o governo daí seja tão inovador e irreverente como é no Facebook, se for Curitiba é um paraíso.

Comentário 11

Cwb eu te amo, prefspagevcs são fodas!!! Informação, prestação de serviço, bom humor, parabéns!!!

Comentário 12

Algo de sensacional o trabalho da galera que cuida do FB da Prefeitura de Curitiba!!!

Comentário 13

Curtam esta página e bem interessante você fica por dentro do que acontece em Curitiba.

Comentário 14

Exemplo que deveria ser seguido por todas as prefeituras do nosso país. Parabéns!
Comentário 15

Excelente página. Excelentes ideias. Excelente posts. Excelente humor.

Comentário 16

Prefs é demais! Sempre de ótimo humor! Acompanho sempre!

Comentário 17

A melhor página de prefs do Brasil!

Comentário 18

Sou apaixonada pela cidade, e vê-la sendo tão bem representada na internet me deixa tão feliz! Prefs arrasa!

Comentário 19

Agregando à nossa cidade sorriso! Curitiba tem que continuar sendo referência como cidade, e essa página mostra que pelo menos no facebook estamos sendo!

Comentário 20

Essa pagina e muito boa,nem parece que é de uma prefeitura...

Comentário 21

Exemplo de página governamental! Eu sou do Rio de Janeiro e já quero morar em Curitiba... :).

Comentário 22

São Paulo precisa de uma prefeitura que seja assim no facebook.

Comentário 23

Acho o humor da página sensacional!!! Melhor página de prefeitura, com certeza!

Comentário 24

Nem sou de Curitiba, mas oh página boa !! Mantenham o bom humor sempre expressado aqui!

Comentário 25

A página tem uma sacada massa! Tem feeling. Adoro! Sou de Fortaleza, mas já amo Curitiba por conta da Prefshaha!

Comentário 26

Eu queria ser de Curitiba hahahahaha Show pra vocês e que não seja apenas uma página engraçada, mas que o governo cumpra suas obrigações!

Comentário 27

Parabéns para esse equipe, a página é demais! Sempre com novidades para melhorar nosso dia.

Comentário 28

Amo as postagens super criativas e deixam todos antenados na notícias... Quero morar aiii.

Comentário 29

vou me mudar pra Curitiba kkkk que galera zoeira essa página faz uma divulgação fantástica do astral daí.